

CADERNO 13
REGRA DE ST. AGOSTINHO, BISPO DE HIPONA E DOUTOR DA
IGREJA

Do amor de Deus e do próximo

Da união e da vida comum

CAP I

1º - Primeiro que tudo, minhas caríssimas irmãs, amar a Deus e depois ao próximo, porque são estes os mandamentos que principalmente nos recomendou o Senhor. O que mandamos observar às que vivem num mosteiro é o seguinte:

2º Primeiro, que habiteis em comum na Casa do Senhor, tendo todas uma só alma e um só coração em Deus, pois que esse é o fim por que vos reunistes em comunidade.

3º E não possuais coisa alguma como própria, mas tudo seja de todas. E a superiora distribua a cada uma de vós o alimento e o vestuário, não igualmente a todas, porque as necessidades não são iguais, mas a cada uma conforme for mister. Assim o ledes nos Actos dos Apóstolos: “Que tudo era comum a todos, e a cada um em particular se assistia com o que necessitava.

4º Aquelas que, quando entraram para o convento, tinham alguns bens no mundo, hão-de levar a bem que sejam comuns a todas; porém, aquelas que nada tinham, não procurem no convento o que não puderam ter fora dele. Todavia, quando estiverem doentes, proveja-se às suas necessidades, com o que for preciso, embora fosse tanta a sua pobreza no mundo que não pudessem ter o preciso para a sua manutenção. Porém, não pensem que são felizes por ter encontrado no convento o comer e o vestir, que não puderam ter fora.

Explicação:

“Primeiro que tudo, minhas caríssimas irmãs, amai a Deus e depois ao próximo”.

1. Neste primeiro capítulo da sua regra o grande Doutor da Igreja Santo Agostinho recomenda dum modo especial às religiosas do seu Instituto que cumpram o Evangelho, porque da observância dos mandamentos depende a guarda dos

conselhos. Não pode ser boa religiosa quem não for boa cristã. Quem não cumpre os preceitos, como há-de guardar os conselhos?

E como as pessoas chamadas à vida religiosa devem cumprir os conselhos evangélicos, de pobreza, obediência e castidade, e como a vida religiosa é encaminhada à perfeição da vida, determina-se aqui que as religiosas amem a Deus e ao próximo, para que, disto, a que são obrigados todos os cristãos, subam elas a uma vida mais elevada, que é a apostólica, em que devem ser cumpridos, não só os mandamentos, mas também os conselhos.

2. Não diz Santo Agostinho que é ele o autor destes mandamentos, mas sim Deus Omnipotente, tendo sido manifestados e praticados, para nosso exemplo, por seu Divino Filho feito homem NSJC. É esta precisamente a súpula, a síntese, o resumo da Religião Cristã e nestes dois preceitos Nosso Senhor condensou, como se vê em S. Mat, 22-40, a Lei e os Profetas. E só no amor sobrenatural, como consta em S. Paulo aos Romanos, 13-8, se dá cumprimento à lei de Deus.

3. Destas breves considerações se depreende a excelência, a importância e a grande majestade da Regra de Santo Agostinho, porque tomou para a ordenar um fundamento tão perfeito e tão sólido, assentando tudo quanto prescreve sobre estes dois preceitos do Evangelho: amor de Deus e amor do próximo por Deus. Assim como aquele general que conquistou uma cidade depois dum longo assédio, lhe impõe o tributo que entende e lhe apraz, pelo muito trabalho e despesas que teve para se apoderar dela, assim também Nosso Senhor, tendo dado o seu sangue, a sua honra e a sua vida morrendo na cruz por nós, disse, como se lê em S. João, 13-36, que nos dava um mandamento novo que é este: “que nos amemos uns aos outros, como Ele nos amou, em Deus e por Deus”. Este mesmo tributo suave que o divino Redentor dá a todos os cristãos, Santo Agostinho o impõe às suas religiosas quando diz que primeiro que tudo amemos a Deus e ao próximo por amor de Deus.

“Tende todas uma alma e um coração em Deus, que é esse o fim para que vos juntastes em comunidade”.

4. Santo Agostinho dá logo a seguir a entender o fim para que as religiosas foram chamadas à prática da vida religiosa, isto é, não só para que vistam do mesmo

modo, comam à mesma mesa, rezem juntas em coro e em todo o exterior sejam como de fossem uma só, mas não parem aqui e vão mais longe, até à unidade do coração e até serem uma em espírito, amando-se umas às outras em Deus.

5. A vida de comunidade é vida perfeita e de grande utilidade. Por isso o Senhor disse que “onde estivessem dois ou três reunidos em seu nome, Ele estaria no meio deles”, como se lê em S. Mateus, 18,20. Por isso quanto mais dará o seu auxílio e acompanhará toda a comunidade onde não apenas duas ou três pessoas, mas muitas servas suas, que abandonaram o mundo e as suas vaidades precisamente para se reunirem dum modo permanente em seu nome, por seu amor, para sua glória? E se Ele acompanhou e consolou, cumprindo esta promessa, os dois discípulos que caminhavam no dia da Ressurreição pela estrada de Emaús, como é que havia de faltar às religiosas, que vivem em comunidade, se forem todas uma em amor e caridade?

6. Para compreender a grande vantagem e proveito da vida comum, basta considerar que, se Deus tivesse encontrado dez justos, que seria uma comunidade bem pequena, não destruiria pelo fogo as cidades de Sodoma e Gomorra, como se lê em Génesis, 18,32. Também convém aqui notar que a intenção dos fundadores de Ordens Religiosas foi despertar aquela viva imagem da primitiva igreja que, segundo diz S. Lucas, fazia vida comum, e em que eram todos de uma só alma e de um só coração em Deus. E porque não tinham nada que não fosse em comum e nem sequer por designação diziam, isto é meu, ensina-nos agora a falar como se fossemos crianças que viessem para a escola do Instituto, e diz: “Não possuís coisa alguma como própria, mas que tudo seja de todas”.

7. Platão, um dos mais sábios filósofos da antiguidade, imaginou uma sociedade ideal, em que tudo fosse comum e todos os membros fossem felizes, vivendo como irmãos. Escreveu um livro, em que descreveu essa sociedade, como ele a idealizava, e a que pôs o título de República. Se na república de Platão se usava esta linguagem unicamente para o bem da paz, muito mais assim deve ser num Instituto religioso, numa comunidade regular, para ter a alma em paz e para imitar a pobreza do Pai dos pobres, o Divino Redentor que, sendo rico, como diz S. Paulo, preferiu ser pobre, por amor de nós, desprezando as riquezas. No Céu não

haverá meu nem teu, tudo será comum; essa vida devem as religiosas imitar e é para lá viver que se preparam como tais, não possuindo coisa alguma nem mesmo designando-a como própria.

8. A pena daquela que faz o contrário, sendo proprietária, será grande, como se lê de Ananias e Safira, que guardaram uma parte dos seus bens para as suas necessidades, dando a entender que tudo deixaram por Cristo. Ambos caíram mortos aos pés de S. Pedro.

9. Sem dúvida, dizer, isto é meu, por algum descuido, não é contra o voto de pobreza; mas possuir como coisa própria qualquer coisa, seria grande pecado. Considerem por isso as religiosas que tudo deixaram por Deus. Não devem apegar-se a outras coisas, amando demasiado os livros, os vestidos, as imagens ou outras coisas semelhantes a estas. Não se pode chamar pouco o que prende o coração e o aparta de Deus.

10. Possui todas as coisas em comunidade, quer dizer que a religiosa nada tenha sem licença da sua superiora quando dê para fora da Congregação e nada receba sem vontade da que é superiora. Pecam as superioras que dão licença às suas religiosas para terem algum depósito na mão de e elas pecam também. As superioras têm poder e autoridade, mas não o têm para o que é destruição e não edificação e proveito das almas. E como a observância dos votos é de direito, não pode a superiora dispensar de nenhum deles.

11. Dê-se a cada uma aquilo de que precisa. A superiora dê a cada uma aquilo de que precisa, e não o que ela quiser. Esta precisão deve medir-se pelo que diz a razão e não segundo o que pede a sensualidade que tem mil motivos para querer cada vez mais.

12. O Instituto considera-se pobre se sofrer falta em todas as coisas, por isso a religiosa que mais sofrer e mais se esforçar por passar com menos será mais perfeita pobre de espírito. Uma Que é muito louvável nesta matéria é que a superiora se esforce por prover às suas religiosas do necessário que embora pobremente não lhes falte com o necessário; e as súbditas aprendam a sofrer as necessidades no vestir e no comer, por Deus, e que todo o seu cuidado seja servir e

amar a Deus, esquecidas do temporal. Muito devem trabalhar para chegar a esta perfeição, que é de Maria, quieta e tranquila, ocupada na contemplação.

13. É uma grande graça de Deus, concedida às súbditas, que as superiores tenham de fazer de Marta. Elas devem escolher a parte que lhes cabe, despreocupando-se de tudo e imitando a quietação e contemplação de Maria aos pés de Jesus, por cujo amor vão cumprindo os seus deveres elevando frequentemente seu coração ao do Divino Mestre.

Após o Noviciado

De ordinário a noviça faz bem o seu noviciado; é piedosa, é exacta nos exercícios, é fiel nas coisas pequeninas e recebe com fervor os santos Sacramentos da Confissão e da Comunhão. A obediência pouco custa à noviça; confia-se com simplicidade ao seu director espiritual; é perfeitamente indiferente para tudo, por seu adiantamento espiritual, e deseja ardentemente trabalhar na santificação das almas, numa palavra, a noviça dá, para o futuro, as mais belas esperanças e quase podia dizer-se dela o que foi dito do Santo Precursor: “O que julgas vir a ser ainda este Menino? Realmente, se conservar sempre o mesmo fervor e espírito de fé, se trabalhar sempre com o mesmo zelo em levantar o edifício espiritual de que tão bons fundamentos lançou, é certo que chegará a um grau muito elevado de virtude e de perfeição.

E porque havia de entibiar-se? Porventura não se trata sempre da glória de Deus, da própria salvação e da eternidade?

Mas, à proporção que se avança em idade, muitas vezes se recua em virtude, sobretudo em simplicidade e fervor. À proporção que aumenta o número dos benefícios de Deus, o nosso amor e reconhecimento diminuem.

Porque abandonar, deixar de praticar as virtudes duma noviça? Sem dúvida que elas não são suficientes e que é preciso acrescentar outras; mas longe de menosprezar as primeiras, é preciso pelo contrário trabalhar constantemente para fortificá-las em nós. Infelizmente há almas levianas e volúveis que parece terem começado bem, mas não têm coragem de perseverar em suas primeiras disposições. Durante o noviciado parece que não encontram difícil coisa alguma, nem na observância das regras, nem no exercício de obediência: nestas

disposições perseveraram durante os primeiros anos, mas em seguida relaxam-se, perdem pouco a pouco o espírito de fé, o exercício da presença de Deus; não se aplicam mais à oração e à meditação; quase não observam a modéstia e a seriedade no exterior; o seu coração seca e e depressa perde todo o gosto pela perfeição e sobretudo pela obediência. Então, entregues a si, estas almas ficam fracas e incapazes de resistência, não suportando por muito mais tempo o jugo do Senhor.

Ah quanto merece compaixão quem, tendo posto a mão ao arado, olha assim para trás e abandona as santas práticas da obediência! Que não tenham aplicação a vós estas palavras de S. Paulo aos Gálatas: "Por ventura perdestes o bom senso a ponto de acabardes pela carne, depois de terdes começado pelo espírito? (Gal III,3)

Que não seja assim convosco; pelo contrário, perseverai na generosidade e no fervor.

Não percais esta firmeza de coragem que mostrastes durante o noviciado e à qual se seguirá recompensa tão grande. (Heb X-35)

Fazei de sorte, recomenda S. João Baptista de La Salle, que as vossas principais virtudes, sejam a firmeza e a fidelidade na prática do bem; guardai-vos de relaxamento; pedi frequentemente esta firmeza e esta fidelidade tão necessárias para obter o dom da perseverança.

I – O que deve ser uma noviça que entra na comunidade

1. Durante o noviciado a jovem religiosa deve lançar sólido fundamento para o edifício espiritual, deve pois trabalhar sem cessar em levantar este edifício.
2. Deve ter grande estima do seu estado, aplicar-se a observar cuidadosamente as suas regras.
3. Deve ter toda a consideração para com suas irmãs e religioso respeito para com os seus superiores; a estes deve consultá-los a miúdo e aplicar-se a seguir-lhes os conselhos.
4. Deve fazer o possível para prestar serviços e desempenhar-se com o maior cuidado dos cargos que lhe são confiados.
5. Deve ser humilde, obediente, silenciosa, piedosa e nutrir sempre ardente desejo de fazer o bem.

6. Com exactidão irrepreensível a religiosa deve fazer os seus exercícios; sua modéstia na capela, no coro, nos corredores, em todos os actos da comunidade e em toda a parte deve ser um reflexo da modéstia de N. Senhor Jesus Cristo.

7. Cheia de caridade, deve servir-se dos seus olhos para só ver o bem de que é testemunha; deve fechá-los sobre tudo o que lhe parece menos conforme ao dever; e tendo de falar disso, só aos superiores.

8. Sobretudo deve estar convencida de que a sua virtude é pouco firme, que ao mais leves perigos e a mais pequenas provações lhe podem ser fatais; e que só se conservará virtuosa por meio por meio duma vigilância constante e da maior fidelidade às prescrições das santas regras.

Ditosa a noviça que em tais disposições entra em comunidade!

Examinai o vosso coração para ver que sentimentos o animam!

II – Importância do tempo depois do noviciado

O ano imediatamente depois do noviciado, dizia um mestre de noviços aos seus noviços, é muito perigoso, sobretudo os primeiros três ou quatro meses: é o tempo crítico de que depende toda a vida. Santo Inácio diz: “Quemlugar muito quente passa a outro frio ou húmido, facilmente se ressentir da impressão da atmosfera, se não se acautelar. Do mesmo modo quem do noviciado passa à vida de comunidade, corre o risco de perder em pouco tempo o seu fervor; pois, desde que as impressões da graça ainda não se consolidaram pelos bons hábitos, sem grandes precauções é impossível elas não diminuam, e que em seguida se não apaguem de todo”.

S. Vicente de Paulo nada receava tanto como ver as noviças da sua Congregação perderem o fervor ao deixarem o noviciado. Dizia que o passar dos exercícios espirituais para a vida activa é sempre perigo para aquelas que não exercem grande vigilância sobre si.

Quem se preocupa demais com o seu novo cargo, descuida-se da oração, da presença de Deus e do recolhimento e, se permite faltas voluntárias, movimentos de vaidade, alguma satisfação da sensualidade, depressa experimentará desgosto, secura e se achará exposta a perigosas tentações. Note-se bem que ordinariamente

uma jovem religiosa é tanto mais inclinada a esquivar-se de toda a prática que coíbe a concupiscência, quanto mais tinha de vigiar sobre si durante o tempo da provação. Parece crer que tudo lhe há-de ser permitido, porque já não está no noviciado, como se não houvesse para ela obrigação mais grave de redobrar de piedade, de modéstia, reserva, vigilância, à medida que se multiplicam os perigos sob os seus passos.

Sede pois atentas sobre vós e muito fiéis em vossos deveres. À noviça que sai do noviciado para ser colocada numa comunidade., mais particularmente está dito esta palavra: “Eu te digo, vigia”!

III – Só as noviças cheias de boa vontade adiantam na perfeição.

Por piedosas e fervorosas que tenham sido durante o noviciado, sempre deveis recear não perseverar em tão felizes disposições de alma; e deveis trabalhar na vossa salvação com medo e tremor, conforme diz o Apóstolo.

A experiência ensina que nos caminhos da virtude sem uma generosidade excepcional com o tempo se pende mais para o relaxamento do que para o progresso. O homem moral, bom e mesmo excelente a princípio, é mais inclinado a recuar para o lado do mal do que progredir para o bem. Por um Santo que diariamente sobe com generosidade de virtude em virtude, há uma multidão de tíbios que reinam e para quem está dito o que se lê na Imitação:”Se cada ano desarreigássemos um vício, em breve seríamos perfeitos”, mas muitas vezes, pelo contrário, sentíamos que éramos melhores e nossa vida mais pura logo ao deixarmos o século do que alguns anos depois da profissão. Cada dia devíamos crescer em fervor e virtude, e no entanto nos parece muito o termos conservado uma parte do primeiro fervor. Nos começos, diz um Bispo francês, Massillon, geralmente se é fervoroso e fiel, lançam-se os primeiros fundamentos do edifício espiritual com um zelo e ardor que parecem nunca poder-se desmentir; tem-se exemplos das mitigações mais justificáveis; tem-se horror das mais leves infidelidades; nada parece custoso, nada pode tolher a marcha; engolem-se, por assim dizer, as amarguras da obediência; não se sente mais o jugo das regras; vai-se voando para onde chama o dever e o exemplo; às obras prescritas se

acrescentam outras super rogatórias; enfim, nada parece demais ao zelo e fervor do começo.

Mas depois destes primeiros anos passados no fervor julga-se ter direito a descansar, deixa-se aos principiantes tal exactidão rigorosa demais; todas as mitigações e infidelidades se tornam por um privilégio do tempo e dos anos; desce-se a um regímen de vida mais acomodada aos sentidos e ao amor próprio; a sangue frio permitem-se omissões de que em outro tempo se teria dado grande exemplo; enfim tem-se a persuasão de que o tempo do fervor passou, e que é próprio só dos principiantes observar as regras e santos costumes em toda a perfeição e extensão. “Com o fervor e regularidade se vai a felicidade; a paz da alma desaparece; cede o lugar às perturbações e ansiedades! Praza ao céu que nunca tenteis de fazer em vós mesmas a experiência de tudo isto!

IV - “Já não estou no noviciado” - Ensino que se há-de tirar destas palavras:

Já não estou no noviciado! Quer dizer que, longe de diminuírem as minhas obrigações, contraí outras novas e mais importantes.

Já não estou no noviciado! Quer dizer que, tendo empregado dois anos inteiro em formar-me nas virtudes religiosas, não posso agora alegar ignorância dos meus deveres!

Já não estou no noviciado! Não basta pois não esquecer o que aprendi no noviciado; pois, se seria uma vergonha para uma estudante no fim do seu curso não estar mais adiantada do que no princípio, bem mais vergonhoso seria para mim passar meses e anos sem fazer progresso algum na ciência dos Santos. Lamentável até um grau infinito, infinitamente desgraçada seria eu, se cada dia andasse recuando no caminho da virtude; se depois de tantas confissões, comunhões, conselhos, graças recebidas, retrocedesse em vez de progredir!

Já não estou no noviciado! Devo, pois, ser mais fervorosa, mais fiel do que antes; se antes era aprendiz, agora devo ser operária hábil.

Considerai bem todas estas conclusões, tão opostas às que o demónio talvez vos sugere, para vos convencer de que já não estais obrigadas a uma modéstia tão

exacta, a uma regularidade tão perfeita, a um cuidado tão diligente dos exercícios espirituais, a um horror tão grande das pequenas faltas.

V – Diferença entre duas noviças, uma das quais persevera nas resoluções do noviciado e a outra não.

Duas jovens religiosas, igualmente chamadas por Deus, que durante o noviciado se adiantaram do mesmo modo no caminho da perfeição, são enviadas para uma casa do seu Instituto: uma delas continua fiel no caminho traçado, a outra afasta-se dele. O que será delas depois de alguns anos?

A primeira desconfiada de si e pondo toda a confiança em Deus, anda com precaução: se comete alguma falta, humilha-se e levanta-se depressa; progride sempre no caminho no bem; nutre em sua alma um desejo cada vez mais ardente de trabalhar a sua santificação e na do próximo. Cumprindo generosamente os deveres do seu estado, tem nisto muita consolação e mérito; a sua consciência como a do justo é em geral um contínuo banquete; se encontrar algumas provas ou dificuldades, deposita-as ao pé da cruz, onde elas perdem a sua amargura. Querida das suas discípulas, se as tem, estimada das suas companheiras, honrada com a confiança das suas superiores, abençoada por Deus, passa em toda a parte fazendo o bem e prepara para si uma seara abundante na gloriosa eternidade.

Mas que acontece àquela que, depois de ter trabalhado com zelo no primeiro tempo da vida religiosa, insensivelmente perde o fervor e cai em tibieza?

Torna-se leviana, vaidosa, susceptível, não podendo suportar o que humilha e contaria. Os seus exercícios espirituais deixam a desejar; as suas comunhões menos fervorosas, dão-lhe menos consolação e menos graças; pouco a pouco abandona as suas santas práticas. Ela quer ser o seu próprio guia e não aceita os sábios conselhos que lhe são dados.

Dá às suas companheiras e superiores o doloroso espectáculo dum fatal relaxamento. Com a piedade perdeu também a paz e a felicidade.

Não achando já consolação em Deus, procura-a entre as criaturas; procura e acha gosto unicamente na satisfação dos sentidos e do amor próprio. Já não considera sob o ponto de vista da fé a sua vocação, o seu cargo, as suas penas.

Vai desaparecendo a delicadeza de consciência; faltas leves a preparam e predispõem para faltas mais graves. Numa palavra, por uma vida tibia, relaxada, irregular, escandaliza as suas companheiras, destrói uma por uma as esperanças que nela se depositavam; coloca-se na impossibilidade de fazer bem às suas discípulas, cria-se toda a sorte de inquietações e penas, expõe ao perigo a sua vocação e salvação.

Depois de um, depois de dez anos, que diferença entre estas duas jovens religiosas saídas do noviciado com disposições quase idênticas! Que diferença durante a vida! Que diferença sobretudo depois da morte!

Que quereríeis fazer? Que quereríeis ter feito no fim da vossa carreira mortal? Pensai seriamente nisto e dirigi por aí os vossos primeiros passos. Do começo depende a vida toda.

Quantas são interessadas na

VI - Perseverança duma religiosa nas santas disposições do noviciado.

1. Nosso Senhor, que deu o seu sangue e a sua vida afim de alcançarmos a perfeição a que Deus nos chamou e que não quer perder os frutos da sua morte.
2. A Santíssima Virgem, que nos alcança tantas graças para nos tornarmos perfeitos e que espera sejamos um dia sua glória e sua coroa.
3. O nosso Anjo da Guarda, que com tanto zelo cuida em guiar-nos no caminho da santidade, afim de ter-nos um dia por companheiros na eternidade bem-aventurada.
4. Os nossos santos Protectores, os nossos Fundadores, se são santos e já morreram, as nossas companheiras e outras pessoas amigas que temos no Céu e que tão ardentemente desejam que lhes sigamos as pisadas e que tão eficazmente nos ajudam com a sua intercessão.
5. As almas do Purgatório, que tanto mais alívio receberão da nossa parte quanto mais perfeitos formos.
6. A Igreja, à qual seremos tanto mais úteis, se chegarmos ao grau de perfeição predestinado por Deus.
7. O Instituto a que pertencemos e ao qual prestaremos mais serviços se tivermos maior união com Deus.

8. As nossas discípulas, se somos mestras, para a santificação das quais contribuiremos à proporção do grau de santidade que possuímos.

9. As famílias e a sociedade toda para a qual só nos tornaremos verdadeiramente úteis, se formos boas religiosas.

Quantas almas Deus nos mostrará, que Ele teria salvo por nosso intermédio, se fôssemos perfeitos instrumentos para promovermos a sua glória! Que outras nos mostrará, que teríamos ajudado a santificar-se, se nós mesmos fôssemos santos!

Quantas outras que por muito tempo têm que ficar no Purgatório e que mais depressa dele teriam saído pelos nossos esforços, se as nossas obras tivessem sido mais valiosas diante d'Ele?

Oh! Que grande bem é chamada a fazer uma religiosa que compreende a sublimidade da sua missão e os piedosos motivos que a impelem a bem desempenhar-se dela!

VII – Não é de repente que se perdem as boas disposições do noviciado.

Eis aqui como o autor do livro “L’Ame élevée à Dieu” descreve o caminho trilhado por toda a religiosa que perde o fervor:

Cai no relaxamento pouco a pouco, descuida-se e desgosta-se da piedade; por fim rejeita a graça e resiste aos remorsos.

Hoje deixa uma prática, amanhã outra; hoje cai numa infidelidade, amanhã comete outra mais grave. Daí menos vigilância, menos recolhimento; mais cobardia, mais dissipação, mais repugnância pelo bem, mais inclinação para o mal; quanto não progrediu já no caminho do relaxamento!

Entretanto a carga de dia para dia parece mais pesada, o jugo mais duro; não se carrega com ele, mas arrasta-se com frouxidão; talvez se queixe em voz alta do seu peso.

Sacode-o quanto possível; enfim insensivelmente chegou a não ser o que era; e por uma mudança tão triste quão deplorável, fica muitas vezes tanto mais tibia quanto mais exacta e virtuosa tinha sido!

Quantas jovens religiosas estão sendo retratadas nestas poucas palavras! A princípio reservadas, temendo até a sombra do mal, agora correm às cegas no

caminho da perdição!... Que examinem o caminho já percorrido, o ponto donde partiram; que voltem até à raiz do mal: acharão aqui uma oração aborrecida, ali uma prática desprezada, mais um exercício de piedade abandonado; eis o princípio; movimentos da graça desdenhados, remorsos de consciência suprimidos; eis o progresso; uma infidelidade mais grave, uma falta mais notável, uma queda acarretando talvez outras quedas; eis o resultado fatal! Aonde irá parar?

Considerai ainda estas palavras tão sérias, tão judiciosas do P. Lallemand na sua doutrina espiritual: “A ruína das almas vem do grande número de faltas veniais, que causa diminuição das luzes e inspiração divinas, das graças e consolações interiores, do fervor e ânimo para resistir aos ataques do inimigo. Daí a cegueira, a fraqueza, quedas frequentes, mau hábito, insensibilidade, porque, uma vez que haja afeição ao pecado, peca-se sentir”.

Portanto se quereis perseverar, temei as faltas leves e sede fiéis nas coisas pequenas.

VIII – Sinais do relaxamento na jovem religiosa.

1. Descuidar-se das resoluções tomadas no noviciado; perder pouco a pouco o costume das práticas piedosas tomadas aí.
2. Descuidar-se muito da oração, não tratar nem de preparação remota, nem de preparação próxima; não seguir o método do recolhimento, não se propor algum fim bem preciso; não tomar resolução alguma, ou tomá-la dum modo vago, e não pensar nela durante o dia; fazer a meditação unicamente para poder dizer que a fez.
3. Usar de subterfúgios, astúcias ou dissimulações; não querer reconhecer seus erros, levar a mal os avisos das superiores, frustrar quase a direcção por falta de fidelidade aos avisos recebidos.
4. Negligenciar a preparação para os Sacramentos; não cuidar de tirar proveito deles, confessar-se, comungar, como se fazia outra acção qualquer, talvez mesmo só com receio de dar que falar, ou somente para fazer como as outras fazem.
5. Rezar as orações sem atenção nem fervor; ter na capela e nos exercícios espirituais um porte negligente e leviano, sem nenhum sinal exterior de piedade.

6. Não ter para com as superiores e particularmente para com o director espiritual o respeito, a submissão e confiança exigidas pelas santas regras; em vez de ver neles os representantes de Deus, considerá-los só como criaturas mais ou menos instruídas, mais ou menos virtuosas; espiar maliciosamente a sua maneira de proceder; querer fiscalizar os seus actos, pensar ou falar mal deles, com gosto escutar os que censuram a sua conduta.

7. Fazer só pró-forma o exame particular, não o aproveitar para combater o defeito predominante, tornar assim inútil este poderoso meio de santificação.

8. Não se incomodar nada com as faltas veniais, cometendo-as a sangue frio sem remorsos de consciência.

9. Não fazer caso das graças interiores, luzes, inspirações, bons movimentos, atractivos para o bem, salutareos remorsos; privar-se destas graças pelo abuso das mesmas, e achar-se reduzida a um estado de secura, frieza e insensibilidade para com Deus, estado esse que difficilmente se chegará a mudar.

10. Estar cheia de faltas, sem trabalhar para emendar-se; levar a mal os avisos das pessoas caridosas que as observam; discutir com estas pessoas querendo provar que se enganam, e conservar-se assim num endurecimento espiritual moralmente incurável.

11. Não se aplicar aos deveres do seu estado; perder o tempo, descuidar a instrução religiosa das discípulas e a vigilância sobre elas; ou então trabalhar com ardor, mas com vistas puramente humanas.

12. Gostar de se exhibir no mundo, faltar de modo notável à vigilância sobre os olhos; procurar agradar; e para esse fim, na maneira de vestir, posição e andar, dar-se ares de affectada, preciosa, mundana.

Tais são os sinais de relaxamento.

Para constituir o estado tão deplorável da tibieza, não é preciso que se achem todos reunidos; se achardes alguns em vós, deve bastar-vos isso para vos causar justos receios.

A uma jovem religiosa que se entibia.

Depois de teres levado corajosamente o jugo do Senhor, que de cair do teu primeiro fervor? Quereis acabar pela carne depois de teres começado pelo espírito?

Por ventura é Deus agora menos amável, menos digno de ser respeitado, honrado, obedecido, do que quando te consagraste ao seu serviço? Estarás por acaso mais confiante desde que és menos generosa?

Aonde te levará a larga estrada do relaxamento em que entras?

A tibieza derrubou aos que eram altos e fortes como os cedros; como frágil arbusto que és, como poderás resistir e ficar de pé?

De negligência em negligência, de falta em falta, cairás no abismo do pecado.

Depressa perderás o gosto por uma vocação cujos deveres não cumpres.

Perecerás como tantos outros.

Treme à vista dos perigos que te ameaçam Toma para ti as terríveis palavras que S. João, por ordem de Deus, dirigiu ao Bispo de Éfeso: “Tenho contra ti que deixaste a primeira caridade. Lembra-te de onde caíste, faz penitência e torna a fazer as primeiras obras, senão eu virei depressa contra ti para remover o teu candelabro para outro lugar” (Apoc II,51)

Toma estas palavras para ti; ainda é possível remediar o mal; em breve talvez não haja mais tempo; pensa nisto. (Imitação, livro I, cap.25)

IX - O que se deve fazer, reconhecendo-se que se cai em tibieza

1. Cair seriamente em si
2. Procurar compreender a profundidade do abismo em que ia precipitar-se
3. Meditar seriamente nos pontos precedentes sobre a importância de perseverar nas disposições do no viciado.
4. Fazer uma confissão geral, ou ao menos uma revista sobre o tempo desde os primeiros começos da tibieza
5. Ter confiança filial no seu Director e executar fielmente os seus avisos, ainda mesmo quando for difícil executá-los. Para grandes males grandes remédios.

Quando há verdadeiro desejo de emendar-se não se faz caso da pena

6. Começar algumas práticas especiais de devoção para com a Santíssima Virgem e S. José, afim de obter a graça de voltar ao primeiro fervor.

7. Se for necessário, expor aos Superiores o desejo de passar algum tempo no noviciado na piedade afim de se renovar na piedade; quantos não obtiveram já perseverança e salvação, só por terem passado alguns dias em retiro e solidão.

8. Precaver-se particularmente contra as faltas e negligências, que foram a primeira causa da tibieza.

9. Estimular-se a si próprio, dizendo do fundo do coração: “Eis que quero renovar tudo”. (Apoc.21,5).

Exclamar com o profeta: “Confirma os meus passos no caminho que conduz a Vós, para que não venha a vacilar. (Sl 76,51)

Perseverança

O que importa não é tanto o começar bem como o bem acabar (S. Agostinho)

Na construção duma casa o mais difícil não é o começar os fundamentos, mas o chegar felizmente a colocar a última pedra.

De nada te serviria o ter começado bem, se tivesses de acabar mal.

S. Paulo começou mal e acabou bem.

Judas, tendo começado de modo louvável, acabou por ser reprovado.

A coroa é prometida não a quem começou bem, mas a quem viveu santamente até ao último dia.

Na idade ainda tenra tiveste a coragem de fazer os mais generosos sacrifícios, de suportar as mais rudes provações; e dois, três, cinco, dez anos depois fraquejarás, deixarás de seguir este caminho!... Que inconstância! Que covardia! Que loucura!

“Noventa anos já são que sirvo a Jesus Cristo, disse S. Policarpo a seus algozes, e Ele só me fez bem, e agora haveria de renunciar a Ele e deixar o seu serviço?! Não, mil vezes não!

Usa sempre a mesma linguagem: coragem e perseverança!

Se tivesses a desgraça de recuar depois de ter começado generosamente, um dia deverás comparecer diante d’Aquele que diante de seu Pai Celeste negará a quem o negou diante dos homens. (Mat 10,33)

Para justificar as tuas infidelidades, talvez lhe digas: já me custava obedecer, não tinham atenção nenhuma para comigo; tinha que suportar humilhações, injustiças, privações de mais; estava exposta a ser caluniada, perseguida!

Que desculpas a serem apresentadas a um Deus privado de tudo, açoitado, coroadado de espinhos, pregado na cruz!

“Era mister que Cristo padecesse para entrar na sua glória”, e tu não querias sofrer nada!...

Por ventura será o servo superior ao amo?

Os santos religiosos por acaso se arrependem no céu de terem sacrificado a liberdade, prazeres, honras?...

Que pensam no inferno os que se perderam por procurarem os gozos tão enganadores e passageiros da terra?

Que desejarás ter feito na hora da morte? “Senão queres fraquejar na provação, lembra-te da recompensa que lhe seguirá. O agricultor muitas vezes desanimaria em seus trabalhos, se não se lembrasse do galardão reservado às suas fadigas. Lembra-te também de recompensa que Deus te prepara e acharás bem pouca coisa tudo quanto deves sofrer. (Stº Agostinho)

“Olha para o Céu: não o dês a troco da terra”. “Olha para Jesus Cristo: não o abandones por amor do mundo”. “Olha para a eternidade: não a percas por um momento”. (Ravigaan)

“Corre na liça de modo que obtenhas o primeiro”. “Só será coroadado aquele que tive legitimamente combatido”. (Tr. 11,51)

“Sê fiel até à morte e eu te darei a coroa da vida. Ap II,10)

Perigos da vida religiosa

Há pessoas que, ao abraçarem a vida religiosa, se julgam, por esse facto, ao abrigo dos perigos do mundo. É uma ilusão e uma ilusão tremenda. As casas religiosas, pensam elas, são casas de Deus. São como um porto, onde não há tempestades bem riscos de naufrágio, como uma fortaleza inexpugnável, onde os perigos da nossa alma, o mundo, o demónio e a carne não podem entrar, são como um paraíso na terra, onde se vive com Deus, se ama e serve a Deus, se está contente junto de Deus, são como um navio que, por um mar bonançoso nos conduz

directamente ao Céu, no meio da paz, da caridade e da felicidade. Mas, se é verdade tudo isso, também é verdade que quem entra numa casa religiosa trás consigo as más inclinações que tinha no mundo, que o demónio entra lá com o seu ódio, com a sua raiva e com a sua astúcia e que se os perigos são menos numerosos, oferecem menos atractivos e são mais fáceis de conhecer e de evitar, não é menos certo que existem e que não exigem precauções menos minuciosas que no mundo.

Pode-se cair numa casa religiosa no inferno, exactamente como do mundo; com a diferença de que a queda é mais terrível, porque se cai do mais alto. Quem abusou de mais graças e de graças mais importantes e mais preciosas, merece maior castigo, porque se tornou mais culpado. Diz S. Bernardo que não é a santidade do estado que nos pode salvar, mas sim o estado de santidade, que não é o lugar que santifica as pessoas, mas as pessoas que devem santificar o lugar, que há almas que se perdem no lugar mais santo e mais elevado.

Os anjos caíram no Céu, Adão e Eva caíram no Paraíso terreal, Judas caiu vivendo na companhia de Jesus.

Quanto maior for o amor de Deus por uma alma neste mundo, tanto maior será o castigo que lhe aplicará, se tiver sido infiel; o seu desprezo pela alma ingrata que o abandonou estará em proporção com a generosidade de que usou para com ela sobre a terra.

Os perigos da vida religiosa são muito para temer, porque o demónio procura ocultá-los com todo o cuidado. Ele tranquiliza-nos persuadindo-nos de que há em nós a vontade firme e decidida de não cometermos nenhum pecado mortal. Sem dúvida vós não quereis pecar gravemente, mas se habitualmente viveis dissipadas, procedeis de ânimo leve, desprezais, não certamente com desprezo formal, mas na realidade as pequenas observâncias da regra, quem nos garante que não sereis pouco a pouco, quase sem dardes por isso, conduzidas a cometer um pecado mortal? É por degraus e não de repente que, sobretudo, na vida religiosa se desce até ao abismo. Como o demónio se esforça por enganar a alma consagrada sobre a natureza das faltas que ela comete e das concessões que faz à sua vontade, ao seu

amor próprio e ao seu gosto das comodidades, proporcionando-lhe assim..... senão falsa tranquilidade.

Ele não lhe diz: não te mortifiques, mas sim: essa mortificação é prejudicial à saúde. Tu és fraca. Tens obrigação de as tuas forças. Se adoeces não serves para nada, tornas-te um peso para a casa.

Ele não lhe diz: deixa a oração, mas, a oração tal como a fazes, é incómoda para ti. A assistência ao coro enerva-te, produz no teu espírito más disposições. A oração feita com a comunidade cansa-te.

Ele não lhe diz: não cumpras a regra, mas, S. Paulo declara que a lei não se fez para os justos, pois o justo já possui o santo amor e o amor não carece dos rigores da lei. Assim, o demónio serve-se das próprias palavras do Apóstolo, deturpando-lhe o sentido, para iludir a pobre alma. A palavra “lei”, na Sagrada Escritura, significa muitas vezes, e uma delas é precisamente esta passagem, a, a pena pelo da lei contra as suas transgressões e o que S. Paulo quer dizer é que o justo, porque ama a Deus, cumpre fielmente a sua lei e por isso não incorre na sua sanção, isto é, não precisa do castigo nem da ameaça do castigo para obedecer à lei.

Ele não lhe diz: Distrai-te, dissipa-te, mas, tu és muito nova, precisas de expansão, não podes guardar o silêncio e o recolhimento, como as pessoas de idade.

Ele não lhe diz: não sejas modesta no hábito, no andar, na guarda dos sentidos, especialmente da vista, mas, no que fazes não há mal algum, não sejas escrupulosa.

Ele não lhe diz: desobedece, não faças caso do que a superiora manda, mas, a superiora pode enganar-se e com frequência se engana, a minha opinião é melhor que a dela, mais útil, mais proveitosa para a comunidade, mãos sensata, mais razoável, a superiora não é justa, não é equitativa, não trata a todas por igual, ela não quer que a procure tantas vezes, mas eu preciso de lhe falar de lhe dar este recado, de lhe fazer esta pergunta ou esta observação.

Ele não lhe dirá: falta à caridade para com as tuas companheiras, mas, isso não tem importância, é uma palavra dita de passagem e sem intenção de fazer sofrer, é uma leve troça, é uma pequenina murmuração, e um simples movimento de

enfado, de impaciência que passa depressa. Aquela companheira é tão brusca, é tão seca, é tão antipática, nunca condescende comigo, está sempre de pé atrás, acha que está mal tudo quanto eu faço, está-me sempre a dar sentenças... é justo que de vez em quando, eu lhe faça sentir que não me agrada a sua maneira de ser e de proceder e isto é até uma prova de caridade para com ela.

É preciso que tenhais sempre o santo temor de Deus, esse temor filial que é um dos dons do Divino Espírito Santo, é preciso que peçais continuamente esse dom precioso, para serdes vigilantes, tímidas, delicadas, condescendentes, humildes para receberdes bem uma repreensão, mesmo quando vos parece que a não mereceis, fortes para resistirdes a todos os impulsos das paixões, a todas as tendências desordenadas da natureza, fiéis à oração, prudentes para conhecerdes todas as ilusões e distinguides todos os perigos da vida religiosa, tanto mais para recear quanto mais eles se disfarçam e se ocultam não raro sob a capa de virtude.

Alguns dos perigos da vida religiosa provêm da memória, da imaginação e do juízo.

São três os guardas, as sentinelas destas faculdades: a oração, a vigilância e a mortificação. Se esses guardas cumprirem bem o seu dever, nada há a recear. Mas, se se descuidam, a memória, a imaginação e o juízo experimentam de tempos a tempos uma efervescência que é de molde a assustar uma consciência delicada. Se não se domina essa efervescência, que é impossível de dominar mais tarde, quando não se domina logo de princípio, que produz esses maus espíritos que são chamados com razão os flagelos das comunidades.

1. O primeiro flagelo é o espírito de dissipação. Este espírito é alimentado pelas palas palavras inúteis e pelos pensamentos vãos. As palavras inúteis pronunciam-se por irreflexão, pelo gosto de falar, de..... por ociosidade e às vezes com o pretexto de que é preciso e pronunciam-se nos corredores, à porta das celas, na cozinha, no refeitório, na rouparia e até na capela ou então proferem-se na sala de visitas, com as pessoas da nossa família ou das nossas relações, nesses longos entretenimentos em que se perde todo o fruto da oração, ouvindo ou contando novidades e talvez também murmurando, e em que a alma se torna quase sempre um pouco menos interior do que era antes. O espírito de dissipação é alimentado

pelos pensamentos vãos que passam pelo espírito uns atrás dos outros como as nuvens pelo firmamento. Esses pensamentos apresentam-se especialmente durante a meditação, a recitação do ofício, o exame de consciência, a visita ao SS^o Sacramento, a hora de oração, o quarto de hora de companhia a Nossa Senhora e não podemos facilmente desembaraçar-nos deles, porque, por culpa nossa, os deixámos aclimatar em nós.

2. O segundo flagelo é o espírito mundano. Este espírito é alimentado pelo hábito de ver, de julgar, de apreciar tudo, pessoas, coisas e acontecimentos, à luz do mundo, segundo um critério puramente humano, como se não devêssemos nós, cristãs, nós, almas consagradas, considerar tudo com a luz da fé que é a única verdadeira. Assim, vemos as pessoas, por exemplo, as superiores e as companheiras, e esquecemos Aquele que elas representam ou nas quais está representado. Vemos num acontecimento o que ele tem de penoso ou de consolador e esquecemos que é Deus que o quer ou que o permite e que os seus efeitos encerram alguma coisa de divino e de útil para a nossa santificação. Pensamos no tempo presente e esquecemos a eternidade, não dizendo: “de que é que isto me serve para a eternidade?”

O espírito mundano é ainda alimentado pelo hábito do desejo que a religiosa às vezes tem de ser vista, de ser elogiada, de ser apreciada, de estimar os empregos que põem em evidência, de repelir tudo que a humilha e rebaixa, por pouco que seja.

3. O terceiro flagelo das comunidades é o espírito de curiosidade. É alimentado pelas notícias recebidas de fora de mil maneiras; ou da Irmã porteira, que se interroga com jeitinho e com arte, ou das visitas na sala de visitas que são ouvidas com o maior interesse e que se incitam a contar. É alimentado pelas notícias de dentro que se sabem, porque se observam, se expiam todos os passos, todos os gestos, todos os movimentos das superiores ou das Irmãs; sabe-se quais foram as Irmãs que estiveram na sala de visitas e quanto tempo lá de demoraram; sabe-se quais foram as que não assistiram a um determinado exercício, ao coro, ao refeitório, ao recreio, as que a superiora chamou para lhes falar ou as que espontaneamente foram ter com ela; sabem-se as cartas que se receberam, de

quem e para quem; pelos gestos ou pelo aspecto de algumas Irmãs que estavam a falar, adivinha-se o que disseram e repete-se como coisa certa.

4. Finalmente, o espírito de crítica é o último flagelo. É alimentado pela ideia exagerada que cada Irmã do seu critério, do sem bom senso, do seu valor pessoal, do seu saber, da sua experiência. Ela tudo vê, tudo examina, tudo escuta, tudo investiga e quer que o que ela pensa se torne lei para todas. Tudo passa perante o tribunal desse espírito em que já não habita Jesus tão manso, tão humilde, tão benévolo, tão generoso, tão condescendente. As superiores, as Irmãs de coro, as Irmãs conversas, as Irmãs oblatas e é inflexível para com todas.

Perigos que provêm do coração:

Esses perigos podem nascer do coração que se desprende com tão grande dificuldade das afeições do mundo. Falo só dessas afeições legítimas que Deus quer, que Deus aprova, que Deus abençoa, mas às quais ela renunciou em certa medida para se consagrar ao Senhor e com que se preocupa demasiado, alimentando-as, recordando-as, desejando sentir ainda todas as suas doçuras. Refiro-me, sobretudo, à afeição pela família, pelos pais, que, continuando a ser excessivamente natural, pode prejudicar imenso uma religiosa. O quarto preceito da lei de Deus manda amar o pai e a mãe. Por isso a observância dos conselhos evangélicos não destrói esse preceito. É perfeitamente compatível com ele. Ninguém, nem mesmo uma alma consagrada a Deus deve esquecer o pai, a mãe, os irmãos, as irmãs e as palavras de Jesus que convidam a deixar o pai e a mãe para o seguir e que dizem que aquele que ama mais o pai ou a mãe do que o ama a Ele, não é digno d'Ele, não significam que se deve apagá-los da memória e do coração. Quem deixou o mundo para entrar numa casa religiosa tomou o compromisso de amar os pais numa maneira mais sobrenatural do que antes, isto é, de se ocupar especialmente da sua salvação eterna e de modo nenhum ou então secundariamente dos seus negócios temporais. Só em dois casos raríssimos e verdadeiramente excepcionais é que uma religiosa seria obrigada a deixar a comunidade, temporariamente, para valer ao pai ou à mãe: o caso dum pobreza completa que exigiu para a sua subsistência o trabalho da filha ou uma doença de tal ordem e em tais circunstâncias que só ela os pudesse salvar. Fora desses dois casos

..... uma religiosa não deve preocupar-se senão dum modo superficial com a prosperidade, com a situação material dos seus pais. Menos ainda deve ela aconselhar, dar a sua opinião, servir de empenho, esforçar-se por arranjar emprego, colocação para os irmãos, ou para as irmãs. E que dizer se essa preocupação de material, fosse mais longe e se estendesse aos sobrinhos, primos e afilhados? Diz Santa Teresa que uma religiosa por assim proceder tem a alma muito doente.

Nestas condições, o coração perde a paz, perde mesmo a devoção; já não pertence à sua comunidade, voltou para a sua família e chega por momentos a arrepende-se de a ter deixado. Esses perigos podem provir ainda desse pobre coração que se afeiçoa tão facilmente e com tanta força, às vezes tão apaixonadamente, a uma superiora, a uma companheira, a uma criança, a qualquer pessoa que por ele se interesse, por pouco que seja e que julgando não poder viver sem uma afeição sensível, aspira sempre a amar e ser amada.

Pobre coração! Às vezes, quando depois de muito trabalho, de muitos esforços, de muitas lutas e ordinariamente de muitas decepções, conseguiu – ela pelo menos assim o pensa – desprender-se das criaturas humanas e de todas essas amizades particulares que são tão perigosas, afeiçoa-se a uma ave, a um animal doméstico, a uma pomba, a um gato, a um coelho, a uma galinha, da qual trata, que acaricia de que não se pode separar e pela qual chora quando a morte lha arrebatava. Se semelhante afeição pelos animais é insensata numa pessoa do mundo, muito mais o é numa alma consagrada a Deus.

Perigos provenientes da vontade

Estes perigos podem ter a sua origem na fraqueza, na pusilanimidade, na cobardia da vontade habituada a flutuar entre o dever e o prazer e a examinar onde começa a falta e onde acaba o dever para se permitir tudo o que é possível sem cometer pecado. Quando a vontade é assim, dificilmente deixará de sucumbir algumas vezes ao ser atacada pelas paixões, ela que é tão pouco generosa sempre que se trata de afastar os pensamentos e os sentimentos que perturbam durante a oração e de fugir das ocasiões que, sem serem precisamente más, são perigosas.

Perigos provenientes dos sentidos

Muitas vezes os sentidos parecem dominados e uma coisa de nada basta para os exaltar, parecem num estado de morte, e um olhar, uma palavra, uma lembrança basta para electrizar. Não devemos fiar-nos nessa paz, mesmo quando ela exista há muitos meses, há muitos anos. Não devemos dizer: sou feliz, nada me impressiona como antigamente. E, contando com essa insensibilidade que não é senão aparente, não vamos permitir-nos essa leitura fútil, divertida, um pouco mundana que esconde pensamentos de desgosto pela vossa vocação, essas demonstrações exteriores de amizade que vão provocar em nós sensações que nos conduzem a desejos culpados, esse deixar correr na nossa atitude, nos nossos olhares, que dará entrada na nossa alma a uma multidão de pensamentos de que não poderemos livrar-nos senão com muita dificuldade.

Perigos provenientes da Regra e do emprego

Estes perigos podem nascer:

1. Do próprio cumprimento da Regra que o hábito leva a seguir por rotina.
2. Do emprego que o cansaço leva a descuidar nalgumas das suas particularidades.
3. Do conjunto da vida religiosa que se torna pesada, porque se perdeu pouco a pouco o fervor e se caiu na tibieza.

São três doenças terríveis que podem atacar a alma: a rotina, a negligência e a tibieza.

1. **A rotina.** A rotina consiste em proceder na comunidade como opera na estrada uma máquina que é empurrada; essa máquina é puramente passiva; vai, vem, avança, unicamente porque é empurrada. Há nas comunidades almas que são assim: pouco enérgicas por temperamento, deixando-se invadir pela preguiça e pela indolência e, como a Regra dá à comunidade um movimento uniforme, elas seguem a corrente: vão para a capela, para a recreação, para o trabalho, porque se vai. Elas operam sem reflexão, sem motivo, sem exame; quando um exercício acaba, começam outro, depois outro e é tudo. A sua vida é maquinal, talvez chamem a essa vida uma vida regular, mas não é verdade: nem vida regular e nem

vida sujeita, uma vida exacta, que tem um fim conhecido e desejado, um fim elevado e a regularidade material não é senão o meio de atingir esse fim.

Esta maneira de viver, de proceder tem sem dúvida graus diversos, mas, em todos esses graus, ela causa à alma um enorme prejuízo: destrói todo o espírito interior e toda a devoção, impede o fruto das confissões e das comunhões, tira o mérito que dá a intenção a toda a boa obra feita em estado de graça e a todo o sofrimento suportado por amor de Deus e deixa a alma morrer de inanição.

Uma vida assim rotineira, não é a vida duma religiosa, nem a duma cristã, nem sequer a duma criatura racional. Antes de cada uma das nossas acções digamos com paz e calma: “Vou praticar esta acção, desta maneira, por este motivo, e deste modo, quero contentar o meu Deus.

2. A negligência nas coisas pequenas. Dá-se o nome de pequenas coisas às observâncias e às prescrições que nos são impostas pela regra, pelo horário, pela vontade da superiora quase a cada instante do dia que não exigem para o seu cumprimento senão pouco tempo e cuja violação não constitui senão uma falta de pouca importância, cada vez que se comete.

Essas pequenas coisas encontram-se naquilo que podemos chamar da ordem do dia: o levantar da cama ao primeiro toque da sineta, da fidelidade em ir para onde o primeiro toque da sineta chama, a pontualidade em deixar o trabalho principiado, logo que a obediência manda, a marcha antes vagarosa que precipitada ao subir ou descer uma escada (atenção), o número de orações a recitar à hora marcada para isso.

Encontram-se também na atitude que exige que se ande habitualmente com os olhos baixos, que indica a maneira de se sentar, de ter as mãos e as pernas, de estar de joelhos ou em pé de rezar a oração, de segurar o livro do ofício, de fazer as diferentes cerimónias prescritas para o coro, para o capítulo, para a acusação das culpas, de usar esta ou aquela peça de vestuário, de vestir desta ou daquela maneira. Encontram-se ainda na cela, a propósito da ordem que nela deve reinar, dos objectos que nela devem estar, do lugar e do modo como devem estar, no refeitório, a propósito do momento em que se deve desdobrar o guardanapo, da maneira como é preciso segurar ou colocar os objectos que se utilizarem.

Encontram-se igualmente nas relações mútuas de caridade ou de delicadeza: fórmulas a empregar quando se fala, quando se escreve, quando se pede alguma coisa a uma superiora. Há Institutos religiosos em que não se fala às Irmãs senão tratando-as por minha querida Irmã e à superiora senão dando-lhe o título de minha boa ou minha reverenda mãe.

Encontram-se enfim nas relações de amizade em que se proíbe mesmo tocarem-se com as mãos por afeição ou estarem duas juntas sozinhas durante o recreio, e em que se fixem as horas para ir à sala de visitas, o tempo para lá estar, a maneira de lá proceder.

Todas estas observâncias são pequenas, são apenas laços imperceptíveis, mas unem entre si as pérolas dum colar; são apenas fios, mas ligam entre si diversos bocados de pano que, reunidos formam um todo. Cortar um deles é certamente pouco, mas é preparar uma desorganização que pode tornar-se geral, se não se lhe opuser resistência.

A negligência nas pequenas coisas torna-se nas mãos do demónio um meio de sedução. Quando quer desviar uma religiosa do cumprimento do seu dever, não lhe propõe que cometa faltas graves, desobediências formais, transgressões sérias, por exemplo, da virtude da pobreza; dir-lhe-á simplesmente ao impeli-la a algumas leves transgressões à sua regra, a algumas pequenas satisfações para aligeirar um pouco a sua vida penosa e dura: “é tão pouca coisa” e assim habitua-a à desordem, à preguiça, à murmuração. É que o demónio compreende muito bem, compreende muito melhor que nós este oráculo dos livros santos: “Aquele que descuidar as pequenas coisas cairá nas grandes faltas”. (Eccl XIX,1) e estas palavras de Nosso Senhor:”Aquele que peca nas pequenas coisas pecará também nas grandes (Luc XVI,10).

A negligência nas pequenas coisas, que conduz necessariamente às pequenas faltas, ainda que não levem uma religiosa a cometer faltas graves, arrefece na sua alma o amor de Deus que é, unicamente ele, o que lhe faz sentir as alegrias da vida quer abraçou, essa negligência faz-lhe perder a delicadeza de consciência que a sua alma como que dum dupla muralha e a preserva dum grande número de quedas. Ela fortifica as inclinações contrárias à lei de Deus que cada

um de nós sente no fundo da sua alma e essas inclinações acabam por arrastá-la sem que ela o suspeite. Ela leva-a por assim dizer, a fazer cálculos com Deus cingindo-se ao que ela chama de essencial e Deus por seu turno, usa de reserva. A pobre alma iludida mede as suas homenagens, a sua obediência, a sua fidelidade, a sua piedade, Deus mede a sua benevolência, a sua protecção, o seu amor.... Ela recusa a Deus o que, segundo ela diz, não lhe deve absolutamente e Deus recusar-lhe-á os auxílios privilegiados necessários à sua fraqueza nos dias de tentação e as graças de eleição reservadas aos seus amigos. A negligência das pequenas coisas produz pequenas feridas no seu coração, no seu espírito, nos seus sentidos, feridas leves sem dúvida, mas que multiplicando-se, alteram o princípio da vida espiritual e ameaçam extingui-lo. Note-se esta gradação: “o justo descuida-se e enfraquece; a graça diminui; o homem de pecado fortifica-se; o religioso definha-se, o cristão desaparece”.

A alma religiosa que se tornou assim negligente, deve sacudir sem demora o torpor que dela se apoderou. Se ela soubesse os méritos que poderia adquirir sendo fiel nessas particularidades, nesses pormenores, nessas pequenas coisas de todos os dias que parecem passar despercebidas.

Sendo fiel glorifica a Deus que vê nela uma serva boa e delicada que cumpre a sua vontade até nos menores detalhes e que a cumpre com amor.

É que é preciso que ame verdadeiramente a Deus para ser exacta e pontual em todas as coisas, para sacrificar a um desejo expresso por Deus uma satisfação legítima ou um trabalho começado, deixando, logo que a campainha toca um serviço, uma ocupação, uma obra que lhe agrada, uma Irmã cuja conversa a encanta, um livro que a prende e entretém, mesmo numa carta principiada ou uma frase meio formada.

É preciso que ame verdadeiramente a Deus para lhe dar a cada instante do dia e durante uma vida inteira, a sua vontade, os seus membros, as suas forças, os seus gostos particulares, porque tudo isso supõe uma alma heróica. Essa fidelidade constante às pequenas coisas não pode ser senão o resultado do espírito de zelo que não deixa escapar nenhuma ocasião de agradar a Deus e de o louvar – do espírito de renúncia que se presta a esse insignificante serviço obscuro em que os

sacrifícios multiplicados pedem muito à natureza e não deixam nada à vaidade, – do espírito de reconhecimento que, comovida com a liberalidade de Deus a seu respeito, quer dar-lhe sempre mais – do espírito de humildade que, vendo a desproporção infinita entre o que pode a criatura e o que Deus merece, procura suprir com a intensidade do amor e com a fidelidade de todos os minutos a fraqueza das suas acções, - e enfim do espírito de fortaleza e de generosidade que, na atenção constante às pequenas coisas, quer fazer de todos os dias, de todas as horas, de todos os minutos, outros tantos sacrifícios a Deus a quem se consagrou. Sendo fiel, santifica-se, e da maneira mais segura e mais inabalável, por isso mesmo que faz tudo, impelida pelo amor que tem a Deus. Com certeza, não é a vaidade, não é o amor próprio que pode levá-la à fidelidade nas pequenas coisas, é só o amor de Deus, porque só ele vê e aprecia o que ela faz e o quanto lhe custa o que faz.

De resto, ela bem sabe que uma acção não é na realidade grande e sobretudo santificadora pelo ruído que produz, mas pela intenção com que a faz, pelo movimento da graça que a inspira, pela aprovação que Deus lhe dá e pela recompensa que lhe quer atribuir.

Que ela seja, pois, fiel como, como uma boa serva de Deus, e um dia Deus, seu Senhor, lhe dirá: “Eu contei tudo e vou recompensar tudo. Os teus sacrifícios eram leves, mas tu os multiplicaste; as tuas acções não ofereciam aos olhos dos homens senão fracas aparências, mas o teu amor e a tua constância tornaram-nas dignas de mim: entra na glória do teu Senhor”.

3. A tibieza. A tibieza, resultado quase inevitável da negligência das pequenas coisas, como é uma falta de coragem, de força, de zelo, de boa vontade sobretudo no cumprimento dos nossos deveres.

É o estado de uma religiosa que quer sem dúvida ser boa religiosa, que ficaria até admirada se lhe dissessem que o não é, mas que não emprega nenhum meio para o ser. Ela está como que atacada duma espécie de letargia espiritual que a deixa insensível às instruções, aos exemplos e às censuras.

Enfada-se na oração que a causa pela sua duração e pela sua monotonia; arrasta-se no trabalho que não faz senão por força; surpreende-se a si mesma, durante longos

momentos, com o olhar vago e o conjunto do corpo sucumbido; assiste a todos os exercícios da comunidade mas sem ter consciência do que se passa.

A sua alma é esse campo de preguiçoso Em desordem e todo coberto de silvas e espinhos, essa figueira estéril que só produz folhas, esse caminho no qual as ervas ruins sufocam as inspirações da graça, os remorsos da consciência, os bons exemplos dos outros, essa estátua enfim que tem ouvidos mas que não ouve, olhos mas que não vê, boca, mas que não ora, coração, mas que não palpita para Deus.

Um autor eclesiástico antigo traça assim o retrato da religiosa que caiu na tibieza: Ela e o retiro, o recolhimento, o silêncio e a solidão; aborrece-se na sua cela; despreza as suas Irmãs; trabalha com preguiça; não tem receio nem inquietação por causa da sua negligência nos deveres da vida religiosa; é escrava da sensualidade, amando e procurando os confortos e as comodidades, dissipa-se, ocupa-se das coisas do mundo, gosta das conversas ociosas, recebe a custo as advertências caritativas que lhe dão e arranja pretextos para não as seguir; suporta com dificuldade o jugo da disciplina, alimenta uma afeição desordenada pela sua casa, pelos seus bens, pelos seus pais e permite-se familiaridades perigosas”.

De tempos a tempos, a religiosa tibia experimenta abalos que parecem reconduzi-la a Deus: é durante um retiro, é em presença da morte duma companheira, é quando a casa é ameaçada por uma epidemia ou por um perseguição... Mas esse abalo para o bem é apenas passageiro, ela volta depressa ao seu primeiro estado. Afinal de contas, diz ela, eu não cometo faltas graves e, efectivamente, quando se confessa, é com dificuldade que encontra uma falta bem precisa para acusar: são distrações na oração, um pouco de negligência no trabalho, algumas ligeiras faltas de caridade... ela não vê mais nada; não é tentada, nada a perturba ou inquieta. E, na verdade, não há que admirar; o demónio não tem necessidade de a impelir para o abismo, ela caminha para lá sozinha, pelo seu próprio pé.

É lamentável bem lamentável este estado e, em certo sentido, ainda mais lamentável que o estado de pecado mortal. Melhor fora, diz o Espírito Santo à alma tibia, melhor fora que fosses inteiramente fria! Um pecado mortal que a

humilhasse profundamente e lhe mostrasse o inferno aberto sob os seus pés, espantá-la-ia e conduzi-la-ia, ao menos por temor, àquele Deus de quem ela se afastou; mas a sua tibieza deixa-a indiferente perante o pensamento da condenação eterna, insensível às exortações que perturbam as suas companheiras mais piedosas; a tibieza diz-lhe e ela aceita essas palavras sem comoção: “Isso não é para ti”!

A sua tibieza fez dizer a Deus umas duras palavras que uma boa humana mal ousaria pronunciar: “Eu vou vomitar-te...” É necessário que esse estado seja muito repugnante, porque Deus, que procura os pecadores com solícitude, que os recebe com ternura, que se senta como amigo à sua mesa, que até os abraça como abraçou Judas, Deus sente por ela, pela alma tibia, um desgosto tão grande que, apesar do seu amor, não a pode suportar e está pronto a vomitá-la como se vomita um alimento que pesa no estômago.

Vejamos resumidamente os efeitos da tibieza.

1. Ela é o princípio duma doença espiritual quase incurável. Para curar uma doença é necessário conhecer a sua natureza e a sua gravidade, senti-la pelo menos; ora a alma tibia não se julga tibia; irrita-se se lhe fazem ouvir que poderia sê-lo; por isso, S. Bernardo estava persuadido de que “a conversão dum homem do mundo, por mais perverso que fosse,, ofereceria menos dificuldade do que a dum religiosa tibia.”

2. Ela expõe, ao perigo próximo do pecado mortal e, o que é mais terrível comete facilmente e quase sem remorsos um grande número de pecados veniais, sente diminuir pouco a pouco o temor da ofensa de Deus. Chega ao ponto de entreter a sua imaginação com pensamentos sensíveis que se tornam facilmente impuros; de dar aos seus sentidos liberdades que se tornam facilmente culpáveis; de hesitar temerariamente entre a resistência e o consentimento na tentação: “isto é perfeitamente permitido, isto não é pecado...” e quando vem a dúvida se ela se comprazeu ou não, forma para seu uso princípios fáceis ou antes inventa razões evasivas para desculpar as suas faltas... Ah! não esqueçamos o oráculo que não engana: “Aquele que ama o perigo nele perecerá: aquele que despreza as pequenas faltas, cairá nas grandes”.

3. Expõe a uma morte pouco cristã. A morte, dizem todos os santos, é o eco da vida e seria um prodígio morrer no fervor se passou a vida na tibieza. À aproximação da morte, a religiosa tibia não tem nenhum desejo do Céu; a terra prende-a com mil laços e ela não tem senão uma preocupação: curar-se. E quando chega a hora dos últimos sacramentos, quando compreendeu que já não há esperança de viver, oh, sem dúvida ela reza, encomenda-se a Deus, à SS^a Virgem, ao seu Anjo da Guarda, humilha-se, pede perdão; pede às suas Irmãs que orem por ela; faz generosamente o sacrifício da sua vida, mas como a lembrança da sua tibieza e da sua pouca dedicação deve enfraquecer a sua confiança! E diante de Deus, diante do seu Deus que tão mal serviu, que todavia a ama, porque permitiu que ela se conhecesse e deplorasse o seu erro, ó pobre Irmã, que confusão, que pesares, e que dura expiação nas chamas do Purgatório!

A alma religiosa que se deixou invadir pela tibieza, deve apressar-se a sacudi-la, a desembaraçar-se dela. Foi pela negligência das pequenas coisas que o mal começou; seja, pois, fiel no futuro, fiel até à minuciosidade de todos os pequenos pontos da regra; foi pela preguiça no trabalho e pelo descuido em cumprir os deveres de todos os dias; foi pela insubmissão, pela falta de respeito pelos seus superiores que esse mal veio; que ela se torne novamente laboriosa, submissa, respeitosa; peça todas as licenças de que precisa, não se permita a mais pequena falta, ainda que seja necessário doravante algum tempo para fazer verdadeira violência a si mesma.

E sobretudo reze. Reze muito; de contrário, não conseguirá nada; seja franca e sincera nas suas relações com a sua superiora e com o seu director, a quem dará parte da sua resolução, a quem suplicará que a auxilie com firmeza a quem prestará contas dos seus esforços, das suas quedas, da sua coragem, da sua pusilanimidade.

Que se castigue a si própria à menor infracção; proceda consigo como uma criança rebelde, caprichosa, voluntariosa que lhe entregaram para dirigir.

Mas talvez seja necessário precisar bem os **sinais da tibieza**.

1-Algumas almas tímidas assustam-se facilmente, porque se sentem abatidas, acabrunhadas e sem gosto, e julgam-se túbias e têm medo de Nosso Senhor.

Experimentar muito desgosto pela oração vocal, muita secura na oração, muito enfado durante a meditação, mas não deixar nem a oração, nem a comunhão, nem a meditação; fazê-las à hora marcada, durante todo o tempo marcado e não se despeitar com o seu pouco resultado, não é ser tibia.

Cometer faltas, mesmo pouco tempo depois da confissão, mas arrepender-se delas logo a seguir; deixar-se arrastar a palavras vivas, a impaciências, mas humilhar-se sinceramente e castigar-se; sentir-se egoísta, vaidosa, preguiçosa, mas reagir contra essas funestas tendências, não é ser tibia.

Tudo isso é a luta, e a vida, é o caminho para o Céu.

2- Fazer mal as orações por sua culpa, por desgosto, por negligência, omiti-las sem remorso, é um princípio de tibieza.

Fazer leituras, não nos livros mais capazes de instruir, de esclarecer, de comover, de conduzir a Deus, mas naqueles que não têm por fim senão recrear, entreter e divertir; fazer os exames de consciência à pressa, sem desejo de se conhecer e sem desejo de se corrigir; confessar-se vagamente, sem precisão, sem arrependimento das faltas e sem firme propósito de se corrigir; comungar sem preparação especial, mas só porque as outras comungam, porque não ousaria dispensar-se da comunhão; passar o dia da comunhão sem quase se ocupar da felicidade que se teve pela manhã: são provas da invasão da tibieza.

Gostar de ouvir novidades, entregar-se à dissipação, não refrear nem o olhar nem o desejo de falar, alimentar um certo desgosto das coisas de Deus e não se inquietar com isso, não querer que lhe falte nada, não querer suportar nenhum sofrimento, nenhuma dificuldade, nenhum constrangimento, impacientar-se com a mais pequena contrariedade, cometer faltas leves e temer mais as humilhações que delas resultam do que a ofensa de Deus, não ter em conta nenhuma, não fazer caso das inspirações da graça nem das advertências das superiores: são provas do estado de tibieza.

Depois do que acabais de ouvir, não compreendeis melhor a necessidade de ser fiel às pequenas coisas, às pequenas observâncias da vida de comunidade? Repito mais uma vez: Tende sempre esse temor filial, dom do Divino Espírito Santo que vos tornará vigilantes, tímidas, de consciência delicada, fiéis à oração, humildes

para receber uma exprobração, fortes para resistir a todos os impulsos desordenados da natureza e, enfim, prudentes para distinguir todas as ilusões e discernir todos os perigos.

A Obediência

I – Importância da Obediência

Há uma passagem da S. E. que resume trinta anos da vida de Nosso Senhor sobre a terra: os trinta anos da sua vida oculta: “Veio com seus pais para Nazaré e estava sujeito a eles. O Rei do Céu e da terra desceu até ao meio dos homens para os salvar. Estará entre eles trinta e três anos; durante três anos, ensinará, falará como nenhum homem jamais tinha falado. Fará milagre; mas durante trinta anos não fará senão uma coisa, obedecer.... Grandeza incomparável da obediência! O Criador de todos os seres, o Senhor do universo, aquele cujo braço onipotente guia os astros no firmamento, submeter-se-á às ordens que lhe forem dadas. Ele, tão grande, tão poderoso, tão santo, abater-se-á sob a lei da obediência. E é um modesto artista, um pobre carpinteiro que manda nele. E é uma humilde mulher que lhe dá ordens... E ele ouve-os, ele obedece-lhes, porque vê neles a vontade do seu Pai que está no Céu.

E que é que lhe ordenam? As coisas mais simples, mais vulgares, o que entra no quadro da vida de pobres operários: pegar nos objectos, lavá-los dum lugar para o outro, pô-los em ordem, limpá-los, consertá-los...

E todos os dias era a mesma regra, a mesma vida. E a paz e a alegria reinavam no santo lar de Nazaré, porque a obediência trás consigo tão grandes bens...

Façamos uma visita ao interior dessa humilde casa. Consideremos as acções, ouçamos as palavras, penetremos até ao fundo dos corações para ver, admirar e imitar as disposições que os animam.

Porque foi que o Filho de Deus se fixou assim na obediência? Porque a desobediência tinha causado a desgraça do ser livre. Ela tinha expulsado os Anjos do Céu. Ela tinha desterrado o homem do paraíso terrestre. Ela tinha feito sair a criação do seu caminho. Era preciso fazê-la entrar de novo nesse caminho, para que pudesse voltar à felicidade eterna que é o seu destino.

A desobediência dum só tinha perdido tudo, diz S. Paulo; pela obediência dum só tudo será salvo - a obediência até à cruz.

Desde esse momento, a obediência é a grande lei de todos os cristãos. Ela é sobretudo a lei dos religiosos e das religiosas que fazem dessa virtude um voto especial.

O Noviciado é a preparação para esse grande sacrifício da vontade própria. Felizes aqueles religiosos e aquelas religiosas que, durante esse tempo, obedecerem com perfeição todos os dias. Dispuseram-se assim a fazer o voto de obediência e deram-se a si próprios a garantia de que o cumprirão fielmente em toda a sua vida. Acabamos de ver que pela obediência imitamos N. Senhor. Mas, mais ainda, por esta virtude, vivemos continuamente na sua intimidade. Com efeito, é ele que dá o poder, a autoridade àquelas que nos governam. É ele que, pela palavra das superiores, regula, ordena, dirige. Portanto, quando lhes obedecemos, estamos em relação íntima com o divino Mestre.

Representemos ao nosso espírito o que é uma Comunidade, quando, todos os seus membros vivem desse pensamento de fé. Estabelece-se nela como que uma espécie de presença real de Nosso Senhor que está em toda a parte para amparar, animar, consolar, dirigir.

A alma experimenta tanta felicidade quando, depois da Sagrada Comunhão, se recolhe e se une àquele que veio até junto de si, até dentro de si.

Essa felicidade, podemos fazê-la durar todo o dia pela obediência. A cada instante, se formos fiéis à vossa Regra, podemos dizer: “O meu bem amado é meu e eu sou dele”. Verdadeira vida de Paraíso... Nessa intimidade, encontraremos a segurança. Nós temos inimigos, terríveis inimigos, que queriam arrebatá-nos o nosso bem, fazer-nos perder a graça. Esses inimigos estão fora de nós, o demónio, o mundo, sobretudo o demónio; eles estão em nós, os sentidos, a imaginação, o espírito inquieto, a vontade apegada a si mesma. Na Sagrada Escritura, a alma fiel é representada, como sendo a vinha de Deus cercada de muros ou de sebes, barreiras, intransponíveis. Nós temos necessidade dessa protecção.

Qual será o muro, a sebe, a barreira que nos guardarão? A santa obediência. O inimigo não pode entrar numa alma decidida a obedecer sempre. Não quereis

estabelecer para vós esta guarda... para viverdes em paz, sempre certas de fazer a vontade divina?

Com a segurança, a obediência dá a alegria dos filhos de Deus.

Qual é para as pessoas do mundo, a fonte da alegria? A paz na família, a prosperidade em seus negócios, a estima de que eles gozam.

A obediência dá-nos imediatamente todos esses bens na ordem espiritual.

Uma religiosa obediente está em paz com todas as pessoas que a cercam, com as suas superiores, com as suas companheiras. Como está sempre a cumprir o seu dever, ninguém tem nenhuma exprobração a fazer-lhe. Ela enriquece, ela aumenta cada dia a sua fortuna, as suas riquezas espirituais. A razão disso é porque a obediência, como grande Rainha que é, está sempre cercada dum belo cortejo de virtudes, as quais todas nascem dela em certo modo espontaneamente: humildade, doçura, pobreza, caridade, modéstia, rodeiam-na e formam a sua corte... E é, no fundo da alma, a intimidade, a segurança, a felicidade.

O que torna a religiosa verdadeiramente pobre é menos o voto de pobreza do que o voto de obediência. O voto de pobreza faz que ela renuncie aos seus bens de fortuna, se os possuía: à sua casa, aos seus tesouros pequenos ou grandes, aos seus adornos, etc. E, depois disso ela possuir-se-ia a si mesma, se não tivesse a obediência

Mas esta grande virtude tira-lhe tudo: a sua acção, o seu pensamento, a sua vontade, o seu juízo.

Quem é que quer ser pobre por amor do divino Pobrezinho do presépio? Quem é que quer não ter outro pensamento senão o seu, outro coração senão o seu? Quem é que quer despir-se, despojar-se de tudo, para o vestir a ele? (Ponei Natal)

Quando Jesus vos encontrar assim pobres como ele, perguntar-vos-á quem vos pões nesses estado e vós lhe respondereis que ele bem o sabe.

Nada tão belo, tão delicioso, tão encantador como uma vida religiosa passada nessa pobreza espiritual da perfeita obediência. (O que diz a Ir. Maria Josefina a respeito da obediência).

Preparemos para nós essa vida, agora, antes da profissão, ou não a preparamos como devíamos durante o santo tempo do Noviciado. Tomemos a peito não reservarmos nada para nós, para que Jesus tenha tudo.

Quando S. Martinho deu a sua capa ao pobre, ficou divinamente rico, porque, na noite que se seguiu a essa acção generosa, Nosso Senhor apareceu-lhe coberto com a capa e disse-lhe que era a ele que a tinha dado.

Quando Santa Isabel da Hungria deitou o doente leproso na sua cama de estado, o leito evolou um perfume celeste e o leproso desapareceu.

Quando lhe dais a vossa obediência, ele recebe-a com solicitude. E, pouco depois, ele vo-la mostra divinizada. Na realidade, é ele que obedece em nós, que retoma a sua agradável vida de Menino levado por sua Mãe.

Vede, pois, o que valem os vossos mais pequenos actos de obediência: um ponto, uma carta que acabais ou que interrompeis, uma palavra que pronunciais ou que reprimis, isso vale o céu... (Valor sobrenatural dos vossos actos). Isso vos atrai todas as graças que fazem as santas religiosas.

Deixando tudo, encontrais tudo.

II – Grandeza e baixeza na obediência.

Vamos agora considerar as grandezas da obediência religiosa; depois as misérias que se encontram na prática desta virtude.

Quando uma pessoa se apresenta à porta do nosso Instituto para solicitar a sua admissão, encontra-se imediatamente em presença duma lei, duma Regra. Logo nos primeiros dias depois da sua entrada, ensinam-se-lhe as suas grandes linhas, os seus pontos essenciais; e, pouco a pouco, daí em diante, aprende a conhecê-la completamente.

Mais tarde, na hora solene das suas consagrações, por ocasião da profissão religiosa, tornará a encontrar essa Regra; colocá-la-ão oficialmente nas suas mãos, dizendo-lhe ao mesmo tempo para a leres e meditares. Se cumprires os seus preceitos, ela te guardará, e o Senhor fará descer a sua bênção sobre a tua cabeça...

E se essa pessoa tiver a bênção duma longa vida, quando fizer o seu jubileu, os seus 25, os seus 50, os seus 75 anos de profissão (bodas de prata, de ouro ou de

diamante) novamente, mais uma vez, nesse dia de festa particularmente comovente, tornará a encontrar a Regra.

Em suma, essa Regra, não terá deixado a religiosa um só instante sobre a terra, desde a sua entrada em religião até ao seu último suspiro. É ela, finalmente, que a introduzirá no reino de Deus.

O próprio Salvador, quando entrou no mundo, encontrou uma Regra diante de si: o Messias, com efeito, era esperado; a sua vida estava de antemão escrita, traçada pelos Profetas nos seus oráculos inspirados pelo Espírito Santo

O mundo crente sabia, pois, antecipadamente, qual seria essa vida. Quando Herodes, no momento da passagem dos Magos, mandou vir os sábios para lhes perguntar onde devia nascer o Messias, eles responderam sem hesitar: “em Belém”.

Estava também indicado que seria pobre e que iria dar a mão aos pobres; que levaria uma vida laboriosa; que se esforçaria por fazer desaparecer os ódios (“o lobo habitará com o cordeiro”); estava igualmente indicado que praticaria o bem, aliviaria os infelizes, curaria os leprosos, daria movimento aos paráliticos, faria ouvir os surdos, ver os cegos, falar os mudos. Estava ainda indicado que encontraria a contradição, que os seus benefícios provocariam tenazes inimizades; que seria homem de dor, que carregaria com o fardo dos outros homens, que seria lívido de sofrimento, - mas que essa lividez nos curaria; que levaria a Cruz e soltaria sobre ela o último suspiro entre dois ladrões; mas que, finalmente, triunfaria do mundo.

Mais uma vez o digo, quando o próprio Salvador entrou no mundo, encontrou uma Regra diante de si: e essa Regra, bem austera, bem dura, vós sabeis o que ele diz a respeito dela: “Eu não vim destruir a lei; nem um só ponto, nem uma só vírgula deixarei de cumprir”.

E foi o que ele fez.

E estas palavras: “tudo está consumado” não foram outra coisa senão o anúncio do perfeito cumprimento da sua Regra de Messias - de homem obscuro, de vítima, de hóstia!

Porque foi apenas quando viu que essa Regra estava inteiramente cumprida que expirou.

Eis a obediência de Nosso Senhor.

Como ele tinha a sua Regra, nós temos a nossa: obedeçamos-lhe como ele obedeceu à sua.

É esta a grandeza da obediência. Porque a obediência de Nosso Senhor, é bem a sua, mas é também a vossa e, quando, com efeito, vós vos dais ao serviço de Deus, vós vos consagrais ao serviço daquele que morreu por nós sobre a Cruz, à obediência daquele que está nos nossos Sacrários. É a essa obediência divina que vos consagrais; é nessa obediência que vos envolveis; é ela que vos, que vos diviniza.

A obediência religiosa é, em suma, Jesus continuando a viver a sua própria vida de obediência nas pessoas religiosas.

Porque fazeis profissão de obediência? Porque quero, dizeis vós. Devíeis antes dizer: “Eu quero, porque quero comunicar, ter parte na obediência de Jesus”. A obediência religiosa não é uma obediência pura e simples; é a obediência humana com a vontade do divino Mestre que está em nós.

E assim não ficamos surpreendidos ao ouvirmos Santo Inácio dizer, falando dela: a obediência eleva as almas acima da terra e une-as ao Verbo de Deus. É na medida em que as almas, tendo deixado a sua vontade própria, a praticam, que ele as cumula de suas graças...

Almas religiosas: vós aparecei muito grandes na Pobreza... Vós apareceis muito maiores na Obediência.

Porque é que, numa coisa tão santa, nós introduzimos tantas misérias? Porque as há às vezes, talvez muitas vezes, na nossa obediência?

Olhai para vós.

Um só exemplo: Um facto evidente é que fazeis menos caso da obediência do que da pobreza e da castidade; se, efectivamente, vos sucedesse faltar à pobreza fazendo acto de propriedade (já se entende que em matéria relativamente leve), sentiríeis uma infidelidade na consciência.

Mas que nos aconteça, em matéria mesmo de importância faltar à obediência, vós estareis longe de vos inquietardes tão facilmente: faltei à minha Regra, nada mais... E contudo quando faltais assim à obediência, sendo a vontade das superiores o bem do próprio Deus, uma que lhe pertence, que é sua, não vos apoderais do que é propriedade de Deus mais do que quando faltais à pobreza? Quanto à virtude angélica, se vos sucedesse incorrerdes nalguma imperfeição a respeito dela, ficareis interiormente perturbadas. Ora, se a castidade toca as suas delicadezas, por ventura a obediência não tem as suas?

Que miséria! Vós não colocais a obediência no seu lugar. Todos os teólogos com Santo Tomás à frente dizem terminantemente que dos três votos de religião é sem dúvida o voto de obediência o maior, porque entrega completamente, ele só, toda a pessoa a Deus. A sua superioridade sobre os outros dois é tal, e de tal maneira ele que dá aos outros dois a sua forma religiosa que, em virtude do voto de obediência único formulado explicitamente, a vida religiosa pode existir toda inteira (certos religiosos como os dominicanos não exprimem senão esse voto).

Ponde, pois, a obediência no seu lugar, o primeiro: ela decide da santidade da vossa vida.

Nada de misérias, nada de mesquinhez na obediência.

Tomemo-la divinamente. Nosso Senhor faz-me a honra inestimável de me oferecer na obediência, um modelo perfeito, o seu.

Demos graças a Jesus e peçamos-lhe que a sua obediência que vai desde Belém ao Calvário, seja doravante a nossa partilha.

III – Imperfeições da obediência

Vimos que a obediência foi toda a vida de N. Senhor sobre a terra. Reconhecemos as vantagens desta grande virtude e vimos os bens que ela proporciona à alma em que estabeleceu o seu império.

Destas considerações podemos concluir que aquelas que não querem obedecer não têm espírito cristão. Por maioria de razão, uma religiosa desobediente estaria fora do caminho da vida religiosa.

Estudemos agora a desobediência e as imperfeições da desobediência.

Desobedecer, dizem os mestres da vida espiritual, é como que tornar-se culpado do crime de idolatria. O idólatra, com efeito, oferecia incenso aos ídolos: Assim faz a alma desobediente. Em primeiro lugar ela cria para si um ídolo interior, coloca a sua vontade própria sobre um pedestal, contempla-a, compraz-se nela e oferece-lhe de tempos a tempos alguns grãos de incenso. É uma religião à parte, em que a vontade humana, toma o lugar da vontade de Deus. É a religião de Eva que conhece as ordens do seu Criador, mas que escuta conselhos opostos. Em breve a alma que a isso se entrega verá que foi vítima duma ilusão, dum embuste, que foi despojada de todos os seus bens

Quantas faltas humilhantes se têm cometido do espírito de submissão! Quantas vocações ele tem.....

Quereríamos pôr-nos a uma tão grande desgraça? Ódio à idolatria da vontade própria.

A desobediência propriamente dita, aquela que diz não às ordens recebidas é rara entre nós. Mas as imperfeições da obediência – as suas misérias, as suas baixezas para repetir e precisar a palavra oposta às suas grandezas – não são elas demasiado comuns?

É uma grande imperfeição discutir as ordens recebidas. E, por último, quando uma religiosa, depois de ter examinado bem o que é mandado, se decide a fazê-lo, é bem de reçar que não obedece senão a si própria... Obedeceu-se, não porque havia uma ordem, mas porque se considerou que era vantajoso cumpri-la. Em todos os casos, essa obediência é fria e triste, porque não é inspirada pela fé e pela caridade. Ela não deixa nem paz, nem contentamento, nem mérito: é o egoísmo sob uma forma particular.

Pôs-se a religiosa a discorrer, a raciocinar, a discutir a obediência é coisa má, á muito pior que murmurar.

Há murmuração interior e murmuração exterior. A murmuração interior é um ruído de protestos que da imaginação, da memória, do espírito, da vontade, se elevam contra a ordem recebida. É um concerto detestável em que as vozes se entrechocam dizendo cada uma a sua palavra de descontentamento, num tom particular. No meio dessas notas discordantes, a voz da graça bem procura fazer-se

ouvir ainda, mas ela é quase perdida: o vão medo sufoca-a. Conhecemos este estado? A nossa alma tem sido às vezes a tribuna ou o teatro desse concerto de vozes falsas?... Queremos ainda ouvi-lo? Não achamos que a nossa atitude era bem própria para nos envergonhar?

Todavia há coisa pior que este ruído interior, é a murmuração exterior; a murmuração que sai do coração para subir aos lábios e espalhar-se, ir até aos ouvidos dos outros, para excitar a almas a partilhar a queixa do espírito descontente. A ordem é executada apesar disso, mas que vale essa obediência aos olhos de Deus? Como diz a Imitação (liv.I, c.IX) é a obediência da necessidade e não a obediência de amor, a única que agrada a Deus.

Há outra grande imperfeição da obediência que é obedecer duma maneira caprichosa e servil – caprichosa: medindo a sua obediência pelo grau de simpatia que se tem às pessoas que mandam, pronta a fazer tudo o que quer uma superiora e a não fazer nada do que outra quer; servil, , como se costuma dizer: prestando mais atenção aos olhos da carne que podem ver-vos do que ao olhar divino que vos vê de dias e nas trevas e que sonda os corações.

Que é que viestes procurar aqui? Quem foi que vos trouxe para esta santa casa? Quem vos há-de recompensar ou castigar, no termo da vossa vida religiosa, senão ele só, o Mestre Divino? E se assim é, porque prestas atenção a outro olhar diferente do seu? Por ventura ele não vê nas trevas? Por ventura ele não condena aquele que tem a pretensão de se subtrair à sua penetração?

É tão doce, tão agradável, tão consolador podermos dizer: Deus me vê, Deus me conduz, Deus me dirige!

Todas essas imperfeições na obediência são miseráveis... E desgraçadamente as pessoas que se permitem essas desobediências procuram em volta de si outras pessoas para as suas ideias, fazendo o que fazem, no organismo, esses gânglios que desenvolvem cadeias doentias. Ai dos órgãos religiosos que sofrem a sua influência!

A verdadeira obediência é como essa coluna misteriosa que, no deserto, marchava à frente do povo hebreu e parecia uma chama brilhantes durante a noite e uma nuvem benéfica durante o dia. Ela alumia-nos nas nossas fadigas quando

suportamos o peso do dia. Ela mostra-nos o caminho do Céu. Doravante sigamo-la sempre.

Prescrições da obediência

A obediência manda coisas difíceis, duras à natureza; manda também coisas fáceis, agradáveis à vontade.

Coisas difíceis... Um exemplo: a viagem da Sagrada Família a Belém, viagem longa, no inverno, sem recursos, sem casa para nela repousar... Todavia a Santíssima Virgem e S. José obedecem à ordem que um príncipe tinha dado de irem fazer-se inscrever no lugar que era o berço da família.

E, obedecendo a essa ordem, fazem a vontade do Céu; porque os profetas tinham anunciado que o Messias havia de nascer, não em Nazaré, mas em Belém.

E, notemo-lo, embora o Céu quisesse a viagem em, embora a tivesse preparado, ordenado, não dulcificou todavia a fadiga e as privações para a Sagrada Família.

Essas provações estão na ordem da divina Providência.

Elas recomeçarão mais duras, no momento da fuga para o Egito. Será preciso ir para uma terra estrangeira cuja linguagem e cujos usos não reconhecem. É essa sem dúvida uma obediência árdua, difícil.

Todos os mistérios do Natal se apoiam nessa obediência. Nós a tornaremos a encontrar nos Magos... E, quando chegarmos à hora da Paixão, vê-la-emos de novo, muito mais dura, muito mais exigente ainda.

Reconheçamo-lo, pois, haver na vida cristã, na vida religiosa, coisas difíceis, coisas penosas, como o facto de deixar uma obediência que agrada por outra que custa... Também as haverá no futuro: será preciso um dia deixar esta casa, berço do Instituto, à qual estão ligadas tantas recordações, tantas graças, onde estão as pessoas a quem mais queremos, a nossa segunda família, por outra casa do Instituto, longe da Cova da Iria. Será preciso ter como superiora uma religiosa cujo feitio é diferente do da nossa antiga superiora e cujas ideias e maneira de proceder são opostas aos nossos juízos e aos nossos gostos. Será preciso conviver com Irmãs, muito boas, muito virtuosas, por certo, mas com quem naturalmente não simpatizamos, o que nos obriga a fazermos a todo o momento violência a nós

mesmas para não desedificarmos e para não faltarmos à condescendência e à caridade para com o próximo.

Então torna-se indispensável que nos lembremos de Belém, que nos unamos à SS^a Virgem, ao Menino Jesus... e que esperemos com confiança.

Houve um cântico dos Anjos em torno da pobre gruta em que a Sagrada Família se tinha acolhido. Há sempre uma alegria divina no termo da obediência.

Quanto mais tiver sido o sacrifício, tanto maior será a alegria.

E a obediência difícil pode tornar-se fácil quando se obedece com fé.

Mas a nossa condição, o nosso regímen ordinário, é a obediência fácil.

Que prazer, que satisfação, na vida religiosa poder dizer, no princípio de cada dia, que tudo nele está previsto, determinado, regulado! (Fazer a própria infelicidade)

Além disso, aquelas que mandam em nós, que nos dão ordens, fazem-no com doçura. Na sua ordem, é fácil sentir a sua afeição.

Se, contudo, parecendo às vezes falar ou proceder com rigor, evidentemente não deveríamos deixar-nos perturbar por esse motivo.

Por outro lado, o que nos é prescrito não é nunca muito difícil, muito penoso: o trabalho, em suma, não é esmagador. Às vezes até nos proíbem trabalhar, ordenam-nos o repouso, e não o que mais nos agrada!

E, depois, o exemplo é um poderoso auxílio. Ora, numa casa religiosa, em que há observância e bom espírito, como há nesta, graças a Deus, os bons exemplos abundam.

E esta vida tão simples e muito meritória, porque a vontade própria é nela sem cessar sacrificada à vontade da divina.

E isso é tudo o que nos é pedido. Todas as graças da vida perfeita, estão à disposição daquelas que, pela sua obediência, mostrarem que sinceramente as desejam.

V – Obediência cega

Os inimigos da vida religiosa têm-lhe exprobadado a sua obediência cega. A ouvi-los, essa obediência seria capaz de perder as almas e de comprometer a paz das sociedades.

Acusações vãs e ridículas.

Digamos o que é a obediência cega. Na vida religiosa, temos duas luzes para nos guiarem: uma delas pode ser comparada com o sol, é a fé; a outra é um astro das noites, é o juízo próprio. Ora a obediência cega consiste em desviar os olhos da segunda para não ver senão a primeira. Na ordem que me é dada pelos meus superiores, vejo o pensamento e a vontade de Deus; sem dúvida nem sempre vejo o porquê dessa ordem; mas Deus fala, isso me basta. Nem sempre vejo tão pouco como poderei executar o que me é prescrito. Mas Aquele a quem obedeço obedecendo à autoridade, me dará forças e esse pensamento basta-me plenamente. Quando Nosso Senhor dizia aos Apóstolos que lançassem a sua rede ao mar, eles respondiam: “Trabalhamos toda a noite e não pecámos nada”. “Fazei o que mando, apesar disso, dizia Jesus. E eles obedeciam; e a rede lançada enchia-se de peixes, em tal abundância que nos pescadores jamais tinham visto coisa semelhante.

Recordai-vos de S. Pedro que caminhava sobre as águas à palavra do seu Mestre que tinha dito: ”Vem!

Quando o divino Mestre dizia a esses mesmos pescadores que fossem pregar por toda a terra, o juízo próprio teria objectado à ignorância deles, as dificuldades, os perigos da Contudo eles obedeciam; e o Evangelho era ouvido por todos os povos.

A vida religiosa é baseada nesta obediência que não é cega senão para ver, cega dos olhos da carne, clarividente dos olhos do espírito. Deus Nosso Senhor abençoa-a sempre.

A história dos Santos conservou-nos um exemplo dessa santa obediência: No Mosteiro de S. Bento, próximo de Subiaco, dois jovens religiosos, quase crianças, brincavam à borda do lago. Um deles, S. Plácido, caiu à água. S. Bento ordena ao seu jovem companheiro, Santo Amaro, que vá em seu socorro. Amaro obedeceu; e caminha sobre a água como em terra firme.

Nós não esperamos esses milagres que se fazem quando um Santo manda a um Santo que obedece. Mas compreendemos o ensinamento que tais milagres nos dão. Quando a autoridade fala, eu oiço-a em vez de me ouvir a mim mesmo

No santo tribunal da penitência ou na direção espiritual o sacerdote diz-me que me conserve em paz quanto à minha consciência. Eu já não tenho nenhuma inquietação

Dão-me uma obediência. Não vejo como poderei cumpri-la. Com o auxílio de Deus, ponho-me a ela sem fazer reflexões inúteis.

Dizem-me que trabalhe. Trabalho. Mandam-me descansar. Não me sinto bastante incomodada de saúde ou bastante fatigada para isso. Apesar disso, obedeco. Ordenaram-me que faça uma coisa de certa maneira. Eu queria fazer doutra maneira. Obedeco. (capela, cozinha, jardim)

E, mais tarde quando tiver professado, tornarei a encontrar esta obediência divina em todo o decurso da minha vida religiosa.

Pedir-me-ão - se estiver a meu cargo tratar duma Irmã ou mesmo que o não esteja - que vá passar a noite junto dela. Irei, embora esteja cansada. E eu voltarei desse serviço descansada.

Mandar-me-ão para um posto difícil: ir fazer uma fundação na Conquichina ou na, ir ser superiora duma casa do Instituto na Suíça ou na Alemanha. Reconhecerei depois que o meu Anjo da Guarda me tinha precedido, facilitando-me extraordinariamente o exercício duma missão que me parecia de todo incapaz de realizar, etc, etc.

A obediência cega pode todavia fazer as suas observações com humildade. Mas quando lhe disserem que faça apesar disso, não tem mais do que pôr mãos à obra.

A obediência cega é a força, a alegria, a paz. (Não sei, não posso, não tenho jeito).

Perfeição da obediência

Vimos o que é a obediência, a sua necessidade, a sua extensão, as suas dificuldades e penas e as suas alegrias. Compreendemo-la e queremos tê-la por nossa partilha. É durante toda a nossa vida que lhe seremos fiéis.

Agradeçamos a Deus que nos deu a inteligência desta grande verdade.

Resta-nos dizer a respeito dela uma última palavra, para acentuar o segredo da sua perfeição. A perfeição da obediência, como de todas as virtudes, é a caridade, a virtude divina da caridade. Mas há isto de particular na obediência: é que é ela própria como a caridade, ou, se quisermos falar assim, a expressão de amor de

todas as outras virtudes. E é por esse motivo que ela desempenha o papel principal na vida de Nosso Senhor. Jesus veio à terra na hora que a vontade de seu Pai lhe tinha marcado, no lugar indicado, nas circunstâncias antecipadamente determinadas. Ele realizou todos os atos queridos na eternidade e assinalados no tempo pelos Profetas. Mas enganar-nos-íamos, se não víssemos nisso senão uma série de ações sagradas por uma vontade que as ordenou. Há ali um coração que ama. Custou sem dúvida a Nosso Senhor obedecer até à morte e morte de cruz. Mas que alegria para Ele sentir que, obedecendo, nos amava e que amava em nosso nome o Eterno Pai!

Agora já compreendeis bem o sentido destas palavras: “Toda a lei se resume neste mandamento: a caridade – amarás! A lei é que nos impõe o dever da obediência. Pois bem, Nosso Senhor o disse: obedecer é amar.

Contemplai sempre a obediência nesta luz, nesta dignidade, nesta doçura da caridade. E ela fará o encanto da vossa vida. Obedecei como obedecem os Santos e os Anjos no Céu. Eles não sentem repugnância em obedecer, porque veem a Deus e nele todas as razões das suas ordens. Nós que não as vemos, somos combatidos pela tentação. E, contudo, desde que procuramos, com a nossa submissão, provar o nosso amor, seremos ajudados, levantados, arrebatados pela graça.

Obedecer por amor à superiora principal e às outras superiores, quaisquer que elas sejam, - à SS^a Virgem à imitação de Jesus, - ao próprio Jesus: é a santidade.

O régimen da imaginação

A palavra imaginação significa quer a faculdade de criar em nós imagens, isto é, representações de objetos, quer essa provisão, esse conjunto de imagens que está em nós. Os antigos chamavam-lhe “fantasia”, a faculdade que produz as imagens, os fantasmas, de que nós derivamos a palavra fantasia.

A imaginação participa ao mesmo tempo do espírito dos sentidos. Ela é, em primeiro lugar, sentido e, em seguida, espírito. É como uma máquina fotográfica que regista tudo o que passa diante dela, bom e mau, lindo e feio, agradável e desagradável.

Notemos bem que a imaginação não é livre; ela trabalha, ela recebe, ela regista, contra nossa vontade. Quando muito, podemos mudá-la de lugar, colocar na sua frente um ecrã, tentar deter a sua ação; mas, às vezes, opera contra nossa vontade. E, se nós lançamos um véu, uma cortina diante da sua lente, do seu prisma, ela afasta esse véu ou olha de través.

E, como participa dos sentidos e do espírito, faz bem ou mal nos dois.

Nos sentidos, perturba-os, torna-os trémulos, hesitantes, incapazes de exercer as suas funções. Um grande pensador (Pascal) descreve este papel nefasto da imaginação sob uma forma impressionante: se uma prancha da largura de meio metro estiver estendida no chão, nós caminhamos sobre ela sem dificuldade. Mas se for suspensa por cima dum precipício, a cinquenta ou cem metros de altura, desde os primeiros passos que dermos, sentiremos vertigens e cairemos no abismo. Todavia a prancha tinha a mesmas dimensões no chão e por cima do precipício: sim, mas neste último caso a imaginação criava o medo, contra o qual a razão não tinha forças de reagir...

E quem é que o não sabe; há constituições anormais em que o medo dum mal chama e desenvolve esse mal; existem doentes de imaginação, e talvez já os tenhais encontrado durante a vossa vida.

Não é inútil que conheçais este facto psicológico: num hospital o médico ordena bem ostensivamente a aposição dum revulsivo; mas de acordo com ele, a enfermeira põe sobre a pele um simples pedaço de pano embebido em água; no dia seguinte, sob esse pedaço de pano havia uma revulsão abundante; puro efeito da imaginação...

E há uma ação análoga sobre o pensamento. Quantos juízos são falseados por essas ilusões, e por esses fantasmas! E por consequência, quantas deceções! É a imaginação falseada que nos faz crer que a virtude é difícil e fatigante, que nos torna frouxos, indolentes, na prática, como esses cavalos preguiçosos que não querem subir as ladeiras.

Por um efeito inteiramente contrário, a imaginação pode ser benéfica; ela pode ser um estimulante para a vida física, um encanto para a vida intelectual, um auxílio para a prática das virtudes.

Sim, se ela pode prejudicar o nosso organismo sensível, pode também auxiliá-lo, ampará-lo: e daí, quanto às pessoas doentes, a importância duma palavra dita pelo médico ou pelo enfermeiro que os trata, a importância dum olhar, dum gesto, duma atitude. O doente expia tudo, até os menores movimentos, até a expressão do rosto: o ar inquieto ou tranquilo daqueles que velam por ele dá-lhe segurança ou inquietação; uma palavra pronunciada a propósito concorrerá às vezes muito mais para levantar as forças do que os remédios e o tratamento material.

E pelo que diz respeito à vida intelectual, é a imaginação que dá à expressão do pensamento aquilo que é para o espírito o que as cores são para os olhos. Todos os grandes escritores têm uma imaginação rica aonde vão buscar os tesouros de galas com que adornam o seu estilo.

O Evangelho, o livro divino, é admirável nos seus quadros traçados pela imaginação do divino Mestre. Que é que são as parábolas, a semente, o joio no campo do lavrador, a ovelha perdida, o filho pródigo... senão pinturas que, pelo seu desenho e pelo seu colorido, fazem sobressair um todo inteiramente divino. E quando Nosso Senhor diz: Considerai as avezinhas do céu; elas não semeiam nem colhem; considerai os lírios do campo; eles não fiam nem tecem; e Salomão em toda a sua glória não estava vestido como eles; quando, repito, o divino Mestre fala esta linguagem, provoca-nos com estes rasgos da imaginação a imaginarmos nós mesmos.

Enfim, a imaginação pode ajudar-nos a praticar o bem. Por exemplo, a vista duma imagem piedosa fala ao nosso coração. E quando representamos no nosso espírito vivamente as cenas da paixão de Nosso Senhor, a prisão no Horto, a flagelação, a coroação de espinhos, a condução da cruz, a crucifixão, encontramos nisso um poderoso incentivo a evitar o pecado, a praticar a mortificação, a dar-mo-nos Àquele que tanto fez, que tanto sofreu para nos conquistar, para salvar as nossas almas.

Assim, a imaginação pode ser boa ou má, conforme o uso que fizermos dela. Importa, pois, regulá-la bem, submetê-la a um regímen, discipliná-la.

Acabamos de ver o que é a imaginação, a parte de sentido e a parte de espírito de que é feita. A sua constituição permitiu-nos entrever o seu papel na vida fisiológica e na vida racional.

Mostramos que, se mal guiada podia ser funesta, se bem dirigida podia ter grandes vantagens para o encanto da vida e mesmo para a prática da virtude. Resta-nos dizer como devemos governá-la, para que seja uma serva dócil da razão e da fé e para que não seja nunca senhora imperiosa e autoritária.

Há uma imaginação boa que pinta as coisas com as cores e gradações delicadas da virtude, que se dirige ao que é luminoso, moral, puro e santo. Esta espécie de imaginação é preciso entretê-la, animá-la, desenvolvê-la. É uma potência amiga que nos presta grandes serviços. Deus permita que cada um de nós a conheça em certas horas. Ela nos trás então coisas que nos são muito caras, recordações tristes, talvez, mas ao mesmo tempo muito suaves e muito consoladoras.

É por ela, com efeito, que tornamos a ver a nossa terra natal, a nossa casa, os lugares onde passamos os dias felizes da nossa infância e da nossa mocidade, as nossas companheiras de infância, os nossos parentes, os nossos irmãos, os nossos pais.

É por ela também que tornamos a ver a Igreja, com o seu estilo, ou sem estilo, rica ou pobre, - pouco importa – da nossa primeira comunhão, a capela da nossa aldeia, onde tantas vezes ouvimos a santa Missa, recebemos o Pão dos Anjos, visitamos a Nosso Senhor Sacramentado, assistimos a festas, fizemos as nossas devoções particulares, os nossos exercícios de piedade.

É por ela que o sacerdote torna a ver o altar do santuário onde celebrou pela primeira vez.

E quando, religiosas professas, tiverdes deixado esta querida Casa-Mãe do nosso Instituto, para irdes ser membros da comunidade duma nova fundação, é graças a ela que a doce lembrança desta Betânia vos seguirá por toda a parte, que por toda a parte tornareis a ver a capela, o altar, a sagrada mesa, o local onde vos prostrastes nos grandes dias das consolações solenes e oficiais...

Tudo isto outras tantas visões benéficas da boa imaginação. Graças a ela ainda, podemos reproduzir as cenas da vida de Nosso Senhor, ver o presépio, o estábulo

de Belém, seguir Jesus na sua Paixão, representar o seu corpo todo chagado, pregado no madeiro da cruz, depois ressuscitando, subindo ao Céu e entrando na eternidade gloriosa...

Na verdade, é então uma preciosa e nobre faculdade! Encontrámo-la muitas vezes nos Santos, por exemplo, em S. Francisco de Assis, Santa Teresa, S. Francisco de Sales. Vós tendes um admirável exemplo num livro que conheceis muito bem e que muito gostais de ler: a História duma alma, a vida de Santa Teresinha do Menino Jesus. Essas almas de eleição, sabiam pensar nas coisas invisíveis da fé; sabiam também contemplar as coisas belas da natureza, as estrelas sem número do firmamento, as flores dos jardins, as flores dos campos, as ondas do mar, os cursos torrenciais ou a marcha lenta e majestosa dos rios, as gotas de água pendentes da folhas das árvores, das ervas dos montes e dos vales, das espigas verdes ou amarelas das searas.

Neste olhar, neste quadro interior, nesta fantasmagoria em parte real, em parte criada pela imaginação, há um gozo que conduz a essa inspiração, sob cujo império os escritor sagrado dizia: "Vós todas, obras do Senhor, bendizei o vosso Criador; louvai-o e exaltai a sua glória por todos os séculos".

Mas há uma imaginação que, para ser ainda vantajosa, não deve estar menos sujeita a cautelas: é a imaginação brilhante. Ela projeta as suas cores sobre tudo o que a rodeia e às vezes faz-se admirar,, prende, cativa. Contudo, é de sua natureza pouco segura e muitas vezes toma por uma realidade exterior o que o que vem do próprio fundo da criatura humana, da sua vaidade, do seu orgulho.

Que havemos de fazer para bem a governar, para bem a dirigir? Devemos abraçar-nos com todas as nossas forças ao Evangelho, à fé, devemos desconfiar de nós mesmos e não procurar guiar-nos pelas nossas próprias luzes, mas pôr o maior cuidado, o maior empenhamento em nos conservarmos na submissão. Não é o brilho da imaginação que fará uma boa religiosa, sobretudo uma religiosa reparadora. Facilmente, a imaginação brilhante se tornaria inflamável. Qualifica-se assim o espírito que se assemelha às substâncias explosivas. A propósito dum nada, ao contacto duma faísca, sai de si mesmo, inflama-se e lança-se por todos os lados na aventura, com o risco de fazer mal a si mesmo e de fazer mal a outros.

É essa uma disposição interiormente oposta à vida religiosa que deve ser moderada e calma.

Que há-de fazer a pessoa que sentir em si este ardor? Não deve perturbar-se por esse motivo, nem assustar-se, mas com uma doçura firme esforça-se por cumpri-la; para esse fim ocupa-se de boa vontade dos trabalhos mais humildes; é um excelente meio de acalmar a imaginação cansar um pouco o corpo. É um bom corretivo dos desvios da imaginação pegar na vassoura para varrer a casa, ou num bocado de sabão para lavar a roupa, ou numa tenaz para espevitar o lume, ou num sacho para cavar o jardim.

Na vizinhança da imaginação inflamável está a imaginação importuna, essa imaginação que tantas vezes fatiga, entre outros, durante a oração mental; querer-se-ia refletir, orar, tomar-se soluções; e ei-la vagabunda que de repente se interpõe, revolve tudo e desconcerta as melhores boas vontades.

O seu regímen é pelo que diz respeito à oração mental, todas as noites e no dia seguinte ao levantar fazer em torno de nós o vácuo e impormo-nos, em vista da próxima meditação, um pensamento de eternidade.

Na vizinhança da imaginação inflamável está igualmente a imaginação inquieta que não desarma nunca, que está sempre cheia de esperanças, de desejos, de apreensões. “Se eu tivesse isto, se eu tivesse aquilo, se eu fizesse esta coisa, se eu fizesse aquela outra, se eu estivesse no lugar desta Irmã, se eu estivesse no lugar daquela”. É uma borboleta que vai de flor em flor sem jamais se encontrar satisfeita. Ela é infeliz.

O seu regímen seria meditar muitas vezes esta palavra do santo Evangelho: Porque é que tanto te atormentas? Não acrescentarás, com todas as tuas agitações do espírito, nem sequer uma polegada à tua estatura... Deixa agir o teu Pai que está no Céu.

Inquieta, a imaginação torna-se depressa sombria. Ela olha, ela examina. Ela vê a cada momento que se prejudicam os seus direitos, que não se lhe dispensam as mesmas atenções que às outras. E ela torna-se infeliz.

O remédio para este mal está ainda no Evangelho: colocai-vos no vosso pensamento, no último lugar. É lá que o divino Mestre irá testemunhar-vos as suas divinas atenções, quando já não pedidas as atenções vulgares das criaturas.

Inquieta, a imaginação torna-se em breve também presunçosa. Relá nos coloca em face de nós mesmos e dos outros. E então ela faz a si própria um discurso... mudo. Vós vedes a vossa própria imagem com complacência: porque é que já não se me presta atenção? Eu estou posta a um canto como um pequeno quadro deixado na sombra... Todavia, se eu fosse menos desconhecida, a minha comunidade ganharia com isso, todos gostariam, é certo... E eu comparo... E vejo muitas outras imagens que não valem tanto como eu...

Quantas mediocridades se julgam assim capazes de tudo! Se as convidassem para ser rainhas, pegariam no cetro e fariam leis...

Uma boa dose de humildade será o único remédio para a vaidade, para o orgulho destas imaginações presunçosas.

Poderíamos ainda falar da imaginação presunçosa. Quando se lhe fala das belezas da vida espiritual, ela diz logo: é verdade, mas é elevado de mais para mim! E se se lhe mostra que é Deus Nosso Senhor que faz subir, que ela não pesa tanto como uma estrela; ou que as estrelas é Deus que as lança no firmamento, que ela não tem mais nada a fazer que orar e envidar esforços... Eu não posso!

Como certos seres rastejantes que, diante da menor elevação de terreno, recuam, esta imaginação assusta-se, para, recua diante dos menores obstáculos.

Quantas pobres almas são assim rastejantes por imaginação.

O régimen que lhes convém é o dum abandono confiante em Deus. O que elas devem fazer é lançar um apelo, um grito para Deus, como a andorinha que é metida numa gaiola, como o grilo que é esmagado... é deixar-se levantar pela mão de Deus.

Não direi quase nada da imaginação sensual. Ela é perigosa, vai até à borda do abismo, com os seus devaneios e com as suas ilusões.

É preciso dizer-lhe uma e muitas vezes: quem ama o perigo, perecerá nela. E mostremos-lhe, em nome dos direitos da vocação religiosa, uma inexorável severidade.

Da imaginação não digo nada. Ela é terrível. Ela faz devastações espantosas no mundo, ela apodera-se de pobres crianças e despoja-as da sua inocência, de pobres mancebos e suja-os com uma mancha impagável; quem é que não conhece o verso do poeta: o abismo é imenso e a mancha está no fundo!

Dai graças a Deus, se tendes sabido preservar-vos dela de ordinário até este dia. E pedi-lhe que vos ajude a conservar ciosamente, até à morte, a frescura e a candura da imaginação da vossa infância.

Introdução ao retiro

I – Devemos fazer os exercícios espirituais.

Mercê de Deus, vós ides fazer os santos exercícios espirituais e deveis fazê-los por duas razões. A primeira razão é extrínseca e consiste nas prescrições do nosso querido Instituto que nos obrigam ao retiro ao menos uma vez cada ano. E é este o costume de todas as Ordens e Congregações e em geral de todos os Institutos religiosos em que se vive vida comum, mesmo sem votos.

A segunda razão pela qual devemos fazer os exercícios é de nós mesmos, da necessidade que temos de nos renovar de tempos a tempos na vida interior.

E esta necessidade pode ser geral e particular.

Quem é dentre nós que não sente, ordinariamente a necessidade de renovar de vez em quando os exercícios da sua vida espiritual? Nós somos, com efeito, seres finitos; esgotamos as nossas forças e fatigamo-nos com a continuidade do trabalho. Ainda não se descobriu o movimento contínuo e perpétuo nem na ordem natural nem, na ordem sobrenatural: todos nós somos feitos para nos renovarmos sem cessar. E isto é verdade sobretudo quando se trata de oblatas. No objetivo especial da nossa vocação, o ponto difícil a atingir é atuar sobre as almas humanas, estar em contacto imediato com elas, auxiliá-las a serem melhores, a santificarem-se e a salvarem-se, sem contudo nos prejudicarmos a nós mesmos. Nós somos, portanto, particularmente destinados à vida ativa. Mas pode suceder muitas vezes que na pressa e no ardor dos trabalhos desta vida, percamos mais ou menos de vista o fim sobrenatural que eles reclamam e que, no emprego dos meios, sobretudo exteriores, vejamos diminuir ou mesmo desaparecer no nosso espírito a força e a pureza dos princípios sobrenaturais que deveriam ser os únicos

a guiar-nos; o que, sem dúvida, é pelo menos um começo de desordem. Com que facilidade podemos descurar a obra da nossa santificação pessoal, porque ela exige de nós trabalho, incómodos e sacrifícios e a vitória sobre as tendências desordenadas da nossa natureza, ou então não nos dedicar a essa obra, a mais importante de todas, a mais necessária, como poderíamos e deveríamos! Quanto é fácil a uma certa tibieza introduzir-se até nas nossas melhores ações, principalmente nalguns dos exercícios da vida espiritual! Nesse estado, as paixões antigas e inatas podem acordar, fortificar-se e conduzir-nos à negligência dos próprio deveres e ao pecado. É assim que pouco a pouco, uma tríplice deformidade desfeia a nossa alma; a mácula dos nossos pecados, a desordem das nossas paixões e o sinal, o dos castigos que merecemos. Apesar disso, não sentimos em nós nem a coragem nem a força de apagar esses traços ignominiosos.

Então chega o tempo do retiro. O mundo cala-se em volta de nós, o ruído de fora e a agitação dos negócios exteriores cessam; nós aproximamo-nos, por assim dizer, da eternidade, pomo-nos em contacto com ela; num comércio ininterrupto e exclusivo com Deus, vemos o nosso fim sobrenatural desenhar-se de novo a uma luz mais viva, a uma claridade mais intensa; as vias e os meios para o alcançar aparecem-nos claramente numa ordem maravilhosa; as nossas diferentes perdas dos anos que passaram são reparadas pela penitência; temos o conhecimento do que Deus quer de nós; reaprendemos a orar e a vencer-nos; tornamos, por assim dizer, a pôr-nos em pé e renovamo-nos; a auréola da santidade brilha mais uma vez em torno de nós; numa palavra, a nossa vida espiritual é completamente recuperada e muito melhorada. Ninguém melhor do que os Santos sentiam a necessidade desta renovação e aquele que a não sente mostra bem que ela lhe é absolutamente necessária.

Pode suceder também que tenhamos uma necessidade particular dos exercícios espirituais por cauda das circunstâncias especiais em que nos encontramos: por exemplo, se Deus nos pede sacrifícios pessoais; se temos dificuldade na vida espiritual ou tentações extraordinárias; se corremos perigos; se nos encontramos abraços com a adversidade; enfim, se vamos entrar num novo emprego ou num

novo cargo. E não se pode dar melhor conselho aos que estão preocupados com a sua vocação do que o de fazerem os exercícios espirituais, afim de neles encontrarem luz e força junto de Deus. Sabemos, aliás, pelo Evangelho que o Divino Salvador tinha o costume de se preparar, por meio de orações extraordinárias, para as épocas e acontecimentos principais da sua vida, por exemplo, para a sua pregação pública, para a eleição dos Apóstolos, para a confissão de S. Pedro, para a Transfiguração e para a Paixão. Contamos os anos da nossa vida espiritual pelos retiros que temos feito; e, no começo de cada novo ano, temos bastantes motivos para nos entregarmos então a exercícios de piedade particulares, tanto para retemperar as nossas almas junto de Deus e prestar-lhe as homenagens que lhe são devidas como para nos tornarmos dignos da abundância das suas bênçãos. Assim tudo nos mostra a necessidade de nos servirmos do auxílio eficaz dos exercícios espirituais. Queremos fazer os exercícios espirituais.

II – Abstraindo da dupla necessidade, exterior e interior, que temos de os fazer, os exercícios encerram em si tantas vantagens, são tão belos e tão excelentes que cada um de nós pode e deve desejar e querer fazê-los e isto pelos seguintes motivos:

Em primeiro lugar, não pode ser para nós senão muito vantajoso e muito útil podermos, uma vez de passagem, viver alguns dias só para nós: incomodamo-nos tanto e trabalharmos tanto para os outros durante o resto do ano!

Acontece-nos muitas vezes a mesma coisa que aos Apóstolos, a respeito dos quais está escrito que eles se achavam de tal modo ocupados e viam tanta gente que não tinham sequer tempo para comer. O Salvador proporcionou-lhes alívio levando-os a um sítio isolado e agradável, afim de experimentarem juntos as doçuras do repouso. O retiro é igualmente para nós um repouso. Aceitemos com alegria esta folga dos nossos trabalhos ordinários, esta espécie de férias; certamente temos deveres a cumprir para connosco, tanto para com as nossas almas como para com os nossos corpos, e vivemos não só de trabalho, mas também de repouso. Portanto, aproveitemos bem esta vilegiatura espiritual que nos é concedida.

Em segundo lugar, os exercícios são uma conversação ininterrupta com Deus. Efetivamente, durante o retiro estamos perto de Deus, tanto quanto é possível estar

sobre a terra; põemo-nos em contacto interior com o nosso último fim, com o Ser de quem vimos e para o qual devemos de voltar. Pode haver para nós coisa melhor, mais vantajosa e mais meritória? Devemos muito a sério neste exercício divino, adoptar os pensamentos, os afectos e os sentimentos de Deus. Deus será a nossa ocupação incessante durante a eternidade; que bom que seria que o fosse desde já, mas, infelizmente, isso não é possível. Por consequência aproveitemos os breves instantes de que dispomos para estar com Deus e sentir que não estamos de modo nenhum mais em nós do que n'Ele: com efeito, em parte alguma temos melhor acolhimento e nos encontramos tão bem. Aquele que não se sente bem na companhia de Deus, mostra que está gravemente enfermo sob o ponto de vista espiritual: está possuído do espírito do mundo e tem a preocupação de procurar sem cessar as distrações; não conhece a sua verdadeira pátria.

A conversação íntima com Deus proporciona-nos as vantagens da vida celeste: em Deus está a pureza, Deus restitui mesmo a pureza perdida; em Deus está a luz e o conhecimento; em Deus encontramos a paz, a alegria e a doçura; em Deus, enfim, temos a força, o zelo e a bênção para todas as obras. Que mais queremos, que mais podemos nós querer?

Em terceiro lugar, os exercícios são uma grande graça para nós e para os outros.

Os exercícios têm por fim conservar e aumentar em nós a vida espiritual e não há outro meio mais apto e mais eficaz para o conseguir. Além disso, os frutos dos exercícios são a devoção, o temor e o amor de Deus e o progresso na virtude. Neles encontramos tudo aquilo de que precisamos. E, de facto, não há, fora dos exercícios, nenhuma ocupação e nenhum tempo em que estejamos mais na essência e no espírito próprio da nossa vocação. Neles deparamos tudo o que é preciso fazer para melhorar e fortalecer a nossa vida espiritual, quer para nos animar e nos consolar nas provações que ela nos pode oferecer.

A exposição das verdadeiras razões da eficácia dos exercícios encontra-se nas próprias palavras de Santo Inácio, em que ele enumera as principais vantagens do retiro absoluto durante o tempo dos exercícios. Dessa separação resultam três principais vantagens entre muitas outras. A primeira é que, isolando-se alguém das pessoas amigas e conhecidas e do mesmo modo de muitas coisas não bem

reguladas, para servir a Deus Nosso Senhor e louvá-lo, merece não pouco perante sua divina Majestade. A segunda é que assim afastado não tendo a inteligência dividida por muitos objectos, mas pondo todo o seu cuidado numa só coisa, isto é, em servir o seu Criador e aperfeiçoar a sua própria alma, com maior liberdade se serve das suas faculdades naturais para procurar diligentemente aquilo que tanto deseja. A terceira é que, quanto mais a nossa alma se acha só e isolada, tanto mais apta se torna para se aproximar do seu Criador e Senhor; e quanto mais assim o atinge, tanto mais se dispõe para receber graças e dons da sua divina e suma Bondade.

Portanto, como vedes, Deus e a criatura encontram-se nos exercícios com a sua vontade e a sua actividade fecunda; que magnífico resultado pode e deve ser a consequência desse facto!

Daí se segue que os frutos dos nossos retiros aproveita também ao nosso próximo. Nos exercícios tornamo-nos nas mãos de Deus, instrumentos de salvação para os outros e enchemo-nos da graça, sem a qual nada se faz e com a qual tudo se opera neste mundo. Demais, pela prática dos exercícios, ganhamos em experiência, em competência e em perfeição e tornamo-nos capazes de instruir melhor o próximo.

Temos assim bastantes motivos para desejar e para procurar os exercícios espirituais, abstraindo mesmo da necessidade interior e exterior que temos deles. São uma graça muito grande. O tempo do retiro é aquele em que o Senhor passa realmente perto de nós com a abundância dos seus dons: aproveitemos esta ocasião única, como aproveitaram aquela que Jesus lhes ofereceu os cegos de Cafarnaum e de Jericó, a Cananea e os leprosos de que fala o Evangelista S.Lucas.

III – Podemos fazer os exercícios

Graças a Deus, podemos fazer os exercícios espirituais não só com alegria, mas ainda com a certeza de tirar deles todo o fruto que é para desejar.

Primeiramente, os meios de os fazermos e de os fazermos bem, não nos faltam fora de nós, quer do lado de Deus que do lado dos próprios exercícios: os exercícios são uma reunião de todos os meios poderosos de que se serve a Igreja

ou a Religião de Cristo, para atingir o seu fim. Por outro lado, não nos é permitido duvidar da vontade misericordiosa de Deus e da sua benevolência para conosco.

Quanto aos meios pessoais a empregar, não se exigem de mais, mas querem-se os suficientes: a saber, o recolhimento, a actividade individual e a generosidade.

O melhor e o mais belo resultado que podemos tirar do nosso retiro, seria, sem dúvida, um alto grau de santidade ou pelo menos a resolução de tender para ela seriamente. Mas Deus não exige de todos a mesma perfeição: tem vistas particulares sobre cada alma e é por isso que faz seguir a cada uma vias diferentes; tem também para a distribuição das suas graças, tempo determinado. O que todos sem excepção, podemos e devemos ganhar fazendo os exercícios é pôr-nos de novo em bom estado para o futuro, afim de não recuarmos e pelo contrário avançarmos na vida espiritual. Ora este progresso não consiste em realizar novas e maiores empresas, mas em diminuir o número das nossas faltas, em resistir à nossas más paixões, em fazer com zelo e constância o bem próprio da nossa vocação e em aproveitar as ocasiões quotidianas de praticar a virtude e de aumentar nossos méritos, numa palavra, em nos tornarmos almas fervorosas. Se atingirmos este fim, teremos feito um excelente retiro.

Acrescentemos ainda alguns conselhos especiais cuja negligência compromete muitas vezes o futuro ou o fruto dos nossos retiros e cuja observância lhes assegura os mais felizes resultados:

É preciso que oremos muito durante o retiro, e que não imaginemos que tudo, no retiro, se reduz a reflectir sobre verdades e a tomar resoluções; a graça desce até nós principalmente pela oração: (frase em latim (I Cor 3,7)).

As nossas resoluções não devem ser nem demasiado numerosas nem gerais: determinemos e precisemos bem, em relação aos defeitos particulares de que nos queremos corrigir ou às virtudes especiais que queremos praticar, o que precisamos fazer nesta ou naquela circunstância.

É preciso, durante o retiro, que nos acautelemos de pequenas infidelidades à observância da regra, à modéstia, ao recolhimento, etc., e que trabalhemos meditando as verdades, não para os outros, mas para nós em particular.

Depois do retiro examinemos, em tempos determinados, como somos fiéis às nossas resoluções e disso darmos conta ao nosso director espiritual.

Se considerarmos e pesarmos tudo o que acabamos de ouvir, sem dúvida alguma, desejaremos vivamente fazer os exercícios e entraremos em retiro com alegria e confiança. Temos um modelo perfeito de Retirante na pessoa do divino Salvador que se afasta do Jordão, cheio do Espírito Santo e é conduzido pelo mesmo Espírito ao deserto; dirige-se lá para se preparar para a sua vida pública pela oração, pela penitência e pela luta contra o demónio. Jesus vai para o deserto inteiramente cheio de alegria e do Espírito de Deus e é porque prevê a grandeza do bem que daí há-de resultar para o seu Reino que permanece 40 dias e 40 noites, nessa medonha estância onde é tentado pelo demónio; encontra-se lá no meio de feras, mas os Anjos veem para o servir.

Apropriemo-nos, pois, dos sentimentos do Salvador neste mistério e tenhamo-nos por felizes em podermos assim, durante o nosso retiro, viver com ele, em espírito e, dalguma sorte em realidade.

1ª MEDITAÇÃO

a) – Fim próximo do homem

I - Origem do homem

(frase em latim).....

Que é o homem? É um ser criado. É uma criatura. E que é ser uma criatura? Ser uma criatura é não ser de si próprio, mas d'outrem. É isto verdade em relação a mim? Estou convencido de que não dei a existência a mim mesmo? Ser uma criatura significa ainda não ser nada de si mesmo em geral. E na verdade quem não tem em si a razão de ser da sua existência tão pouco tem em si a razão de ser mais ou menos, de ser isto ou aquilo, nem sequer de ser geralmente. Ser criado quer dizer portanto ter tudo doutro ser, numa palavra, ter tudo de Deus e por meio da criação. Deve com efeito haver fora das causas criadas um ser que é a origem e o princípio de todos os outros seres; aliás, seria necessário admitir ou o sistema das causas que se sucedem indefinidamente ou o dos seres sem causa ou finalmente o do ser ao mesmo tempo causa e efeito.

Ora a maneira como esse ser supremo dá a todos os outros a existência não pode ser senão a criação. Todas as diferentes hipóteses dos materialistas e dos panteístas são insensatas e cheias de contradições. Portanto, se o homem é criado, não tem nada de si mesmo, mas tem tudo de Deus: a existência e o ser, o corpo e a alma, a origem e a conservação do seu ser e das suas faculdades. Eis o que nos diz a razão e a fé confirma. “Eu creio em Deus Pai todo poderoso, criador do céu e da terra...” As primeiras páginas da S. Escritura dão testemunho da nossa criação do nada por Deus...

Quem compreende por consequência em si esta natureza de ser criado, esta condição de ser criatura? Compreende duas coisas: Primeiro, a completa e perfeita dependência de Deus. A criatura não tem nada de si, é inteiramente dependente de Deus na sua existência, na sua conservação e na sua felicidade. A criatura é pois, por si mesma uma coisa muito pequena e uma grande esmola de Deus. Por mais que desenvolva as suas qualidades, que se eleve duma perfeição a outra, que estenda cada vez mais a esfera da sua actividade e do seu poder, não é menos criatura do que era; então o é ainda mais e é mais dependente de Deus. Tal é a nossa condição de seres criados. Vivemos em Deus, constantemente de novo de Deus e em Deus a nossa existência e a nossa força e sem Ele não somos nada. (frase em latim). Não há pois para mim nenhum ser que esteja tão próximo e que me seja tão importante e tão necessário como Deus.

Em segundo lugar, dizer dum ser que ele é criado é dizer que pertence absolutamente a Deus. Quando Deus cria, não cria porque mude ou porque precise; mas cria por pura bondade, para se comunicar do mesmo modo que uma luz acende outra luz, assim Deus cria só para comunicar a sua bondade. Ora há em Deus uma dupla bondade, uma absoluta, incriada e a outra relativa ou criadora. Ele não pode comunicar a primeira mas sim a segunda e comunica-a criando e criando à sua imagem e semelhança: eis o que são as criaturas. Não são essencialmente senão pensamentos, ideias de Deus, passadas à realidade, e exemplares vivos da bondade criadora de Deus. Existem no momento em que Deus quer; e são, na sua existência, no seu ser e nas suas obras, a perpétua representação e como que a irradiação da sua bondade e da sua beleza. Sim, pode

dizer-se que as criaturas são raios procedentes do Sol que é Deus: assim como os raios não se separam nunca do sol, assim as criaturas não se separam nunca de Deus. Existem por Deus e em Deus. Nenhum ser permanece no seio onde tem a sua origem tanto como a criatura no seio do seu Criador; a criatura está em Deus no seu passado, no seu presente e no seu futuro; a criatura está em Deus enquanto Ele é o seu arquétipo, a sua causa exemplar; está em Deus enquanto é a cauda da sua existência, a sua caída eficiente; está em Deus enquanto é o seu fim, a sua causa final. Tal é o mistério que a criatura encerra: dum lado a pobreza, a fraqueza, a fragilidade e do outro a grandeza, a elevação, o divino. Verdadeiramente “nós somos a raça de Deus” (Act.) e estamos com Ele nas relações mais íntimas e mais contínuas.

II – Fim do homem

Da natureza do homem é fácil concluir qual é o seu fim, o seu destino. Se o homem é verdadeiramente criatura de Deus, deve considerar-se e proceder para com Deus como criatura; Deus, que é a lei da sua existência física, deve ser também a regra da sua vida moral e, por conseguinte, operará sempre na dependência de Deus na ordem moral como na ordem física; não pode nem deve subtrair-se nunca nem à dependência nem ao domínio de Deus. O seu primeiro dever e o seu dever completo é reconhecer Deus como seu Criador e reconhecer-se como sua criatura e proceder como tal.

A maneira prática de proceder para com Deus Santo Inácio resume-a em três palavras: “Louvor a Deus, respeitá-lo e servi-lo”. Esta frase diz tudo.

1 - Louvor é reconhecer as qualidades e as prerrogativas d’outrem. Este reconhecimento de Deus faz-se pela adoração, isto é, confessando que Deus é o Ser supremo, a Bondade infinita, a primeira fonte de todos os nossos bens e que nós nos devemos, e que nós nos damos e dedicamos inteiramente a Ele.

2 - Respeitar a Deus é fazer passar para a prática da nossa vida o reconhecimento de Deus, como nosso Criador e Senhor; e como? Prestando a Deus o culto interior e exterior que lhe são devidos e tais como são prescritos nos três primeiros mandamentos do Decálogo. Finalmente:

Servir a Deus é submeter e sujeitar praticamente toda a nossa vontade à vontade de Deus manifestada, a executá-la de qualquer maneira que ele queira. Ora esta vontade de Deus é-nos intimada pela lei natural, pela lei positiva, pelos mandamentos da Igreja, pelos deveres de estado, pela Providência de Deus directa ou permissiva, no decurso e nas circunstâncias da nossa vida; assim, a pobreza e a riqueza, a honra e o desprezo, a prosperidade e a adversidade, a saúde e a doença, a vida e a morte são manifestações dessa vontade divina. Em tudo isso devemos submeter-nos a Deus humilde e filialmente, e cumprir a sua vontade sapientíssima, onnipotente e toda santa. (segue frase em latim)

Sim, seja o que for que possamos oferecer à Majestade Divina em matéria de dedicação, cheia de amor, e de generosidade, em matéria de louvor e de serviços excelentes, quer na observância dos mandamentos, quer na renovação das melhores intenções, quer até na fidelidade aos conselhos evangélicos, quer finalmente elevando-nos às cumeadas da caridade, não impediremos que tudo isso seja compreendido no louvor e serviço de Deus, que tudo se encerre nos limites do fim do homem. Tal é o destino de todos nós sem excepção. Não fomos criados, na verdade, para fazer isto ou aquilo, ainda que se tratasse duma coisa muito bela e muito nobre; mas fomos criados para louvar, respeitar e servir a Deus, em tudo e em toda a parte. Eis oi que, em resumo, todos nós temos de fazer e de mais é preciso que nos sirvamos como dum meio para alcançar esse fim. O homem deve com efeito ter um fim último; ora a natureza do fim último exige que todas as outras coisas não lhe sejam referidas senão como meio; devemos portanto assim amar a Deus de todo o nosso coração e amar tudo o mais por causa de Deus.

III – Necessidade deste fim

Temos principalmente quatro motivos para procurar do melhor modo possível conseguir o nosso fim.

O primeiro motivo é justo e racional.

Toda a grandeza e toda a soberania encontram adoradores e só Deus os não havia de ter, Deus cujo poder e cuja majestade são tão grandes, certamente maiores que quaisquer outros, Deus que nos toca de tão perto e que é para nós dum valor e duma dignidade infinitas?! Ou ainda não é justo que a mais alta majestade, a maior

bondade e a mais sublime beleza sejam reconhecidas e louvadas, quando não recusamos as nossas homenagens a uma bondade e a uma beleza criadas? Não é justo pensar em Deus que pensa constantemente em nós? Não é justo que consagremos sem cessar, no reconhecimento e no amor, a nossa vida e as nossas forças a Deus onde as haurimos continuamente? Não é justo que os nossos pensamentos sejam sempre para Deus, visto que, nós e todo o nosso ser estamos sempre nele? Não é justo que estejamos habitualmente pelo coração nele, porque ele próprio é a nossa habitação mais antiga e mais particular? Onde estávamos desde toda a eternidade e onde estaremos nos séculos futuros, a não ser em Deus? Onde estamos portanto mais em nós no que nele? Não podemos de modo nenhum estar mais e melhor na nossa casa e na nossa terra do que habitando pelos nossos pensamentos, pelas nossas intenções e pelas nossas aspirações no Coração de Deus. Se pensássemos sempre em Deus, se estivéssemos sempre ocupados no seu louvor e no seu serviço, não faríamos senão o nosso dever. Deus merece bem isso e ainda infinitamente mais.

O segundo motivo é o do dever. É uma simples regra de justiça que se pode reclamar aquilo cujo uso se abandona, mas cuja propriedade se conserva. Deus abandonou-nos tudo, deixou-nos tudo, pôs tudo à nossa disposição, mas tudo lhe pertence; pode por isso tornar a exigir-nos tudo e na realidade assim o faz e deve fazer. Como não há efeito sem causa, não há tão pouco causa eficiente sem uma intenção, sem um objectivo; Deus, nas suas obras exteriores, tem em vista, tem por fim a sua honra, o seu louvor e a sua glória e ordena-nos, pelos seus mandamentos e pela voz da nossa consciência, que o sirvamos. Não é que ele tenha necessidade do nosso serviço, mas porque é esse o seu direito, são esses os seus bens inalienáveis! (segue frase em latim (Luc 4,8). Este serviço de Deus é por consequência o dever com que vimos ao mundo; o dever que resulta imediatamente da nossa criação e que não pode jamais cessar; não é só o dever de estado, o dever de ofício, o dever do corpo, mas o do nosso ser e da nossa natureza, o fundamento de todos os outros deveres e também o fundamento e a origem de todo o bem e de toda a prosperidade do indivíduo e da sociedade. Temos de cumprir este dever quer no tempo quer na eternidade.

O terceiro motivo é a nossa própria utilidade. Se nos considerarmos sempre como criaturas de Deus e se o servirmos sempre como tais, em 1º lugar a verdade reinará em nós; aliás seriam a mentira e uma desordem extraordinária; em 2º lugar gozaremos da paz, porque estaremos bem com Deus que prossegue sem cessar o seu direito e o faz valer na nossa consciência; então em 3º lugar, a honra será nossa partilha, nosso quinhão, não nos trazendo senão desonra qualquer outro serviço; com efeito, a quem é que servimos, em quem cremos, quem e o que é que louvamos, quando não é Deus? Pode-se finalmente acrescentar que faremos assim progressos na vida espiritual: porque este fim da nossa existência, o serviço de Deus, pode e deve ser o objecto de todos os nossos desejos e de todos os nossos esforços em toda a parte e em todas as circunstâncias, na felicidade e na desgraça, nos dias de saúde e nos dias de doença. A inteligência desta verdade que nós somos criaturas funda-nos, estabelece-nos na humildade, torna a nossa oração e as nossas relações com Deus fáceis e naturais, familiariza-nos com ele e prepara o caminho para a mais alta santidade e para a mais sublime perfeição; uma e outra encontram todo o lugar de que carecem nesta base, neste fundamento. O maior Santo é o homem que tirou todas as consequências desta verdade e que com elas conformou a sua vida. Aqui, todos, homens, Anjos, o Homem-Deus, conservamo-nos no mesmo plano, por assim dizer no mesmo terreno. Jesus não veio senão para nos ensinar como devemos proceder, na qualidade de criaturas para com Deus. O serviço de Deus é portanto em nós a fonte da verdade, da sabedoria, da riqueza, da grandeza, da felicidade e da santidade. Tudo o que está fora, tudo o que é estranho a este serviço não nos proporciona nem a verdadeira grandeza, nem a verdadeira felicidade e é perdido para nós nesta vida e na outra.

IV - Motivo é o facto tão triste de constatar, de ver como esta verdade é desconhecida no mundo. Qual é o espírito do mundo, senão a licença, o egoísmo e a separação de Deus? Que é Deus neste mundo, na política, nas ciências, na literatura, nas artes e mesmo na Religião? Ou se guarda um silêncio de morte em volta de Deus ou então, se se lhe faz essa honra, não se nomeia senão como um objecto de sentimentalidade religiosa e não como um Senhor que pode impor preceitos e leis; ou ainda ousa o homem fazer-se a si mesmo Deus. “Ser criatura” é

apenas uma ideia para a metafísica. É sempre o primeiro pecado sob uma forma nova. É por esse motivo que o mundo está tão cheio de crimes, de desgraças e de degradação! Perante este espectáculo, quem que não se comove e não se empenha em restituir a Deus a honra que lhe é devida no mundo e em levantar o seu altar no coração dos homens, fazendo conhecer e fazendo reinar esta primeira verdade pela palavra ed pelo exemplo?

Tal é por conseguinte o fim primário próximo do homem: é criatura de Deus, e deve considerar-se a fazer-se reconhecer como criatura de Deus; deve louvar a Deus, respeitá-lo e servi-lo. Ser criatura de Deus e viver como criatura de Deus, eis a condição, a natureza, a essência, a tarefa do homem, o seu dever necessário, mas também fácil e sublime; é a sua história, a sua grandeza, a sua honra e a sua felicidade: “Temer a Deus e observar os seus mandamentos, eis todo o homem” (Eccl 12,13). O contrário é mentira, pecado, desgraça e ignomínia. Importa, pois, antes de mais nada compreender pouco a pouco esta verdade fundamenta, fazer dela a base única e inabalável, o eixo de toda a nossa vida, das nossas eleições, das nossas decisões, das nossas intenções e dirigir todos os nossos esforços para esse fim. Quanto mais o fizermos, tanto mais nos elevaremos na perfeição e na santidade. A vida interior mais perfeita, a vida em Deus, a realização em nós deste ideal: ser uma alma toda de Deus, uma alma segundo o Coração de Deus é a coroa, o remate magnífico desses esforços.

b) Fim último do homem

(frase em latim)

O fim próximo do homem é o serviço de Deus. O homem foi portanto em primeiro lugar criado por Deus e para Deus; mas pode dizer-se num certo sentido que o homem foi também criado para si mesmo: porque tem ainda um fim último a alcançar que é a salvação da sua alma.

I – Que se deve entender por salvação da alma?

Por salvação da alma devemos entender a consecução da felicidade para a qual cada um de nós é criado. Se o homem chega a essa felicidade, salva a sua alma.

Temos aqui três pensamentos a considerar:

Em 1º lugar, o homem é verdadeiramente destinado à felicidade?

Sim, e temos disso duas provas. A primeira é tirada dum instinto interior e profundo que todos nós temos ou da nossa própria consciência. Há no homem, na sua natureza racional, um desejo ardente de ser perfeitamente feliz sempre, e sob todos os pontos de vista e sem fim. Como esse desejo é inato em todos e invencível, necessariamente foi posto por Deus no nosso coração e portanto deve corresponder-lhe uma realidade. Temos aqui a disposição moral mais íntima do homem e um traço magnífico da sua semelhança com Deus. A segunda prova é que Deus responde com efeito a esta necessidade do nosso ser..., manifestando assim antes de mais nada a sua sabedoria que nos atrai, segundo a nossa natureza, para o próprio Deus, e, revelando em seguida a sua bondade, que não cria os seres senão para os tornar felizes e participantes da sua própria felicidade. Nós somos pois verdadeiramente criados e destinados para a felicidade eterna.

Em 2º lugar, onde encontrarmos essa felicidade? Não é com certeza fora de Deus, ou nas criaturas: por causa dos seus limites, da sua instabilidade, da sua inconstância, da sua fragilidade, não podem satisfazer o desejo que o homem tem duma felicidade eterna e universal. Só um bem infinito, só uma verdade e uma beleza infinitas são capazes disso: portanto só Deus. E na realidade Deus, por um excesso da sua benevolência e da sua liberalidade, quer ser o objecto da nossa felicidade; satisfaz as nossas aspirações, os nossos desejos muito além de todas as nossas esperanças, unindo-se a nós sobrenaturalmente, sobre a terra pela fé, pela caridade e pela graça e na outra vida pela visão beatífica! O Céu é pois a felicidade para a qual nós somos criados: é o fim, o destino que Deus, na sua bondade e no seu amor, quis fixar-nos.

Em 3º lugar, qual é a grandeza dessa felicidade? Que o Céu é grande e magnífico, isso resulta, primeiramente, de que ele é o bem que deve satisfazer todos os nossos desejos e que ele é o último fim para o qual convergem todos os esforços do homem e do próprio Deus, o termo em que e outro encontram o seu repouso. Quão grande é pois esse bem que satisfaz Deus e o homem e lhes proporciona uma felicidade superabundante! Ele é o resumo e a reunião de todos os bens. Além disso, podemos julgar da magnificência do Céu pelo que a fé e a Sagrada Escritura nos ensinam a respeito dele. Sem dúvida, o lugar e a companhia não deixam lá

nada a desejar; se Deus deu já a esta terra tanta beleza e tantos atractivos, se ele faz já experimentar a uma pessoa tanta alegria com a companhia doutra, que será então no Céu?... E, a ocupação do Paraíso, em que consistirá ela? Antes de mais nada, conheceremos a Deus, não como sobre a terra, por ouvir dizer, pelas suas obras e pela fé; mas conhecê-lo-emos dum modo imediato. Do mesmo modo que Deus nos dá a faculdade de o conhecermos pelas suas obras e lhe acrescenta a luz da fé para o conhecermos sobrenaturalmente, assim nos concederá no Céu, na luz e pela luz da glória, um novo auxílio, elevará e fortificará a nossa inteligência, para que possamos vê-lo como Ele se vê a si mesmo, face a face. (frase em latim de: I S.João e 1 Cor). Que alegria nos proporcionam, mesmo neste mundo, a descoberta duma verdade, a vista duma bela região, duma obra de arte, duma figura encantadora! Qual será então a nossa felicidade quando contemplarmos e admirarmos a verdade eterna, a beleza perfeita? Será essa a nossa primeira ocupação. A segunda será amar. Deus estenderá os limites e multiplicará as forças da nossa vontade, como fortificará a nossa inteligência, para que sejamos capazes de receber a imensidade do seu amor; ele nos fará entrar na torrente e no oceano infinito do seu amor e da sua felicidade, para que possamos amá-lo como ele se ama a si mesmo. Finalmente a terceira ocupação dos eleitos será ser feliz. Tudo o que pode contentar um coração, repouso, paz, poder, honra e alegria, será sua partilha sem medida. Como se lê na S. Escritura, o Céu é a casa do Pai de família, o Céu é a paz e o repouso perfeitos, o Céu é o banquete nupcial, e também um reino imenso, magnífico. Nós reinaremos portanto e seremos felizes espiritual e corporalmente. Que belezas verão então os nossos olhos! Que harmonias ouvirão os nossos ouvidos. Em que mar, em que torrente de doçuras e de delícias se inebriará o nosso coração! E tudo isto durante toda a eternidade, sem fim e com a consciência certa, a convicção íntima da permanência e da eternidade dessa felicidade! Que é, pois, uma criatura humana transfigurada e glorificada? É um ser magnífico, poderoso, feliz, admirável, quase divino.

Mas isto é verdade? Sim; porque a fé no-lo ensina. (latim) Mais ainda, a magnificência é, no Céu, ainda maior do que nós podemos imaginar. É S. Paulo que nos diz em 1 Cor - latim).

Que conclusões práticas devemos agora tirar?

A primeira conclusão é agradecer a Deus de todo o nosso coração. Nós vemos como ele nos quer bem, porque nos criou para esse fim tão belo, para uma tão grande felicidade. Foi com a sua sabedoria, com a sua bondade e com o seu amor que Deus traçou o plano dessa felicidade. Devemos ser eternamente felizes por ele e com ele. Aqui se revelam com evidência os desígnios de Deus sobre a sua criatura e aparecem a grandeza e a magnificência de tudo o que foi criado e pertence a Deus. Uma criatura glorificada não é assim uma espécie de personificação, uma imagem viva da divindade?

A segunda consequência desta verdade é regozijar-nos de todo o nosso coração. Aquele que crê no Céu não tem sobre a terra um instante de tristeza, pelo menos voluntária: daqui a dez, vinte, cinquenta anos o Céu com todas as suas belezas, com todas as suas maravilhas, será a minha herança e eu serei um das suas mais felizes, mais glorificados e mais poderosos do mundo e para sempre; ora, quem é que nesta persuasão, não se regozijaria e não consideraria todo o trabalho e todo o sofrimento como um verdadeiro lucro? (em latim.....) Tudo em volta de nós pode faltar-nos e desaparecer: resta-nos esta esperança e ela nos basta.

Em terceiro lugar, devemos juntar todas as nossas forças e procurar arrebatá-lo o Céu a todo o custo. É por isso que nos obrigamos a nunca esquecer o céu e mesmo a pensar nele muitas vezes e sem cessar⁵. O Céu é a coisa mais bela e mais importante em que podemos empregar-nos e de que podemos ocupar-nos. O pensamento do céu nos libertará pouco a pouco de tudo o que pode haver em nós de comum e de baixo, principalmente no carácter. Além disso, não devemos jamais expor-nos a perder o Céu; por conseguinte, não tenhamos sequer a ideia de pôr o Céu em paralelo com a terra ou com alguma criatura perecível; os bens terrenos nem por sua natureza, nem pelo seu número, nem pela sua duração, podem ser comparados com o céu. Nunca nos é lícito pô-lo em jogo expondo-nos

ao pecado grave ou, cometendo-o; não sabemos então o que fazemos. Pelo contrário, devemos empregar tudo, trabalho, oração, sacrifício, sofrimento e até a vida para alcançar, para possuir o Céu. Que não faz o mundo e que esforços não envida e para quê?... Que não fizeram os Santos pelo Céu? Eles separaram-se de tudo, eles dedicaram-se a tudo, eles puseram radiantes a cabeça sob o cutelo e lançaram-se com alegria em piras ardentes. Com que fim? Para terem o Céu. O Céu é um bem grande, magnífico, infinito, que substitui todos os outros bens. E o Céu é certo; Deus no-lo assegura, se formos fiéis ao seu serviço e ele próprio se faz fiador da sua promessa. O Céu é fácil de obter: não se precisa senão de ter fé, inteligência e coração; não há mister senão querê-lo, seriamente. Depois dos Alpes a Itália, dizia Aníbal aos seus cartagineses. Aquele que está no caminho do ocaso que se chama o Céu, excita Cortez e queima sem dificuldade todos os seus navios, isto é, sacrifica tudo para se apoderar dele.

Finalmente uma última e magnífica conclusão, é desejar e pedir o Céu não só para nós, mas para muitas outras pessoas e contribuir para que elas o alcancem; é na verdade conquistar reinos para os partilhar com outros. Acção Católica Jacista.

Sim, este fim último, o Céu é uma verdade muito certa e muito exacta, de modo nenhum duvidosa ou exagerada de que devemos deixar-nos penetrar. Eis os motivos deste dever:

Primeiro, nós vivemos assim, nós trabalhamos à claridade duma grande e bela luz, com um fim bem determinado e bem visível e sabemos para onde vamos, porque vemos claramente o nosso fim. Sem dúvida, o último fim de toda a obra exterior de Deus é a sua honra e a sua glória; mas o que há aqui de belo e de tocantes, é que Deus faz consistir a sua própria glorificação na nossa própria salvação e na nossa própria felicidade. Se merecermos o Céu e se o alcançarmos, Deus é glorificado e atingiu o fim que se tinha proposto. Deus em parte nenhuma é glorificado como o é no Céu pelos seus Santos.

Em segundo lugar, devemos penetrar-nos desta verdade, a fim de trabalharmos sobre a terra com todo o nosso e com todas as nossas forças. A exigência mais íntima e mais profunda do nosso ser é o amor de nós mesmos, o princípio da conservação pessoal e da felicidade individual. Pois bem! Tudo está nesta verdade.

A nossa vida não é senão a preparação para a nossa gloriosa eternidade; só nós temos o proveito de tudo o que fazemos e de tudo o que sofremos; assim todas as nossas acções estão em harmonia com o nosso próprio interesse. Depois disto, a quem é que podia ser custosa a vida, o trabalho, o sacrifício?

Em terceiro lugar, finalmente, devemos compreender a fundo esta verdade, para continuarmos os nossos esforços corajosa e alegremente. A vida, com as suas realidades e os seus expedientes, oferece-nos muitas vezes misérias e desgostos que nos apertam o coração; é preciso que tenhamos alguma coisa que nos reanime, nos console, nos atraia e nos inflame: e é o Céu, esse fim tão belo, esse objectivo tão elevado! O Céu torna tudo fácil; não foi o pensamento do Céu que fez os Santos tão corajosos, tão ávidos de sacrifícios e invencíveis?... Eles personificavam, pode dizer-se, esta verdade; ela era o princípio da sua grandeza e da sua virtude. Ela fez deles o que eles são. Em troca do sofrimento da terra, um dia e em breve, a felicidade do Céu; tal é a alegre perspectiva da vida para os cristãos que estão ainda nas regiões desta triste terra, neste vale de lágrimas e da miséria que é o mundo.

2ª MEDITAÇÃO

I – O pecado dos Anjos.

Que são os Anjos antes da sua queda?

Vejamos qual era a sua natureza e qual era o seu fim.

Os Anjos são as primícias e como que os primeiros astros da manhã da criação; espíritos puros; seres admiráveis, adornados de todos os dons da natureza e da graça, dotados duma inteligência magnífica, duma vontade poderosa, eles resplandecem no fulgor do seu estado de justiça original. Formam hierarquias sem número de sabedoria, de poder e de beleza e são todos destinados à visão intuitiva de Deus, depois de terem sido submetidos à prova que lhes está reservada. Essa prova mesmo é fácil: devem, como nós também, usar da sua liberdade para louvar a Deus, respeitá-lo e servi-lo; talvez que o objecto dessa provação seja o reconhecimento do Homem-Deus futuro e um acto de submissão a seu respeito.

Que é que se tornam os Anjos? - Que punição.

Eles desaparecem de repente do limiar da habitação celeste e para irem para onde? Para o inferno. Esses seres livres, espirituais e poderosos, são encerrados num lugar material, num lugar de desterro, de tristeza, de terror e num inferno de fogo. Tal é o seu castigo exterior. A punição interior consiste na privação dos seus dons sobrenaturais e na degradação do seu ser. Ainda há pouco eram os favoritos de Deus e encontravam-se no esplendor da sua graça primitiva e santificadora. Agora são demónios, monstros de malícia e de perversão. A sua alta inteligência está doravante inteiramente obscurecida e inacessível a qualquer ideia sobrenatural; não serve senão para os atormentar com a lembrança da sua felicidade perdida e da completa inutilidade dos privilégios de que loucamente abusaram, logo que os adquiriram. A sua vontade está obstinada no mal, no ódio de Deus, deles mesmos e de tudo. O seu poder está quebrado e limitado de todos os lados: uma simples gota de água benta basta para os pôr todos em fuga imediatamente. São relegados para o canto mais obscuro e mais humilhante da criação. Todos no seu conjunto oferecem uma viragem, um espetáculo espantoso de miséria e de infortúnio sem nome, ao mesmo tempo que são objecto de horror para Deus e para todas as criaturas.

Como caem os Anjos? – O seu pecado.

Obcecados pelo brilho da sua grandeza e da sua beleza, abusam da sua liberdade relativamente a Deus, quer pretendam um poder igual ao dele, quer se esforcem por atingir o seu fim sobrenatural só com as forças da natureza, quer enfim se recusem a reconhecer o Homem-Deus como seu Chefe e seu Senhor: eis o pecado dos Anjos. Este pecado é enorme em si mesmo e por sua natureza, por causa da inteligência superior dos Anjos, por causa do poder da sua vontade e por causa da injustiça e da ingratidão que cometem; acrescentemos enfim que esse pecado é talvez a sua primeira acção, o primeiro uso que fazem da sua vontade e da sua vida. Esse pecado é insensato, porque a sua realização não tem nenhum bom resultado e não dura senão um instante fugitivo, ao passo que a sua punição é fatal e eternamente imperdoável.

Representemo-nos aqui, em primeiro lugar, o que Deus vê no pecado dos Anjos: vê um abismo de iniquidade, de loucura e de malícia; em segundo lugar o que os

próprios Anjos culpados vêm no seu pecado, logo depois de o terem cometido e que hão-de ver sempre nele: um abismo de maldade, de loucura e de desgraça; em terceiro lugar, o que podemos e devemos nós também ver nesse pecado, que é ainda um abismo de presunção, de estultícia e de infortúnio. Um único pecado encerra tanta malícia que fez dum Anjo um demónio, um monstro de malignidade e de insensatez e uma ruína inaudita. Um único pecado cria o inferno, essa síntese de todos os males e de todos os infortúnios! E devemos notar bem que todos os pecados mortais, como tais, quer sejam do homem quer sejam do Anjo, têm a mesma natureza, são essencialmente os mesmos.

Que é então que Deus vive em mim, se eu tive na consciência não apenas um pecado mortal, mas num grande número de pecados mortais? Não tenho razão para me encher de vergonha e de confusão perante esta acumulação enorme, esta reunião monstruosa de males, de loucuras, e de desgraças?

II – O pecado de nossos primeiros pais

Amor de Deus por Adão e Eva – O seu feliz estado

Adão e Eva são, também, os bem amados de Deus, seus filhos de predilecção e reis da criação visível.

Deus prodigalizou-lhes os dons da natureza e da graça, quanto ao corpo e quanto à alma, tornando-os semelhantes a si mesmo pela santidade, pela imortalidade, pelo império sobre as outras criaturas e pela felicidade.

Que esplendida côrte compôs para eles no Paraíso terrestre! Tudo depende deles, tudo os serve. Deus digna-se admiti-los à sua familiaridade e à sua conversação. É um belo império onde reinam o poder, a honra e a alegria, e contudo não é senão o penhor doutro reino infinitamente mais belo e eterno, para onde serão transportados sem morrerem, num êxtase de amor. Que plano magnífico, paternal, divino!

Castigo dos nossos primeiros pais

A sua punição é primeiramente severa. Deus inflige-a à sua natureza, despejando-a de todos os seus dons sobrenaturais e dos privilégios que lhe estão anexos. Da perda da graça santificante que sofrem Adão e Eva resulta uma triste decadência

para toda a raça humana. A concupiscência, a morte, etc., a expulsão do Paraíso e a entrada numa vida cheia de trabalhos, de penas e de sofrimentos, são as consequências do seu pecado. A penitência de novecentos anos de nossos primeiros pais não pode restabelecê-los no seu estado primitivo. Em segundo lugar, a sua punição é universal. Ela atinge todos os seus descendentes. Ai! em que escala a concupiscência, esta triste chaga do pecado de Adão, estende e multiplica as suas devastações e as suas ruínas! As torrentes de sangue e de lágrimas de Adão e de seus filhos elevaram-se a prodigiosa altura para formar um mar imenso de infortúnios e de maldições; o crânio do primeiro homem e o da primeira mulher poderiam servir de base a uma pirâmide enorme de crânios humanos, cujo vértice tocaria o céu.

Em terceiro lugar, a punição de Adão e Eva é, para um número incalculável de homens, sempre invariável e permanente para todos aqueles que, em verdade por sua culpa, mas sempre por causa do pecado de origem, se precipitam no abismo da perdição.

Causa do castigo

A causa do castigo é ainda o pecado de nossos primeiros pais. Este pecado é em primeiro lugar inexcusável em virtude da facilidade em cumprir o preceito de Deus e do estado de justiça original de Adão e Eva. É em segundo lugar detestável em razão da ingratidão para com Deus. É enfim humilhante por causa da leviandade em que é cometido e cuja consequência é lançar toda a raça humana num abismo sem nome. Devia-se considerar como impossível e incrível a perpetração de tal crime. Que vergonha, que confusão, se nós nos sentíssemos, só na mais pequena parte, responsáveis pelas consequências horrorosas de semelhante pecado! Ainda aqui o pecado se apresenta aos nossos olhos como um abismo horrível de indignidade, de loucura e de desgraça. E que seria, se tivéssemos cometido não apenas um pecado grave, mas pecados mortais numerosos!

III – O pecado de qualquer condenado

Segundo Santo Inácio, devo representar-me ou um réprobo, caído no inferno só por causa dum pecado da sua vida, portanto depois de ter cometido o seu primeiro

e único pecado grave, ou então vários réprobos que foram condenados ao inferno por menos pecados graves do que eu tenho cometido.

Consideremos atentamente e pesemos antes de mais nada este único pecado particular dum condenado. É um pecado grave, certo, bem condicionado, cometido com pleno conhecimento e com inteira vontade e liberdade; sob este aspecto, notemos bem, não há diferença essencial de loucura, de insubordinação, de injustiça e de ingratidão para com Deus, entre este pecado, o pecado dos Anjos e o dos nossos primeiros pais.

Interroguemos o condenado: que alegria e que prazer proporcionou a realização dessa má acção, desse pecado? Que proveito, que vantagem tiraste dele? Desde quando sofres já o castigo dele? Durante quanto tempo o suportarás ainda? Que é que pensas agora do pecado? Podes queixar-te de seres vítima duma injustiça? - Não, um pecado mortal merece esse castigo e um castigo muito maior ainda. Aqui de novo o pecado nos aparece como num medonho abismo de perversidade, de loucura e de desgraça.

É, portanto, a pura verdade; por toda a parte, no céu e sobre a terra um só e único pecado grave resume, por assim dizer, em si mesmo todo o mal, toda a loucura e todo o infortúnio. Os factos falam bem alto e Deus julga segundo o direito e a justiça. Se assim é,, como é que Deus me suportou e me suporta ainda? Não viu ele em mim essa abominação do pecado e tantas vezes quantas eu o cometi? Tenho ainda razão para julgar que valho alguma coisa? Não devo pelo contrário ter vergonha e confusão, a mais profunda, de mim mesmo? Que bem se encontra em mim? Porque estou eu ainda sobre a terra? A quem deve eu essa graça, senão ao meu Senhor e Salvador que os meus pecados pregaram na cruz e conduziram da vida eterna à morte temporal? Considera-o sobre essa cruz! Esse espetáculo não é uma revelação nova e muita mais impressionante que qualquer outra de tudo o que há de horrível, de vergonhoso e de execrável no pecado e em mim mesmo? Porque até hoje eu não fiz nada por ele senão ofendê-lo e actualmente ainda não faço nada de conveniente para o seu serviço. Quero ao menos ter a maior vergonha da minha pessoa e pela humildade estabelecer em mim o fundamento duma sólida conversão.

b) Os pecados pessoais

I – O seu número. Recordemos o fim da nossa vida: louvar, respeitar e servir a Deus e deste modo salvar a nossa alma. Depois lancemos, cada um de nós em particular, uma vista de olhos sobre toda a nossa existência, para ver se, sim ou não, temos trabalhado para conseguir esse fim. O objectivo desta meditação não é fazer um exame de consciência preparatório para a confissão, mas receber uma impressão mais profunda da recordação das nossas próprias faltas e conceber uma viva dor dos nossos pecados pessoais.

Para Isso percorramos as diversas épocas da nossa vida: a infância, a adolescência, etc.

A primeira época da nossa vida foi consagrada e santificada pela participação nos maiores mistérios do amor de Deus, pelo Baptismo, primeira Confissão, primeira Comunhão, Confirmação; e que frutos colhemos de cada uma destas partes da nossa existência? Talvez que quanto mais idade tínhamos, quanto mais desenvolvida estava a nossa inteligência, quantos mais benefícios Deus nos tinha dispensado, mais culpados nos tornássemos de pecados e de ofensas para com a Majestade Divina. Percorramos os lugares e habitações em que cada um de nós se encontrou: casa paterna, escola, igreja..., que nos dizem esses lugares agora?

Recordemos as pessoas com quem temos vivido: pais, irmãos e irmãs, criados, companheiros de juventude, professores; a esta lembrança a nossa consciência nada nos exproba?

Percorramos os nossos deveres de estado: orações, trabalho, obediência; passemos também em revista as criaturas que Deus pôs à nossa disposição: tempos, dinheiro, vestuário, alimento, talento, imaginação, corpo e alma, graças, Sacramentos.

Interroguemo-nos então: que mandamento há que eu não transgredisse? Que pecado é que não cometi? De que graça e de que benefício não abusei? Que bem fiz eu? Servi a Deus convenientemente, durante um ano, durante um mês, durante um dia, como podia e devia? A minha vida não é uma grande desordem, um enorme pecado?

É bom também recordar as faltas da nossa vida de piedade e da nossa vida de comunidade. Quando Deus se dignou chamar-nos a uma vida de piedade mais

intensa ou à vida de comunidade, os pecados da nossa vida no mundo estavam perdoados; ora esta remissão dos pecados passados, o benefício da nossa vocação, o aumento dos nossos anos e o desenvolvimento da nossa razão deveriam ter-nos tornado mais puros, mais humildes, mais reconhecidos para com Deus e mais dedicados ao seu serviço. Ouçamos o que nos diz a nossa consciência a respeito do ano que acaba de decorrer, a respeito dos nossos pecados voluntários e das nossas negligências no serviço de Deus. : oração e observância dos nossos compromissos: dos nossos deveres para conosco: ceder ao amor das nossas comodidades, à curiosidade, à preguiça, à sensualidade, à intemperança e à vaidade; dos nossos deveres para com os nossos superiores: obediência, fidelidade ao emprego; dos nossos deveres para com o próximo: caridade, edificação, zelo das almas! E, para dizer tudo numa só palavra, temos adiantado no trabalho da perfeição, prática das virtudes sólidas, na aquisição de méritos para a eternidade, na nossa formação religiosa? Temos consolado verdadeiramente Nosso Senhor servindo-o com zelo e generosidade?

II – Sua gravidade

Três considerações nos mostram a gravidade dos nossos pecados pessoais:

A primeira é a fealdade do pecado e a sua oposição à razão humana mesmo abstraindo da proibição de Deus. Sentimos perfeitamente que a torpeza do pecado repugna ao que há de melhor na nossa natureza, de que é a contradição, e envergonhamo-nos dele, sobretudo quando se trata de certos pecados, como a ingratidão, a indiferença para com Deus ou para com os pais, a intemperança, a impureza e a propensão para a mentira. Podemos fazer uma consideração semelhante sobre as faltas da nossa vida de piedade ou de comunidade. Descobriremos então muitas fraquezas, irregularidades, inutilidades, alguns desgostos, preguiça, muita cobardia e pusilanimidade no cumprimento dos nossos deveres para com Deus. E que significa essa vida quando se recorda tudo o que exigem de nós a nobreza da nossa natureza racional e a sublimidade da nossa vocação. Não há por ventura contradição manifesta com a razão, com a fé e com o nosso próprio carácter? Um grande Mestre da vida espiritual assim o afirma nestes termos:(em latim)

A gravidade dos nossos pecados aparece considerando, em segundo lugar, qual é aquele que ofende a Deus, isto é, o pecador, vendo bem quem somos, nós que temos a ousadia de proceder assim para com Deus e para com os seus mandamentos. Somos acaso personagens duma qualidade tão excepcional e seres tão poderosos para nos atrevermos a tomar tais liberdades? Que somos nós, se nos comparamos com o próximo? Mostremos aqui toda a nossa grandeza e todos os privilégios que julgamos possuir e mesmo exageremo-los tanto quanto pudermos. Temos beleza e dotes corporais? E os outros não os têm? Somos ricos e considerados? E os outros não o são? Temos talento, reputação e virtude? Quantos nos igualam e nos excedem sob muitos pontos de vista! Que somos agora em comparação de todos os homens e de todos os Anjos? Que medida adoptar e como calcular semelhantes números? Como o pequeno globo em que vivemos e tudo o que é terrestre desaparecem diante dessas imensidades! Que é que somos finalmente diante de Deus? Um pequeno grão de areia à beira mar. Uma folha na floresta virgem. Podemos desaparecer, podemos deixar este mundo sem que ninguém dê por isso. Ora, nestas condições, convém-nos ser tão orgulhosos e tão arrogantes? Que somos nós considerados absolutamente e em nós mesmos? Fraqueza, a baixeza e até a ignomínia; nós somos uma cloaca, uma sentina viva. Mas sob o ponto de vista do espírito? Quantos anos que tivemos de nos sentar nos bancos das escolas e que é que sabemos com perfeição? Apaguemos, suprimamos nos nossos conhecimentos tudo o que aprendemos dos outros: que é que resta? Que é a nossa memória, esse fio tão débil, do qual dependem toda a nossa grandeza e toda a nossa glória? Que é a nossa vontade? Bem se vê nas mais pequenas dificuldades. Que são a nossa virtude e a nossa santidade? A história não fala delas. Que somos nós então? Que é que temos? E quanto o que nós temos é desfigurado e alterado por um sem número de faltas e por um sem número de defeitos de toda a espécie. Estamos verdadeiramente sentados num monturo e julgamo-nos rainhas! Seria muito melhor para nós que fôssemos humildes, modestos e sujeitos para com as criaturas e, por maioria de razão para com Deus! A terceira consideração que nos dá a conhecer a gravidade e a indignidade dos nossos pecados é a consideração do próprio Deus, do ofendido oposto ao ofensor

ou a cada um de nós. Quem é Deus?. O Ser eterno, necessário, absoluto e nós não somos senão seres contingentes e como que de ocasião. Deus é a soberania, a majestade e o poder infinitos; entre os seus dedos toda a criação não é mais do que uma espiga de trigo presa à haste: se a tritura e deita fora, que é que Ele perde? Quano a nós, somos a impotência, a fraqueza e o nada. Deus é a Sabedoria infinita e nós somos finitos e limitados, não vemos a dois passos diante de nós. Deus é a pureza, a justiça e a santidade e nós somos a própria perversidade e, apesar disso, queremos que a vontade de Deus e as suas leis cedam perante a nossa vontade e perante os nossos desejos. Deus á a beleza e a amabilidade e nós somos feios como o pecado. Deus é a beleza e o amor infinitos. Não tem sido cheio de benevolência para connosco? Nós nos deu Ele tudo? Não quer tornar-nos felizes e dar-se-nos a si mesmo? E que temos feito pela nossa parte? Temos reflectido sobre o que é Deus e sobre o que nós somos? Temos-lhe testemunhado o nosso reconhecimento pelo nosso amor e pela nossa fidelidade? Ai, talvez não tenhamos sido enérgicos, decididos, corajosos, infatigáveis e engenhosos senão para o ofendermos e para lhe mostrarmos a nossa ingratidão! Eis qual foi todo o nosso esforço e quais foram todas as nossas obras: ofender, ultrajar um Deus tão bom e tão amável! Como é que procedemos para com as pessoas em quem temos confiança, que estimamos e de quem esperamos alguma coisa? E como temos tratado Deus? A quem havemos temido menos do que a ele? A quem temos mais mal servido do que a ele? Com quem temos sido mais teimosos, menos delicados, mais ingratos e mais infiéis? É esse o serviço que lhe devíamos? Que merecíamos por esse procedimento? E que nos fez Deus depois disso? Ele não tomou em consideração a nossa ingratidão; não nos castigou, não nos retirou os seus benefícios, pelo contrário, correspondeu à nossa ingratidão dando-nos mostras cada vez maiores do seu amor e da sua generosidade, concedendo-nos mesmo a graça inestimável da nossa vocação cristã.

III – Conclusões ou frutos

Depois do que acabamos de ver e de considerar a respeito dos nossos pecados pessoais, devemos, em primeiro lugar, ter uma dor profunda e um arrependimento sincero e além disso fazer uma confissão muito humilde: ... (frases em latim)

Em segundo lugar, devemos admirar-nos da misericórdia de Deus para conosco e testemunhar-lhe a nossa gratidão. Essa bondade e essa misericórdia de Deus, depois duma tal vida de pecado, bem merecem a nossa admiração e o nosso reconhecimento; elas oferecem aos nossos olhos um espetáculo inteiramente novo e inaudito. E na verdade que é que eu merecia? Os Anjos viram a minha vida, foram testemunhas perspicazes, e eles suportaram-me, auxiliaram-me, foram constrangidos a olhar cara a cara um demónio, a levá-lo nas suas mãos e a servi-lo. Quem os impediu de fazer justiça à minha conduta e quem os encarregou de me defender? Os Santos também me viam e porque é que não apanharam pedras para mas atirarem? As criaturas irracionais gemiam sob a violência que eram obrigadas a sofrer, todas as vezes que eu abusava delas. Como teriam procedido se fossem dotadas de inteligência e de liberdade? Não teriam procurado escapar-se e vingarse de mim; não teriam cavado um novo inferno para punir os meus pecados tão numerosos e tão grandes? A minha condenação eterna não teria sido inteiramente justa? Porque é que não se verificou? A quem o devo senão a Deus de toda a misericórdia e de toda a longanimidade, que me deixou a vida até este dia, para que eu compreenda enfim tudo o que fiz?.

Agradeçamos, portanto, ao coração paternal e tão profundamente bom de Deus e beijemos todos a sua mão misericordiosa que não nos(?) mas cumular de benefícios!

O terceiro fruto desta meditação é a confiança; a misericórdia infinita de Deus merece-a seguramente. Apesar de todas as nossas maldades, temos ainda crédito junto de Deus e da sua misericórdia. Eis as três razões disso, muito bem expressas aliás no salmo 102. Em primeiro lugar Deus é nosso Criador e nosso Pai; ainda mesmo que um filho tenha ofendido, duma maneira indigna, seus pais, se se volta para eles com o arrependimento e o reconhecimento da sua falta, a voz do sangue faz-se sempre ouvir; alcançará o perdão, porque é sempre filho. Em segundo lugar, Deus conhece a fraqueza e a fragilidade da nossa natureza, sabe que não podemos fazer coisa alguma por nós mesmos e que somos inclinados naturalmente ao pecado e ao nada. Finalmente, Deus não ignora que outras seres nos armam laços ou procuram seduzir-nos. Há um mais poderoso acima de nós que nos engana e

que nos violenta, a nós pobres filhos sob tutela. Aqui a criatura mostra-se em plena luz, tal como ela é, isto é, pura fragilidade e deplorável fraqueza. Deus o sabe e mito melhor do que nós. Deus é compassivo não só porque é bom, mas também porque é sábio e reconhece toda a nossa pobreza. Depois de tudo, podemos e devemos regozijar-nos com toda a razão da nossa completa dependência dum Deus infinito e tão misericordioso. A nossa condição de criatura e toda a nossa fragilidade são um elogio sublime da sua Soberania e das suas perfeições divinas; no meio da mudança e da caducidade dos milhões de criaturas, só Ele é o Verdadeiro e o Existente, o Impecável e o Imutável, o Compassivo e o Misericordioso. Que em todo o lugar seja louvado e glorificado o seu domínio universal e supremo, mesmo no mais profundo do abismo da miséria dos nossos pecados que não fizeram que nos rejeitasse do seio da sua misericórdia.

O quarto fruto que devemos recolher aqui é o firme propósito de não tornar a cometer nenhum pecado voluntário, com o auxílio da graça de Deus. Esta graça está ao alcance de nossas mãos e é bastante poderosa para reparar todas as nossas ruínas, curar-nos das nossas fraquezas e renovar a nossa juventude como a da água (Pr 102,3-5)

3ª MEDITAÇÃOAS - SOBRE A MORTE

I – Natureza da morte

A morte é fim da nossa vida terrestre e isto de três modos.

Em primeiro lugar, a morte é o fim da nossa vida corporal. A essência da morte consiste propriamente em que o corpo e a alma se separam e se deixam um ao outro. Há a união mais íntima entre a alma e o corpo; não é só uma união de comunidade de vida, é uma unidade de ser. A alma e o corpo penetram-se reciprocamente e unem-se para formar um princípio de actividade vital. A alma não é apenas o princípio da vida do espírito; é também o princípio da vida do corpo; é a sua forma. Esta união íntima não se destrói senão com a morte.

A separação é pois violenta e demais dolorosa; porque o corpo não se retira da alma senão por causa do enfraquecimento e da dissolução penosa dos seres órgãos que a forçam a abandoná-la. Esta separação é além disso humilhante porque não

estava primitivamente no plano de Deus e não foi por ele querida senão como castigo do primeiro pecado em que o corpo e a alma cooperaram.; sob este aspecto, a morte é a verdadeira execução duma sentença. Só a alma entra na eternidade; o corpo, que não a acompanha senão depois da ressurreição no fim do mundo, é levado para o seio da terra, onde é pasto de vermes e gusanos, onde se reduz a pó, onde se torna uma coisa que já não tem nome em língua alguma.

Em segundo lugar, a morte é, por causa da separação da alma e do corpo, o fim de toda a nossa actividade sobre a terra. Quaisquer que sejam os nossos empregos e os nossos lugares, sejam quais forem as nossas relações, os nossos planos, os nossos projectos, os nossos negócios e as nossas empresas na Igreja, no mundo e no estado especial que abraçamos, tudo cessa, tudo nos escapa; apartamo-nos então mesmo do que nos é mais caro, mais agradável, mais precioso, mais digno de estima e mais santo. Trabalho, sacrifício, mérito, perfeitos ou imperfeitos e necessários que nos pareçam a nós e aos outros, ficam interrompidos para sempre. Tudo o que é do tempo, mitra ou estola beca, de uso para este mundo, não servia senão de instrumento ou de meio para alcançar a eternidade; tudo isso fica e é lançado para trás, como a tábuca que trouxe o naufrago até à praia e que em seguida é afastada para longe dele.

Em terceiro lugar, a morte é o fim da nossa vida na memória dos homens. Como desaparecemos depressa aos olhos e na lembrança dos nossos semelhantes! Outros ocupam o nosso lugar, afastam-nos e suplantam-nos. Em breve já não se falará de nós. Passado mais algum tempo já ninguém sequer pensará em nós. Assim nós somos tirados da vida terrestre como a árvore arrancada pela tempestade que deixa ver no meio dum solo horrivelmente revolvido e devastado, até as lascas das suas menores raízes. Eis como a morte acaba com o homem. Não fica dele pedra sobre pedra.

A morte é o começo da eternidade (frase em latim de Eccl 12,5). A morte é pois a entrada nesse outro mundo, cujas condições, destinos, sofrimentos, alegrias, recompensas e castigos são para nós, que temos sentidos, inteiramente diferentes, inteiramente desconhecidos, mais ainda, tão extraordinários e tão assombrosos! A morte é, enquanto entrada na eternidade, o princípio dum estado eterno e imutável.

Aquilo para o que eu fui criado ou o que eu mereci pela minha vida torna-se então a minha partilha e a minha sorte eterna. A morte, enfim, como começo da eternidade, é um encontro decisivo com Deus. Nós compareceremos na presença de Deus; Ele nos premiará ou nos castigará; e a sentença que pronunciar permanecerá eternamente irrevogável (frase em latim de Ecc 12,2). Assim a morte, considerada sob cada uma das suas fases, é severa, penosa e fatal.

II – Circunstâncias da morte

1 – A primeira circunstância da morte, é que ela vem com certeza. É uma verdade indubitável natural e sobrenaturalmente. Em castigo do primeiro pecado, Deus condenou à morte toda a humanidade (frases em latim de Gen 2,17; Heb 8,7). Até hoje ninguém foi poupado. Segundo uma lei sapientíssima de Deus, tudo o mais também, mesmo o que há de mais poderoso e de mais sábio caminha para a ruína e para a dissolução: as montanhas caem pouco a pouco em pó; o grande relógio planetário voará um dia em estilhas e então o sol ficará, por assim dizer, adormecido nas nuvens da manhã e não tornará a nascer. O mundo inteiro é votado com o homem à morte. E é necessário que morramos; nós não nascemos para esta terra e para esta vida. Esta vida não é senão uma preparação para a visão intuitiva de Deus na eternidade; ora, como diz o livro do Êxodo (33,20) ninguém pode ver a Deus e viver ao mesmo tempo; portanto a vida tem o seu fim. Nada é tão certo como esta verdade. Há um, termos para o trabalho, para o sofrimento, para a ocasião de merecer; há um último dia, uma última acção, um último mérito para o homem.

2 – A segunda circunstância da morte é que ela vem depressa. Com efeito, sem cessar, dia e noite, no trabalho e no repouso, avançamos depressa para ela; além disso, a morte tem já nas mãos a grande parte, talvez a maior parte da nossa vida; e, de resto, em geral, a vida é tão curta; como a nossa vida passou depressa! O resto não será menos rápido.

3 – A terceira circunstância é que a morte vem de improviso. Deus, por bons motivos, não quer dizer quando ela vem; quer surpreender-nos como um ladrão (Luc 12,39), como o relâmpago (Mat 24,27). Não o pode fazer?. Onde está o nosso certificado de vida e de imortalidade? Juventude? Saúde? Autoridade?...

4 – A quarta circunstância consiste em que a morte não vem senão uma vez, nunca duas vezes. É o que há de terrível na morte; esta visita única e que decide de toda a eternidade! Por isso o cristão pede a Deus a graça de ser preservado da morte súbita e imprevista.

II – As lições da morte

As lições da morte correspondem às três graças que imploramos quando fazemos a meditação sobre o pecado.

1. A morte ensina-nos, antes de mais nada, o conhecimento e a fuga do pecado. A morte ensina-nos principalmente a conhecer o número dos pecados. Ela dá visão clara deles; o que parecia há muito tempo esquecido, morto e sepultado, desperta e volta à aproximação da nossa última hora. A morte ensina-nos, em segundo lugar, a conhecer a malícia dos nossos pecados. Com efeito, mostra-nos o nada e a vaidade daquilo que nos levou ao pecado que é então a honra, a riqueza, o amor humano, senão como que um montão de destroços queimados e consumidos? Ela mostra-nos a loucura e a inutilidade do próprio pecado que não faz senão enganar-nos e tornar-nos infelizes. Ela mostra-nos enfim a desgraça do pecado nas suas consequências, no juízo, nos castigos que nos ameaçam. Assim a morte é uma espécie de revelação, de manifestação do pecado e para nós uma passagem das trevas para a luz.

2. A morte ensina-nos a fugir do pecado e a detestá-lo. Pois não é sobretudo o pecado que torna a morte má, se somos surpreendidos por ela no estado de pecado mortal? Além disso, o pecado torna a morte penosa e triste, por causa da separação das criaturas e dos hábitos que se nos tinham tornado caros, por causa da perspectiva do juízo e dos castigos da eternidade e por causa dos remorsos da nossa consciência. O pecado não é por conseguinte senão um monstro venenoso que se esconde sob flores.

3. A morte ensina-nos em seguida a reconhecer e a corrigir o desregramento da nossa vida. O desregramento da vida consiste antes de tudo em que nós não consideramos a existência menos sob o ponto de vista prático, como a preparação para a eternidade; demos à nossa vida fins temporais, naturais, e tratámos a eternidade, o serviço de Deus e a salvação da nossa alma como acessórios, como

coisas secundárias. A morte ensina-nos expressamente, e tanto mais expressamente quanto então nos aproximamos da eternidade, a ver nessa eternidade a única coisa na verdade grande e terrível e em tudo o que é temporal só meios para conduzir à eternidade; assim, quando nos aproximamos duma cadeia de montanhas, os cumes parecem ser cada vez mais altos, enquanto tudo o mais se apaga e desaparece aos seus lados.

O desregramento da vida consiste também em que, apesar do conhecimento do nosso fim, não fazemos esforços sérios para o alcançar pelo emprego de meios convenientes. Assim sucede quando temos falta de indiferença para com as criaturas, a santa indiferença de que falava S. Francisco de Sales, digo, DS. Vicente de Paulo à fundadora das Irmãs da Caridade, quando não escolhemos os melhores meios ou quando não os empregamos duma maneira constante. A morte torna-nos indiferentes para com tudo; torna tudo igual para nós. Riqueza, honra, vida longa, tudo passou já, já de nada disso restam vestígios; pobreza, desprezo, vida curta, tudo passou igualmente e já não nos aflige. Como nos aparece então em toda a verdade esta máxima: “de todas as coisas do tempo três quartas partes não são senão pura imaginação”.

Como pode, pois, ser difícil, durante a vida, escolher e abraçar os melhores meios! Que pensaremos a esse respeito no nosso leito de morte? O que então desejaremos será sem dúvida termos escolhido os melhores meios! Do mesmo modo, a morte ensina-nos a empregar esses meios com perseverança. Não é só o mau uso da vida, mas é ainda o não uso da vida que à hora da morte, será um peso muito penoso para o nosso coração; essa inutilidade da vida, esses zeros! Como poderíamos ter aproveitado todo o tempo que perdemos! Praza a Deus que não sejamos do número daqueles de quem diz do Salmista: (em latim).

A morte ensina-nos a conhecer a vaidade e a malícia do mundo: tal é a última lição da morte. Não é vão, com efeito, o que certamente nos abandona, o que assim não deixa nenhuns vestígios após de si, desde que a eternidade chega e não nos assegura nenhum contentamento, nenhuma satisfação? Não é vão aquilo que tão depressa nos deixa e aquilo que não podemos gozar senão, por assim dizer, de pé e de passagem? Não é vão o que pode abandonar-nos de repente a cada

instante? Vale a pena apegar-lhe o coração? Quanta razão tinha S. Francisco de Borgia para fazer o voto de nunca mais se consagrar ao serviço dum senhor que a morte podia arrebatá-lo! Que vem a ser toda a magnificência, toda a glória humana, senão uma cabeça de morte coroada?! O mundo é além disso mau. É ele que nos torna a morte tão amarga, que nos tira e arrebatá tantos méritos para a eternidade, que nos faz contrair a dívida de tantos pecados e que por fim nos deixa inteiramente sós com o peso duma herança tão inquietadora! Que faz o mundo para nos consolar na hora derradeira? Extremamente lisonjeiro e acariciador enquanto estamos cheios de vida, o mundo não tem igual em cobardia e em infidelidade, logo que a morte está à nossa porta.

III - Como devemos preparar-nos para a morte

1. Devemos em primeiro lugar preparar-nos para ela de maneira que não seja nem má nem infeliz. Evitemos portanto o pecado grave e tenhamos o cuidado de nos conservarmos em estado de graça; só o pecado grave torna a morte má e infeliz. Se a morte nos surpreender em estado de graça, não é uma infelicidade para nós; temos sempre uma boa morte e é muitas vezes mesmo uma felicidade; o principal para nós está seguro e garantido, embora sejamos talvez condenados ao Purgatório.

2. Devemos, em segundo lugar, preparar-nos para a morte de tal maneira que não seja nem penosa nem amarga. E porquê? Porque, em primeiro lugar, o estado a que estamos reduzidos à hora da nossa morte, é de si mesmo já bastante penoso; além disso, a morte difícil e amarga não edifica; e finalmente, Deus não a quer. Que temos, pois, a fazer para a evitar? O que torna a morte amarga é o pecado venial frequente, deliberado; é a negligência da penitência e dos meios de purificação da alma; é sobretudo a tibieza na vida espiritual. Nessas condições, tudo nos inquieta e nos aperta o coração nessa hora derradeira; o mundo que nós não deixamos senão exteriormente; o nosso Instituto de que não guardamos as observâncias e de que nos apropriamos do espírito; os nossos cargos e as nossas funções de que abusamos no nosso interesse; as nossas companheiras que desedificamos, que talvez escandalizássemos, e que não amamos; os nossos Superiores que contristamos ou forçamos muitíssimas vezes a poupar-nos; a Deus

a quem não servimos leal e generosamente; a eternidade, a rigorosa eternidade que põe tudo em questão; princípios de conduta, confissões, contas ou exames de consciência, relações, liberdade, dispensas; finalmente, a consciência, outrora tão larga e tão certa, está então tão penosamente perplexa e duvidosa! Quanto é triste e depois duma tal vida, a perspectiva da eternidade! Quantas graças importantes não nos faz perder, para a hora da morte, semelhante existência!

3. Devemos em terceiro lugar, preparar-nos para a morte, de maneira que ela seja pacífica, fácil e serena. A razão é que tal morte é cristã. O próprio edificante e meritória para nós e além disso completamente possível. Temos bastantes motivos para não temer tanto a morte, bastantes meios para a tornar suave e fácil. Primeiro e antes de mais nada, temos entre os meios exteriores, os Sacramentos da Igreja; nós contamos pelos menos três. O próprio Salvador vem a nós na Eucaristia; esse divino Piloto toma então a direcção da nossa alma para a conduzir através dos escolhos que a rodeiam de todos os lados. Temos também à nossa disposição, nesse momento crítico, graças inteiramente particulares. Deus, o Pai da pobre criatura, está ali ao pé dela e presta-lhe o seu auxílio, enquanto ela acaba de beber as gotas amargas do cálix de uma vinha precária. Deus ama a morte e cerca-a, como uma ilha afortunada, dum oceano de graças. Enfim, ao nosso lado, conservam-se os nossos queridos, os nossos grandes amigos do céu, os Santos, que nessa hora suprema nos protegem e nos consolam. Há, além disso, meios íntimos, sobretudo motivos nobres e belos, de não temer e até de amar a morte. Sem dúvida, a morte não chega ao cristão de imprevisto. Ele não a esquece e até a invoca e a chama cada dia ao recitar o Pater: “Venha a nós o vosso Reino”. Em si ela não é temível, ela não é para nós, cristãos fiéis, um espectro horrível; ela é a chegada de Deus, bom e amável, que nos vem buscar. Já lá vai o passado com as suas penas, os seus trabalhos, as suas tentações e todos os seus perigos; doravante já não há mais ofensas contra Deus, o presente proporciona-nos a ocasião de oferecer a Deus o sacrifício mais precioso, de pedir ao Salvador que aceite a nossa morte em recordação e em retorno da sua e enfim de merecer pelo nosso passamento a entrada no reino de Cristo. O futuro mostra-nos a recompensa, o Céu; estamos muito perto da nossa bela pátria, à porta da casa paterna, no limiar

da nossa habitação bem amada. As fronteiras do nossos país natal parecem e chamar-nos. Já não há senão um, barranco perigoso a transpor, senão um passo difícil a dar. Devemos proceder para com a morte como procedemos para com Deus: é preciso temer a morte, mas é ainda mais preciso amá-la. Mas o meio que nos cumpre empregar, antes de qualquer outro, para termos uma morte tranquila, consiste em viver uma vida pura e sem mancha, isenta o mais possível de pecados veniais voluntários, em viver uma vida piedosa, uma vida de oração e de recolhimento, em viver uma vida toda de fervor e de méritos. É o momento de recomendar certas devoções, certos exercícios de piedade, como na devoção ao Salvador moribundo, ao Sagrado Coração, à Santíssima Virgem, a S. José e ao Anjo da Guarda; essas práticas são dalguma sorte obrigações que contraímos durante a nossa vida, mas que cessam à hora da nossa morte. Não nos esquecemos também de reavivar cada dia em nós o amor pela Igreja e pelo reinado de Cristo e enfim o zelo da salvação das almas. Que grande consolação nos dará, por ocasião do nosso último suspiro, essa dedicação generosa para com o Salvador, para com a sua Igreja e as almas! Se Cristo e o seu Reino nos parecem hoje já tão belos e tão grandes, que será no fim da nossa carreira!

É pois possível que morramos em breve. Que bela é a morte do justo! Como é delicioso p passamento do inocente! Com que confiança deixam tudo e como é ardente o desejo que têm de Deus! Assim morrem os Santos; assim morreu S. Luís Gonzaga, Santa Margarida Maria, Santa Joana de Chantal, Santa Bernardete, Santa Teresa do Menino Jesus. Que magnífico e deslumbrante pôr de sol, que espetáculo encantador, que perfume delicioso, que incompreensível a morte dum justo!

(termina com duas frases em latim).

4ª MEDITAÇÃO – SOBRE O JUÍZO PARTICULAR

O fim desta meditação é não só desprender-nos do pecado, mas ainda afastar-nos da tibieza e da negligência no serviço de Deus e excitar-nos ao zelo e ao fervor.

1 - Verdade e realidade do juízo particular

Viver, morrer e ser julgado, eis todo o programa da nossa existência. (frase em latim) A mesma verdade contida na Sag. Escritura, faz parte da doutrina da Igreja: “As almas depois da morte, vão para o Céu ou para o Inferno ou para o Purgatório (.....) Os motivos são que a vida termina e que então, cessando o mérito e o demérito, a nossa sorte deve ser decidida duma maneira definitiva. Não há razão nenhuma para que o juízo não se siga imediatamente à morte; o contrário, encarado do lado dos justos, ou do lado dos pecadores, não corresponderia à sabedoria nem à justiça de Deus. O juízo universal no fim do mundo, não é senão a retificação e a plena execução do juízo particular.

2 - Natureza e do juízo particular

O juízo realiza-se logo à saída da alma do corpo; consiste provavelmente(?) numa iluminação sobrenatural do espírito que nos faz ver o nosso estado e na convicção íntima de que nesse momento a nossa sorte é decidida por Deus e por Jesus Cristo. Poder-se-ão então, com efeito, reunir e analisar num relance de olhos, nas suas menores particularidades, todos os actos dessa que durará apenas um instante; e isso é preciso para se ter uma ideia exacta desse juízo Como não somos puros espíritos, não podemos neste mundo, compreender e abarcar tudo num só jacto e ao mesmo tempo.

A - O Juiz é Deus e o Homem-Deus N.S. Jesus Cristo, porque, como Homem-Deus é por nascimento Senhor, Rei e Juiz de toda a humanidade.

A pessoa e as qualidades do juiz não têm grande importância aqui. Uma coisa é um homem, mesmo grave e austero, outra coisa um morto que tem já toda a saciedade e majestade da eternidade, outra coisa enfim um Santo ou um Anjo. Ora, no caso presente, o Juiz é Jesus Cristo, admirável e grande nessas funções, como sob todos os outros aspectos. Tem todas as qualidades dum Juiz.

Antes de mais nada, tem a sabedoria e o conhecimento, por causa da ciência sobrenatural e oficial de Juiz; nenhuma das acções da nossa existência e da vida dos homens escapa à sua inteligência e à sua memória. Além disso, é justo e exerce permanentemente a justiça no seu juízo, porque o tempo da misericórdia passou. Ele não quer senão recompensar e punir, conforme o que encontrar em nós. (frase em latim). Sem duvida, ele ama os homens, mas Deus e a justiça ainda

mais. Ele está estabelecido para que o direito e a justiça se façam e nada de impuro entre o reino do Céu. (frase em latim) Finalmente, tem autoridade como Deus e como Homem-Deus; é em nome e da parte de Deus que exerce o ofício de Juiz e enquanto Homem-Deus.

Trás consigo, na sua mão e nos seus olhos, a paz e a guerra, a recompensa e o castigo: (frase em latim).

B – O acusado e o objecto da acusação. O acusado é o homem em sua qualidade de cristão, de sacerdote ou de religioso; o homem deste lugar ou deste emprego; o homem que recebeu de Deus tantos testemunhos de bondade, um número incomensurável de graças e benefícios. Todos esses bens foram para o homem uma grande vantagem e uma grande felicidade durante a sua vida mortal, mas são para ele um grande perigo na hora do juízo. O objecto do exame e do juízo é a vida inteira, esse tudo imenso de pensamentos, de desejos, de intenções, de resoluções, de palavras, de acções, de omissões, de resultado das graças inumeráveis que nos foram oferecidas e da nossa cooperação pessoal; é todo o livro das obras secretas e públicas da nossa vida: (frase em latim).

C – O próprio juízo, com o exame e a sentença, far-se-á depressa e com todo o rigor da justiça. O estado e a particularidade de toda a vida, mostrar-se-á à alma, graças a uma luz e a uma vista que Deus lhe dará sobrenaturalmente: como o relâmpago que brilha do oriente ao ocidente, essa luz extraordinária iluminará toda a nossa existência. Veremos então as nossas acções e as nossas empresas com as suas consequências e os seus efeitos, com as suas circunstâncias, as quais muitas vezes hoje, por uma presunção inconsiderada, nos são tão indiferentes. Veremos as nossas acções com as intenções de que fomos semiconscientes, mas que contudo influíram nas nossas resoluções; as nossas acções com as palavras que podiam parecer ter-nos escapado, mas que levavam o aguilhão destinado a ferir o próximo; as nossas acções com os nossos pensamentos, seguidos como relâmpago, mas no entanto, mais ou menos queridos e alimentados. Numa palavra, veremos tudo nas mais pequenas minúcias, perfeitamente determinado e rigorosamente exacto, com grandíssima admiração nossa, com grandíssima estupefação. E veremos tudo isso, não à luz do mundo que fica já longe para trás de nós, não à luz

do fogo das paixões, da leviandade e da sensualidade, que está já extinta, mas à luz da eternidade, da santidade e da justiça de Deus, com toda a clareza da evidência que nos darão os pensamentos e os juízos de Deus; o próprio Deus nos dará olhos para ver tudo como ele mesmo vê... Que espetáculo o de todos esses pecados veniais voluntários e do seu encadeamento ininterrupto de confissão em confissão sem sinal sério de emenda; dessas fezes, desses restos impuros das paixões, dessas carícias e dessas complacências com as tentações; dessa tibieza e da negligência de tantos meios de salvação! Recordemos apenas, duma maneira geral, o número das nossas horas de oração e das nossas recepções de sacramentos, que quantidade incalculável! Ora, que frutos tiramos nós? Havemos de ver tudo; bem e mal, abuso e não uso das graças, luz divina, cercados dos raios da santidade de Deus, como que esmagados e reduzidos a nada sob o peso da sua Majestade infinita. Nós, vermes impuros da terra, seres orgulhosos e levianos, que diremos? “Não tínhamos pensado nisso”. Mas devíamos prevê-lo. Para que é que tivemos o tempo da graça? “Éramos fracos”. Tínhamos o dever de nos fortificarmos e podíamos fazê-lo. “Éramos vivos e irreflectidos”.... (frase em latim, de Luc 19,22). Não sabíeis que estáveis tratando com a majestade suprema? Quantas vezes não repetistes nas fórmulas de oração, no ofício, na missa, as palavras, a invocação: (em latim). Que era eu então para vós? As criaturas não eram mais? Não sabíeis que um dia eu vos havia de julgar? Pensáveis que eu era como vós e que eu fechava os olhos, à vossa maneira, sobre o que fazíeis? “Eu seguia os outros” Porque não seguíeis antes as minhas palavras e as minhas inspirações? “Mas as minhas numerosas ocupações?” Qual era a vossa ocupação principal, o vosso negócio próprio e único? Que diremos nós? Ficaremos mudos, permaneceremos interditos, como o convidado para as bodas de que fala o Evangelho, sob o seu traje sórdido, em presença do seu régio hospedeiro. O tempo de orar e de pedir terá passado.

Então seguir-se-á o julgamento e a sentença; no mesmo instante em que nós fechamos os olhos, somos colocados na balança e julgados. Ai de nós se o Juiz encontra que punir! (frase em latim de Hebr 19,31) O semblante dum homem irritado basta para nos aterrar. Que será então de nós, em face de Deus, do Senhor,

do nosso Juiz que nos conhece perfeitamente, não menos do que se conhece a si mesmo e que tem a nossa pobre alma nas suas mãos? Estremeceremos de terror e trememos como a folha agitada pelo vento da tempestade! Um seu olhar, uma sua palavra, no jardim das Oliveiras, quando aliás já estava no caminho da humilhação e do aniquilamento, deitou por terra toda a multidão dos seus inimigos, pior, mil vezes pior, se vier para nós como Juiz irritado! Quem poderá estar e permanecer diante dele? Que dura, que terrível sentença! Mesmo que ela conste somente nestas palavras: “Ide para o lugar da purificação”. Então iremos imediatamente, não já como aqui sobre a terra, depois da confissão, para a capela, para rezar uma penitência dalgum Padre Nosso e dalgumas Avé Marias, mas para o Purgatório para o lugar do desterro, das trevas, do tormento e das penas, afim de lá nos conservarmos até que tenhamos pago tudo, mesmo o último centil. Que alegria, pelo contrário, e que recompensa, se cada um ouvir o Supremo Juiz dizer-lhe: “Vem, servo bom e fiel! Eu quero estabelecer-te sobre coisas grandes e belas; entra na alegria do teu Senhor! (Mat 25,21-23). Porque, não o esqueçamos nunca, do mesmo modo que nenhum pecado, nenhum demérito fica sem castigo, assim nenhuma obra boa, nenhum mérito, por pequeno que seja, deixa de ter recompensa. O Salvador sabe tudo, todas as penitências, todos os sacrifícios, mesmo ocultos, todos os esforços sérios e generosos no seu serviço. Este reconhecimento e este louvor das nossas boas acções pelo divino Juiz são já um Céu de alegria; mas o próprio Céu tornar-se-á logo nossa partilha e nossa posse.

Conclusões:

- a)** Julguemo-nos a nós mesmos e desde já; a balança da justiça está nas nossas mãos. Pronunciemos a nossa própria sentença sobre muitas coisas a respeito das quais seremos julgados, afim de tirarmos o devido proveito para a nossa alma; e desempenhemos, tanto quanto possível, para connosco as funções de juízes equitativos; por mais severos que sejamos, não o seremos nunca como o há-de ser o Juiz da Eternidade.
- b)** O que castigarmos agora em nós, nunca será castigado. Façamos dos nossos pecados e dos nossos defeitos ocasiões e incentivos para adquirir méritos,

resgatando as nossas faltas pela prática de grandes virtudes: (frase em latim de Eccl 18,19)

c) Esta meditação não deve apenas aterrar-nos; deve sobretudo dispor-nos a caminhar na presença de Deus com toda a seriedade, com toda a sinceridade e com toda a solicitude que convém. Permita o Senhor que alcancemos para nós o que se pede nas orações dos agonizantes: *“Que Jesus se te manifeste com um semblante bondoso e alegre! Que ele te coloque nos amenos e viçosos jardins do seu Paraíso e te reconheça como Pastor entre as suas ovelhas! Que vejas face a face o teu Redentor! Que entre os coros dos bem-aventurados gozes da doçura e da contemplação divina por todos os séculos dos séculos!*

5ª MEDITAÇÃO: SOBRE O INFERNO

I – Existência do Inferno

Por Inferno entende-se um lugar de punição que se encontra na eternidade e onde o pecado grave, não perdoado, recebe um castigo sem fim. Duas verdades se encerram nesta definição.

A – Há um castigo na eternidade Nem tudo acaba com esta vida. A razão em primeiro lugar no-lo diz com certeza. Nenhum herege o negou; os hereges também têm necessidade do Inferno para terem autoridade e partidários. Os livres pensadores, ouvindo falar do inferno, riem-se escarninhamente, mas não põem outra verdade em lugar dessa. O Inferno é precisamente um mal necessário; todos carecem dele, particularmente os Soberanos e o próprio Deus. Com efeito, para governar são precisas leis e não há lei possível sem uma sanção. A lei deve sair da cabeça, do cérebro do legislador armada com a espada e com o machado; aliás não seria os homens senão um vão espantalho. Mas para que o castigo do Inferno? Deus pune já os pecados neste mundo com os remorsos e as angústias da consciência; mas isso não basta; por fim já não se ouvem os brados da consciência e o coração endurece-se. Sobre a terra Deus permite muitas coisas; só os crimes enormes é que ele faz que sejam punidos pela justiça temporal. Ora o que é que pode essa justiça? Aqueles que a administram são muitas vezes homens indignos

que mereceriam a força e que às vezes têm a ousadia de desafiar o próprio Deus cara a cara... Mas que sucederá afinal? Acabará tudo por uma apoteose da malvadez e do crime como no Fauste? (?) É impossível. A ordem racional e moral do mundo, subvertido pelos pecadores, reclama necessariamente na eternidade uma compensação de penas e a reparação da desordem que foi cometida sobre a terra.

B – As penas do Inferno são eternas, sem fim. A fé dá-nos a certeza absoluta disso (frase em latim de Mat 25,41), à qual se junta o codicilo da mesma verdade, três vezes sucessivamente repetido no Evangelho de S. Marcos (9,43,45,47): “Lá onde o verme não morre e o fogo não se apaga”. O castigo é pois eterno, sem fim. A mesma decisão da eternidade das penas do Inferno foi dada ainda pelo tribunal supremo em que as leis são definidas e explicadas, por um Concílio Universal, o de Florença.

A razão iluminada pela fé, não pode deixar de confirmar o que acabo de dizer. A noção de fim último exige a priori uma invariabilidade, uma imutabilidade de estado. O maior crime pode e deve receber o maior castigo e este castigo pode e deve durar tanto tempo quanto for aquele em que não houver emenda ou melhoria de vida; mora ninguém se corrige na eternidade quando já não há graça. Por outro lado qualquer outro castigo que não fosse o Inferno eterno quasi que não poderia reter o homem dominado pela paixão; pelo menos só esse castigo pode em todo o caso produzir sobre todos a impressão conveniente. Mas porque é que Deus castiga durante tanto tempo? A longa duração do castigo não é, por si mesma, uma razão suficiente para fazer cessar a pena; não se trata de considerar aqui a duração da punição, mas a gravidade do crime; o Estado inflige também à sua maneira um castigo eterno pela condenação dum homem à morte. Mas punir com tamanha severidade? Deus não quer esse castigo; o pecado não recebe senão o que ele quis; foi o pecado que fez o Inferno. Porque vão aniquilar o pecador? Deus não aniquila coisa alguma; porque haveria de aniquilar o pecador? Deus não é bom e misericordioso? Mas é justo. A sua bondade não o tornará mentiroso. Foi bom e misericordioso sobre toda a medida. Mas não se deve opor à justiça de Deus a sua bondade que foi tão grande sobre a terra para com os pecadores. Não é justo

separar a eternidade das penas do todo divino formado pelo encadeamento de tantos tesouros de graça e de misericórdia infinita, recebidos pelo pecador, e apresentar o facto da justiça vingadora e inexorável de Deus como um mal isolado dessa cadeia maravilhosa de benefícios. O Inferno não é senão o Creme de CALANDRYL

contra-golpe do desprezo da bondade e da misericórdia de Deus. O Inferno é eterno. Acreditemo-lo. Esta verdade não muda.

II – O que é o Inferno

Os castigos do Inferno resultam da natureza do pecado mortal. Esta tem dois aspectos, visto que fez voltar o homem para a criatura e o afasta completamente de Deus, o último fim; por isso a punição ou pena do Inferno é dupla.

A – A pena de dano. O homem morrendo em estado de pecado mortal morre em estado de revolta contra Deus. Sabia que por si mesmo não podia levantar-se do pecado, que a cada instante a morte podia surpreendê-lo e que corria o risco de não alcançar o seu fim quer é Deus. Sucede-lhe esta desgraça e ele não tem desde então senão o que quis: nunca possuirá a Deus, perde-o por toda a eternidade. Quem é que compreende o horror da pena do dano? Nós podemos até certo ponto medir a sua extensão, em primeiro lugar, pela grandeza de Deus: quanto maior é o valor dum bem perdido, tanto maior é a dor que se sente com a perda dele. Quais não fora as aflições e a dor de Esaú e de Job? Deus é maior que os pais, que a pátria, que tudo; ele é o bem infinito. Além disso a pena e a dor medem-se pela necessidade que temos do objecto perdido; nada é maior, mais natural e mais invencível do que o desejo que temos de alcançar a felicidade ou o nosso último fim; temos fome de Deus natural e sobrenaturalmente; todas as nossas potências e todas as nossas faculdades corporais e espirituais, inteligência, vontade, imaginação e sentidos, procuram a paz e a felicidade. Nós queremos e nós devemos ser felizes. Ora, na eternidade não é senão em Deus que se encontra a felicidade completa; fora ele não há nada a esperar; perder a Deus é perder tudo e não ter nada do que pode tornar feliz ou satisfazer o espírito, o coração, o corpo e a alma. Neste mundo achamos com que nos aliviarmos e consolarmos fora de

deus; mas na eternidade não. Que estado! Durante toda a eternidade, ser presa de todos os tormentos da fome da felicidade e não ter nada para a saciar! Não são esses realmente as trevas exteriores de que fala a Sagrada Escritura, não é essa uma morte viva e eterna» Enfim, essa perda de Deus, essa condenação, não irá direita ao coração dos homens sensuais, duros, insensíveis e altivos? Sim, o seu orgulho se dissipará num grito de espanto e de dor. Que lágrimas amargas não hão-de então derramar! Com que olhares ávidos e com que desejos ardentes não se hão-de sentar por assim dizer às portas do Céu! Mas eles não as despedaçarão, não as farão saltar. Tudo será inútil. Os condenados não podem viver sem Deus e é preciso que de futuro vivam sem ele. Quem poderá compreender a tristeza, o abatimento, a aflição e a horrível melancolia desses seres infelizes.

B – A pena do sentido. O sítio em que se encontra é, segundo a Sagrada Escritura,, um deserto horrível, um lugar de trevas, uma prisão, a prensa (lagar) da cólera divina (Apoc 19,15) um lagar de tormento (Luc 16,28) onde há lamentações e ranger de dentes (Mat 8,12). Que espetáculo! A sociedade do Inferno é formada pela escória da humanidade. O Inferno é como que uma ilha povoada de forçados, a habitação da malícia, da depravação e da malvadez. Que cenas se passarão lá entre os sedutores e as suas vítimas! Acrescente-se a isto a vista e a companhia dos demónios! A ocupação e a vida do Inferno consistem em ser inteiramente infeliz espiritual e corporalmente. Quem dirá quanto o corpo humano é capaz de sofrer? O nosso corpo é um sistema organizado ou um foco de toda a espécie de doenças. Cada membro, cada célula do corpo é uma fonte de dores particulares, às vezes mortais, quando se tornam excessivas. Quanto não sofrem os homens nos seus leitos de doença, nos campos de batalha, ou sobre as mesas de operação cirúrgica! No Inferno tudo é intolerável ou insuportável. A pena é o fogo. Não há que duvidar Quinze vezes o Salvador e trinta vezes a Sagrada Escritura falam do fogo do Inferno; que palavra espantosa! Ser cercado de fogo, envolvido no fogo, estar sentado e sepultado no fogo; que

Suponhamos que um condenado cingiu na sua cabeça as maiores coroas do mundo: para que lhe servem elas agora? Ele é completamente infeliz, indizivelmente desgraçado; e isto por toda a eternidade. Não poderemos fazer

jamais a menor ideia do Inferno nem representar a nós mesmos o que ele é. É um deserto sem limites, um mar sem fundo; é como uma queda no vácuo; é impossível escapar-lhe, avançar ou remar; é um desterro e um estado de inviabilização eternos num só e mesmo instante e numa só e mesma posição e esta posição é terrível e dolorosa em excesso; não se pode exprimir esse sofrimento e não há esperança alguma de ser liberto dele. O abismo do Inferno está selado, a porta está fechada e a chave dessa porta caiu no abismo da justiça de Deus. Ninguém pode apanhá-la; toda a busca e todo o trabalho são inúteis; é de fazer morrer de desespero. Por conseguinte, o Inferno existe; o Inferno é espantoso; um só pecado mortal merece o Inferno; se cometi um pecado mortal, sou digno do Inferno; se o Inferno não foi minha partilha, a mais ninguém o devo senão ao meu Senhor e Salvador Jesus, que foi crucificado por mim, para me livrar do Inferno; considero-o pregado na cruz; não fala e tem os olhos fechados, como se estivesse aterrado com a desgraça horrível em que caí pecando; tem os braços estendidos para me reter à borda do abismo do pecado e do Inferno; tem o coração aberto para me preservar do temor dos golpes da justiça divina... Não hei-de agora lançar-me nos braços da misericórdia do meu Salvador e não hei-de renunciar ao pecado?

I - A vida do Inferno

O Inferno é uma vida de malícia infame. Se o homem comete um pecado grave, expõe-se a já não poder desembaraçar-se dele, porque na eternidade, já não há graça de conversão. Surpreendendo a morte a alguém em estado de pecado mortal, o pecador e o pecado são de futuro inseparáveis. O homem está para sempre vendido e amarrado ao pecado, por assim dizer petrificado nele. Reconhece, infinitamente melhor do que ninguém, tudo o que há de condenável, de hediondo e de mau no pecado, rejeita-o e repele-o, mas não pode desfazer-se dele e comete-o a cada instante; abraça-o e estreita-o com uma vergonha, um desgosto e um terror de que não temos ideia. Eis o que fazem todos os réprobos. O Inferno é deste modo o receptáculo de todos os restos imundos e repugnantes do pecado, a morada da malícia e da malvadez mais execrável. Conta-se que um Santo foi

amarrado a um cadáver e condenado assim a morrer de fome; é uma pálida imagem da vida de cada um dos condenados ao Inferno.

II – A vida do Inferno é uma vida de tormentos

Os tormentos do Inferno são em parte corporais e em parte espirituais.

Os tormentos corporais consistem, antes de mais nada na privação do olhar e do movimento. O condenado não pode ver o que quer e o que vê e deve ver é horrendo e espantoso: turbilhões de chamas, trevas e as formas horríveis dos demónios e dos réprobos. A Sagrada Escritura fala da prisão do Inferno, das cadeias postas às mãos e aos pés dos condenados, da sua estreita reunião como num feixe, da sua entrada e da sua sepultura no Inferno, nesse lugar onde as maldições caem sobre ele como gota a gota e se aumentam de maneira que formam um lago de fogo e de enxofre e onde os réprobos são salgados com o fogo como as vítimas dos sacrifícios são salgadas com o sal. Esta imagem penetrante indica evidentemente dor penetrante, ardente, cruciante e que nunca acaba; do mesmo modo que o sal mortifica e conserva a carne, assim o fogo do Inferno tortura e conserva os condenados.

Os tormentos espirituais do Inferno são, naturalmente, em primeiro lugar, a cólera, o furor, o ódio, a vingança, a amargura, a aflição, o abatimento, a tristeza e a melancolia; todos esses tormentos dos condenados pesam como um fardo esmagador sobre a sua cabeça. Em segundo lugar, há no Inferno temores. Que efeito tremendo produz sobre nós um terror repentino, por exemplo, a notícia súbita duma desgraça, dum incêndio, dum ataque do inimigo. E em primeiro lugar, os terrores do Inferno veem do espetáculo das cenas horríveis que se desenrolam à vista dos réprobos e da apreensão dos males medonhos que lhes sucederão em breve. Além disso, são aterrados pela vista das espíritas das trevas e dos outros condenados entre os quais têm de viver como com um rebanho de animais ferozes e furiosos. Finalmente o seu terror vem da consideração da eternidade em que se encontram e cujas sombras gigantescas Deus estende sobre eles; no meio dessas sombras distinguem serpentes hediondas e espantosas. Tudo isso não é próprio para agitar violentamente os nervos dos condenados e semelhante vida não é na verdade uma agonia constante e eterna? Em último lugar, os condenados sofrem

por terem perdido a Deus ou deixado de conseguir o seu último fim. Um réprobo é um ser sem objectivo, que já não tem um fim a alcançar. É ainda um ser?

III – A vida do Inferno é uma vida de desespero

A vida do Inferno é uma vida de desespero, porque, primeiro, não há para o condenado nenhum repouso, nenhum esquecimento de seus males, nenhuma mudança, nenhuma ocupação.

Em segundo lugar, o Inferno é o desespero, porque não se encontra lá nenhum lenitivo, nenhuma mitigação das próprias penas, nem a menor verdade agradável para a inteligência, nem a mais pequena consolação para o coração árido e ulcerado; jamais um olhar de compaixão cai sobre vós, jamais uma palavra de piedade para vos animar; nenhum coração amigo e comovido pensa em vós; aqueles que vos amam esqueceram-vos ou, se pensarem em vós, é para vos amaldiçoar como inimigos de Deus. Ora, qual é o meio de viver sem amor e sem consolação?

Em terceiro lugar, no Inferno, os réprobos levam uma vida de desesperados, porque já não há para eles esperança durante toda a eternidade. Compreendamos o que é um homem que já não tem futuro feliz a esperar, que se agita sempre no mesmo círculo, amarrado à mesma cadeia, que corporal e espiritualmente, com as suas potências, os seus pensamentos, a sua imaginação e a sua vontade, está fixado de modo irrevogável e, por assim dizer, entaipado no mesmo presente espantoso, e no mesmo momento de terror, de infortúnio e de penas intoleráveis. Muitas vezes, ao ouvir uma notícia terrível, ao receber uma ou um golpe mortal, o homem solta um grito em que exprime todo o excesso da sua dor e também, para falar com propriedade, todo o desespero da sua vida. Do mesmo modo a ideia, a palavra, o grito que exprimem e que resumem todo o sofrimento, toda a raiva, toda a cólera e todo o desespero do Inferno encontram-se numa palavra: “eternidade”. A “eternidade” compreende tudo: as trevas, o fogo, o frio, a fome, a sede, a saudade, o desânimo e o desespero. Serem esmagados, perecerem, morrerem, serem aniquilados, voltando ao nada donde saíram, seriam para os condenados a maior das felicidades; mas isso não lhes acontecerá e o relógio da eternidade, fazendo soar a cada instante aos seus ouvidos as palavras sempre e nunca - sempre

o Inferno e nunca a cessação dele - será para eles a causa dos maiores e mais horríveis tormentos.

O FILHO PRÓDIGO

O próprio Salvador conta esta parábola para nos excitar a todos à penitência. Esta parábola encerra três dos motivos que nós temos de fazer penitência.

I – As faltas do filho pródigo

A - A sua falta principal consiste na pretensão injusta em obter de seu pai a parte que lhe pertence da sua herança. Há nessa pretensão uma falta de respeito e de consideração e uma insolência.

Outra falta é a dissipação dos seus bens que tinham custado sem dúvida muito trabalho e muitos sacrifícios a seu pai.

Enfim, o seu mau procedimento e a sua imoralidade elevam ao cúmulo os seus excessos. E cumpre notar que todas estas faltas são cometidas por um ente muito querido que está de tão ligado àquele que ofende, pelo próprio filho deste último.

B - As consequências destas faltas são, em primeiro lugar, uma forma e uma pobreza horrível; depois a perda da sua liberdade, tendo o jovem pródigo sido obrigado a servir como criado; finalmente, o mais profundo abatimento e abandono. O patrão manda-o para fora da casa, para o campo, afim de guardar animais imundos; este ofício é, aos olhos dos judeus, o ínfimo grau do aviltamento e da degradação.

C - As causas destes erros são a leviandade, “é o mais jovem”, o amar a liberdade, o aborrecimento e o temor de não ser feliz na casa paterna. Tal é verdadeiramente a imagem da miséria do pecador: ele está pobre e envilecido; ele é infeliz, culpado, injusto e ingrato para com Deus.

II – Penitência e regresso do pródigo

A – A ocasião da penitência do pródigo é a sua solidão acompanhada das reflexões que fez durante ela. Entra em si, compara o seu estado presente com o antigo e concebe uma grande dor e um grande aniquilamento. Recordar-se de seu

pai, da sua bondade e de seu amor, e essa lembrança dá-lhe a esperança de ser perdoado.

B – O Evangelho descreve muito bem a maneira como o pródigo cumpre a sua penitência, oferecendo-nos assim um modelo perfeito de conversão. O pródigo toma a firme resolução de partir e de se arrancar à sua triste habitação. O motivo é o amor para com seu pai. “Eu quero ir ter com meu pai”. E persevera fielmente no seu excelente desígnio: nada o detém, nem a extensão, nem as dificuldades da viagem, nem enfim as humilhações do seu regresso à casa paterna. Confessa a sua falta como um verdadeiro pecado e aceita antecipadamente qualquer castigo, seja ele qual for e por mais humilhante que seja. Contenta-se com ser um simples criado na casa paterna, não tem nenhuma pretensão sobre os bens de seu pai. A sua penitência é perfeita, notável e comovente. Um coração tão generoso merece perdão e convida-nos ao mesmo tempo a seguir o seu exemplo.

III – A recepção feita ao pródigo por seu pai

A – A recepção feita ao pródigo por seu pai é também verdadeiramente generosa. Primeiramente o pai reconhece logo o seu infeliz filho e corre ao seu encontro. Em segundo lugar, perdoa-lhe imediatamente e prodigaliza-lhe todos os sinais, todas as demonstrações da sua ternura, não o deixa falar por mais tempo e interrompe a confissão da sua falta com um ósculo carinhoso. Em terceiro lugar, dá ao filho tudo o que ele perdeu e restabelece-o no seu antigo estado; restitui-lhe a fortuna revestindo-o com o seu trajo de festa, os privilégios do seu nascimento pondo-lhe o anel no dedo, a liberdade e a nobreza no calçado que lhe fornece, porque caminhar descalço era então sinal de escravidão. Enfim o pai faz tudo isso com alegria e da melhor vontade e dá provas manifestas do seu júbilo e da sua sinceridade no banquete magnífico que manda preparar e na defesa do filho encontrado diante do filho mais velho, cuja indiferença e despeito veem perturbar esta festa comovente.

B – Em toda esta narrativa se mostra a misericórdia de Deus e no entanto nós não temos nessa narrativa senão uma sombra dela. Não só acolhe o pecador e lhe restitui todos os seus bens, mas além disso vai busca-lo muito longe, nos caminhos desviados, por meio das suas graças, sem as quais a penitência e a conversão não

seriam possíveis. Ela acaba e coroa a sua obra recebendo nos seus braços, com a maior benevolência, a pobre ovelha perdida, mas encontrada, restabelecendo-a em todos os seus antigos direitos e restituindo-lhe todos os privilégios da sua graça e do amor do seu Deus

S. PEDRO

I - A queda de S. Pedro

As circunstâncias principais da queda de S. Pedro encontram-se nestes dois factos: a sua admissão no pátio da casa do Supo Sacerdote Caifás e a sua imprudência em permanecer ao pé do lume para se aquecer com os soldados e os servos. Uma criada pergunta-lhe se faz parte do gripo do Nazareno e talvez ao mesmo tempo, outra criada diz que ele é com efeito do séquito de Jesus. Pedro responde que não compreende o que elas dizem, que não conhece o Nazareno. Ao querer sair do pátio, Pedro é interpelado de novo por uma criada e por um dos assistentes: “Tu pertences com certeza, dizem eles, à comitiva de Jesus”. Pedro nega com juramento que seja do número dos discípulos do Nazareno e até nega que conheça esse homem. Voltando do vestíbulo para o pátio de Caifás, é interpelado terceira vez e, segundo parece, um logo após outro, por três dos indivíduos presentes que asseguram que ele é sem dúvida alguma, um dos discípulos de Jesus, que á galileu, o que se conhece pela pronúncia, e que, de resto, o tinham visto no Jardim das Oliveiras no momento da prisão de Jesus. Então o Apóstolo responde com estas palavras que faz acompanhar duma imprecação contra si mesmo: ”Não, não sou nem dos discípulos de Jesus; não conheço esse homem de que falais”. Tal é pouco mais ou menos a narrativa da queda de Pedro.

Mas quantas coisas encerram estas poucas palavras! Elas dizem e recordam um miserável respeito humano e uma cobardia, uma e um perjúrio, uma imprecação e uma negação injuriosa do Senhor. É assim que afirma, que jura e que mente, esse Pedro, esse primeiro dos discípulos de Jesus, esse chefe dos Apóstolos e futuro Papa!

E que afirma ele não conhecer? O seu melhor amigo, o seu maior benfeitor, o seu Senhor, pelo qual ainda pouco tempo, queria morrer, tendo chegado a

tirar a espada para o defender; já não conhece o seu Senhor e o seu Deus, cuja Divindade ele proclamou tantas vezes e tão solenemente e antes de qualquer outro!

E na presença de quem o renega? Diante de criados e de criadas e duma vil população! E que são afinal os homens, mesmo os melhores? A grávida de desta queda aparece ainda mais alarmante quando se pensa na injúria e na dor que resultaram para o Salvador de semelhante negação. Que sofrimento, que desgosto, que amargura para um amigo, para um mestre, para um benfeitor ser desconhecido e renegado! E em primeiro lugar, em que circunstâncias Jesus é renegado por Pedro? Outro Apóstolo já o vendeu e traiu, todos o abandonaram e agora eis o seu primeiro Apóstolo que o renega e que jura que o não conhece! Quanto é amarga a taça das dores do Messias! E, com certeza, a queda de Pedro é um dos golpes mais duros, mais violentos que Nosso Senhor recebe e sente durante a sua Paixão. Esta defeção é verdadeiramente deplorável.

II Causas da queda

Uma das causas da queda de S. Pedro é sem dúvida a negligência, o descuido da oração que Nosso Senhor tantas vezes recomendou durante essa tarde. Em seguida é a sua presunção. pensa que tudo é possível ao seu amor e que uma infidelidade da sua parte é impossível; ele mostra bem nisso o seu carácter. Enfim, uma última causa da sua queda é a irreflexão com que se expõe ao perigo sem necessidade.

Agora pode alegar-se como circunstâncias atenuantes do seu crime o afectuoso interesse que toma pela sorte do seu Divino Mestre, o seu amor por ele e o desejo de saber o que lhe sucederá. Além disso, os sucessos inesperados que se sucedem com tanta rapidez durante essa noite perturbaram completamente o Apóstolo e entregaram-no assim ao poder e aos caprichos das impressões duma sensibilidade extrema. Finalmente, a gente que o rodeia, as palavras que ouve, os gestos que vê e os assaltos vigorosos e consecutivos que acaba de suportar, abalaram a sua constância e diminuíram a sua presença de espírito. Certamente a angústia, a aflição e a perturbação, ao mesmo tempo que o cansaço e o esgotamento das suas forças corporais e espirituais contribuíram em larga escala para a defeção de S. Pedro. Apesar disso, porém, a sua queda é profunda e lamentável.

III – A penitência de S. Pedro

Antes de mais nada, devemos considerar a primeira causa dessa penitência, isto é, o próprio Salvador. Jesus, que até então tinha estado silencioso, como que indiferente e insensível a tudo o que se passava em volta dele, e que até não se tinha deixado impressionar diante dos seus algozes, agora volta-se para o lado onde estava S. Pedro e fixa nele o seu olhar. Meu sacerdote, meu Apóstolo está prestes a cair no abismo da perdição, e o Salvador não pode permanecer indiferente à sua sorte. Ninguém desespera mais facilmente do que um Apóstolo. Ele dirige-lhe um dos seus olhares! Com que intenção? Para o punir, para o condenar? É um olhar de exprobração, de indiferença, o olhar de juiz que castiga com a morte? Não, é um olhar de misericórdia e de perdão. Que é que lhe diz? Não sabes quem eu sou? Não vês o precipício onde ta vais lançar? Não desesperes! Sou eu; estou aqui. Não sucedeu senão o que eu tinha predito. Tem confiança; eu orei por ti. Eu vou em breve morrer pelos teus pecados. Tu vive e confirma os teus irmãos. O Senhor durante a sua vida, lançou sobre os pecadores muitos olhares poderosos e amáveis ao mesmo tempo, mas nunca deteve os seus olhos sobre ninguém como acaba de o fazer sobre o seu Apóstolo Pedro. O seu olhar é uma dessas graças eficazes que dos pecadores fazem santos. Pedro reconhece o precipício espantoso em que se lançou, mas vê também a mão que o segura, a mesma mão que o segurou no mar da Galileia para o impedir de se afundar no abismo. Ele agarra essa mão que o retira logo do precipício. Nós devemos aqui prostrar-nos e beijar o solo em que cai o olhar do Salvador. Esse olhar é também para nós. Que seria de Pedro e de tantas outras almas, se Jesus não tivesse fixado o seu olhar neles? Compreendamo-los pois bem, e tenhamos confiança e coragem. Quem é que dora em diante poderá cair no desespero? Esse olhar, o Senhor lança-o muitas vezes sobre nós no decurso dos Exercícios. S. Pedro compreende o olhar de Jesus e corresponde da sua parte com toda a dedicação e com toda a generosidade de que é capaz. Vivamente compenetrado da grandeza da sua falta, põe-se a chorar amargamente. Derrama então lágrimas de arrependimento, de confiança e de amor. Levanta-se imediatamente e afasta-se do perigo.. Depois disso, Pedro tornou-se humilde mesmo no seu amor. Na aparição

nas margens do lago de Tiberíades, não ousa afirmar que ama o seu Divino Mestre mais que os outros. Não esquecerá nunca o seu crime; de dia exercerá fielmente as suas funções de Pastor das almas e, de noite, levantar-se-á para chorar a sua desgraçada queda, de tal sorte que, segundo uma tradição que chegou até nós, as suas lágrimas abundantes, traçarão pouco a pouco nas suas faces sulcos profundos. Tal será a sua penitência apostólica. A humildade e a penitência serão o fundamento de todo o resto da sua vida, a bem de todas as suas obras. Ele terá tudo em conta de nada, as suas viagens, os seus trabalhos, as perseguições de que é alvo, e, já na velhice, sofrerá o martírio por Cristo com humildade e constância.

MEDITAÇÃO SOBRE O REINADO DE CRISTO

I - Parábola do rei terrestre

A – A pessoa e as qualidades do rei. Este soberano é um homem; partilha connosco a natureza humana e é semelhante a nós; o que nos fornece imediatamente motivos de ter confiança nele e de o amar. É um ser escolhido e estabelecido por Deus, portanto um rei legítimo pela graça de Deus; governa com autoridade divina; e além dessa liberdade é bom; eis as suas qualidades pessoais; tem pois um carácter verdadeiramente real. E finalmente, um soberano grande e poderoso; todos os príncipes cristãos e os outros cristãos lhe devem obediência; Deus dirige-os e os manda a todos para ele. É assim sob todos os aspectos uma majestade que impõe respeito e que com efeito respeitável; é um soberano no sentido próprio e belo da palavra.

B – O desígnio, o plano do rei aparece claramente no apelo que faz aos seus povos. Esse desígnio é grande e sublime; quer submeter ao Senhor Jesus todo o mundo pagão e fazer um império universal cristão. É um desígnio justo, que vem de Deus e que tem por fim a glória de Deus e o bem dos homens. É um plano racional e aceitável para todos, porque todos devem trabalhar e combater com o príncipe e ter nos despojos uma parte proporcional aos seus sacrifícios e aos seus trabalhos. É enfim, um desígnio glorioso, porque a vitória é certa, prometida pelo próprio Deus.

C – A sábia e nobre resolução dos súbditos é travar imediatamente a luta e cumprir a vontade dum príncipe tão bom e tão generoso; o contrário denotaria neles uma falta completa de inteligência e uma grande cobardia. Sem dúvida, os homens decidem-se muitas vezes a seguir um chefe e exército em circunstâncias muito mais desfavoráveis; que é que não fariam se fossem alistados por um tal príncipe e em tais condições?

II – Aplicações da parábola ao Divino Salvador

Por maioria de razão, a empresa é digna da vossa consideração e da vossa aceitação, se é N.S. Jesus Cristo em pessoa que nos convida! Apliquemos, pois, os três pontos do “apelo do rei temporal” ao Divino Salvador para vermos como o “Rei Eterno” merece incomparavelmente mais ser seguido.

A – A pessoa que faz agora a convocação é, antes de mais nada, também um homem, um verdadeiro homem de carne e osso, como nós. Mas que magnífica natureza de homem, que graça, que majestade! Que espírito poderoso e superior! Como o seu coração é forte, nobre, enérgico, valoroso, magnânimo! Como é desinteressado e benévolo para com cada um dos seus súbditos! Cristo é rei nato dos corações como é rei nato do universo inteiro. Ele possui as mais altas dignidades; reúne-as todas em si; é Doutor e Profeta, Rei e Sumo Sacerdote, Chefe e Medianeiro de toda a humanidade! Não é só um Rei temporal, é também um Rei eterno; o céu e a terra pertencem-lhe. Enfim, ele é, sem contestação, o primeiro, o principal, o mais poderoso de todos os seres criados, e ainda mais: é Deus. Que significa, com efeito, essa auréola de ouro em volta da sua cabeça? Nós poderemos, por conseguinte, admirá-lo, amá-lo, mas também adorá-lo; nele se concentra o fim supremo, o fim último da nossa vida; é nosso Criador, nosso Senhor e nosso maior Bem... Não há nele desacordo entre o serviço que presta ao homem e o serviço que presta a Deus, entre o direito de Deus que ele defende e o bem do homem que ele procura. Servindo, cumpre o seu dever para com Deus ao mesmo tempo que opera a nossa própria salvação. Onde encontramos noutra parte um senhor como este? E tudo isto é duma magnificência que ultrapassarão sempre o que jamais pudermos imaginar. Que é que não merece semelhante Senhor?

B – Para compreendermos bem a causa para a qual Nosso Senhor quer ganhar-nos, devemos ser postos ao corrente dos desígnios, do fim da sua vinda e da sua missão neste mundo; evidentemente, não pode ser senão uma causa bela, grandiosa e sublime. Qual foi a intenção, qual foi o projecto do Homem-Deus sobre a terra? Ele queria a honra e a glorificação de Deus, porque não há nada mais elevado e porque enfim a criatura não deve tender para outro fim. Ele queria a glorificação de Deus como Deus a queria por meio da salvação e da felicidade dos homens. Queria tornar felizes os indivíduos, as famílias, os povos, durante o tempo e durante a eternidade, conduzi-los pela felicidade temporal à felicidade eterna. É por isso que queria antes de mais nada libertá-los do domínio do pecado, das paixões e do demónio, proteger e assegurar de maneira duradoura a sua liberdade por meio de leis e pelo estabelecimento duma grande, por um Império universal que abraçaria todas as nações e todos os tempos: Reino de verdadeiro temor de Deus e de sábia moral, de paz, de ventura, que um dia se havia de transformar num Reino eterno, divino, no Céu. Cristo veio pois ao mundo para fundar esse Reino e estabeleceu-o na Igreja Católica. Tal foi o fim da sua vida, do seu ensino, dos seus exemplos, das suas funções, da instituição dos Sacramentos, da sua Paixão e da sua Morte.

Mas ele não quis estabelecer esse Reino sem o concurso dos homens; chamou por isso os Apóstolos, escolheu-os para os fazer partilhar da sua empresa e do seu poder; e fez deles o fundamento desse Reino da Igreja e conferiu-lhes o governo dele. Por meio deles e dos seus sucessores, esse Reino deve manter-se perpetuamente, defender-se e engrandecer-se, e todo o homem é chamado a cooperar nessa obra segundo a medida dos seus recursos e da sua posição. Cada homem deve aceitar e estabelecer no seu coração esse Reinado ou esse Império com a sua fé, os seus mandamentos e a sua graça, deve por consequência, fazer parte desse Reino e, além disso, segundo a exigência da vontade de Deus e na medida da sua capacidade, contribuir para o estabelecer no coração dos outros. Para o conseguir incumbe a todos e a cada um a necessidade de começar e continuar a luta contra o pecado e as paixões e cooperar com todo o seu esforço para a salvação dos outros e para a extensão do Reino de Cristo. Eis esboçado em

poucos traços, a empresa para que o Salvador nos convida; ela não tem outra senão a imitação de Cristo.

C - Relativamente à resposta que devem dar os súbditos à pergunta ou ao apelo do Rei Jesus, cumpre notar que em cada divisão e em cada corpo dessa milícia, há diferentes postos e diferentes graus de dedicações ao serviço da causa do Salvador. Uns entram em campanha, deixam-se aí empregar, fazem e sofrem na realidade alguma coisa; outros consagram-se inteiramente à obra, tornam-se os seus arautos e defensores entusiastas, empenham nela a sua fortuna, a sua vida, começam e acabam com ela. Por toda a parte há mais ou menos iniciativa; mais ou menos se mantém a defensiva ou se toma a ofensiva. O mesmo sucede na imitação de Cristo, quer se trate de seguir pessoalmente o Salvador, aceitar e estabelecer o seu Reinado no nosso próprio coração ou de o fundar no coração dos outros. É assim que temos leigos e sacerdotes, seculares e regulares, Ordens contemplativas, activas e mistas, conforme uns ou outros representam a Igreja docente ou a Igreja discente, se contentam com a observância dos mandamentos ou se obrigam a seguir os conselhos evangélicos; e entre todos verifica-se uma variedade, uma diversidade infinita na iniciativa e na execução dos trabalhos para o estabelecimento do Reinado de Cristo em si mesmos e nos outros. Santo Inácio faz consistir o grau mais elevado de dedicação e de fidelidade à obra empreendida na ofensiva e na resolução voluntária e livre de se renunciar a si mesmo e de vencer a sensualidade, o amor do mundo e a carne. Porquê? Porque é a condição mais necessária para que ela seja bem sucedida, para que ela triunfe.

É evidente que Santo Inácio nos exorta a subir ao grau da mais absoluta dedicação à causa do Senhor. Para nos decidirmos a isso, temos cada um de nós bastantes motivos.

O primeiro é o próprio Salvador, a magnificência e a excelência da sua pessoa, a honra e a alegria de nos conservarmos a seu lado, de justificar a nossa reputação sob as suas vistas, de sermos seus amigos, seus confidentes e instrumentos dos seus desígnios para a glória de Deus e a salvação dos homens. Que influência não exercem sobre os homens o encanto e o ascendente de certas personalidades?

O segundo motivo de seguir o Senhor é a sua empresa; antes de tudo a grandeza, a nobreza e a justiça do seu plano, considerado na natureza, no seu fim e nos meios; tudo é irrepreensível. Além disso, a necessidade de decisão neste negócio. Nós devemos declarar-nos pró ou contra; não há meio termo a escolher, não há que ter hesitação (frase em latim de Luc 11,23). Que o império de Deus ou o império do mundo. Finalmente, o êxito dessa empresa: o futuro pertence-lhe. A vitória é certa, e tudo é recompensado, como o mundo não é capaz de fazer, porque o saber, o querer e o poder lhe faltam para isso; todos os sacrifícios terão então a sua plena e eterna recompensa.

O terceiro motivo de corresponder ao apelo do Salvador, é o exemplo dos Santos. O Divino Rei encontrou soldados e servos. Que côrte magnífica o cerca! Ela compõe-se de personagens ilustres de todos os tempos, de todos os países e de todas as raças.; é a elite da humanidade que ele tem junto de si. Como os Santos corresponderam ao seu apelo! Como o seguiram com fidelidade e generosidade! E como foram magnificamente recompensados! Não será uma honra ter um lugar no meio deles? Ora o que os fez tão grandes e tão belos, foi o amor do seu Senhor e do seu Reino, a Igreja; tal foi o espírito dos Santos. Tomemos, pois, a resolução nobre e generosa de nos pormos às ordens do Salvador para tendermos com todas as nossas forças e para chegarmos a toda a perfeição da nossa vocação.

A AGONIA E JESUS NO JARDIM DAS OLIVEIRAS

I – Em que consiste a agonia do Salvador? Para responder a esta pergunta, não temos senão que considerar a natureza, o número e a violência dos sofrimentos de Nosso Senhor durante a sua agonia.

A – Os sofrimentos do Salvador no Horto do Getsémani são por sua natureza interiores, são sofrimentos da alma. Do exterior, de fora, não há ainda nada a suportar; nenhum inimigo está ali na sua presença. Mas, precisamente porque são mais íntimos, as dores são muitas vezes mais vivas e mais profundas no coração do homem

B – Os sofrimentos do Salvador são, quanto ao número, múltiplos e variados. Os Evangelistas referem pelo menos três espécies principais: o temor e o medo, o tédio e o desgosto, a repugnância e o horror, a aflição e a tristeza.

Uma única pena interior basta já para nos tornar infelizes; agora parece terem-se reunido todos os sofrimentos íntimos capazes de afligir o coração dum homem; de todos os lados se levanta a tempestade e de todos os pontos do horizonte, todos os ventos da desolação chegam ao Jardim das Oliveiras e se desencadeiam na alma do Salvador.

C – Pode-se fazer uma ideia da grandeza e da violência desses sofrimentos considerando, em primeiro lugar a conduta exterior de Jesus, a sua inquietação, as suas idas e vindas; ele refugia-se umas vezes ao pé dos Apóstolos, outras vezes na solidão e na oração, para encontrar um pouco de alívio e conforto. Em seguida a grandeza dos seus sofrimentos mostra-se nas palavras que pronuncia: “A minha alma está presa dum tristeza mortal”. O Salvador não se queixa facilmente e não exagera; a sua tristeza e a sua consternação devem portanto ser semelhantes às que se experimentam à hora da morte; sim, ele sofre dum tristeza tão grande que devia causar-lhe a morte. Pede duas vezes a seu Pai que afaste, se é possível, o cálix de seus lábios: para que faça este pedido, é preciso que os seus sofrimentos sejam insuportáveis, que seja bem amargo esse cálix que sempre desejou tanto e de que agora se afasta com horror! Finalmente, uma prova particular e perentória da violência dos seus sofrimentos é o suor de sangue cujas gotas correm até ao chão. Este facto mostra-nos por um lado a compleição delicada do corpo do Salvador, e por outro, a profundidade das suas dores íntimas. A resistência da sua vontade superior à parte inferior do seu ser é tão viva que a violência da luta faz passar o sangue através do ténue invólucro e do tecido delicado do seu corpo. Tem, pois, de suportar um sofrimento cruel e profundo, uma verdadeira agonia.

II – O temor e o medo de Jesus na agonia, são causados pela certeza, aproximação e excesso dos sofrimentos da sua Paixão e da sua morte. Abandonar o mundo é duro para todos; ora não há vida mais preciosa para o Céu e para a terra, para si próprio, para sua Mãe e seus amigos, do que a de Jesus, por causa da sua santidade, da sua dignidade e da sua importâncias. Ninguém sabe isso melhor do

que Nosso Senhor. Agora, ele, tão novo, deve perdê-la e por meio duma morte tão injusta, tão infame e duma crueldade inaudita. A sua imaginação representa-lhe todas as injustiças que vão desabar sobre ele; sente já, por assim dizer, nos seus membros, esses sofrimentos; que é que não podem sobre o coração do homem a angústia e o receio da morte! Sem dúvida, também experimenta os efeitos da justiça vingadora de Deus que é tão desprezada dos homens e contudo tão terrível! A sua alma está cheia de imagens aterradoras que produzem nele impressões excessivamente penosas; ele deve satisfazer desse modo a justiça divina.

B – O tédio, a repugnância e o desgosto, resultam, em primeiro lugar, do conhecimento dos pecados pelos quais o Senhor deve suportar tão numerosos e tão cruéis sofrimentos. Considera os pecados primeiro sob o ponto de vista do seu número aterrador. Depois, da sua malícia, da sua baixeza, da sua insolência e da sua oposição à sabedoria, à majestade, à justiça e à bondade de Deus; finalmente das suas devastações espantosas entre os homens e da sua punição eterna. Vê esse abismo sem fundo e essa massa incomensurável de lama e de imundícies, cuja menor parte basta para encher o seu Coração duma repugnância e dum horror indizíveis; e é por isso que ele vai agora sofrer e satisfazer! Em segundo lugar, encontra outra causa de repugnância nos próprios homens por cujos pecados ele tem tanto que suportar. Que são, com efeito, para ele esses homens? Que são os pagãos que compõem sempre a maior parte da humanidade? E os cristãos que a heresia, o pecado mortal, o mundanismo, a indiferença e a tibieza conservam afastados dele? Por ventura, não são os cristãos que, em todos os tempos, formam o maior número dos inimigos mais odiosos e mais implacáveis da Pessoa do Salvador? E no pequeno grupo dos seus fiéis, que é que vemos? Onde está aquele que pode dizer que faz todo o seu dever, que corresponde a tudo o que lhe pede o Senhor, com generosidade e inteira abnegação? Como nos cansamos depressa, como nos poupamos, como calculamos e examinamos tudo, pensamos sempre que o número das nossas obrigações é demasiado grande ou os nossos encargos demasiado pesados! O Senhor vê tudo isso; duma parte a nossa insensibilidade, a nossa preguiça, o nosso egoísmo insaciável, e, doutra parte, a sua divina Pessoa e todos os seus direitos à nossa fidelidade ao nosso amor e à nossa dedicação.

Devemos admirar-nos de que ele sinta tédio, repugnância e desgosto em sofrer de modo tão cruel por nós?

C – Enfim, a tristeza de Jesus tem, a sua razão na perspectiva do pouco resultado e fruto dos seus esforços, dos seus benefícios e dos seus sacrifícios. Um número considerável de homens não será salvo senão por necessidade, como que à força; povos inteiros serão arrancados e separados do seu Corpo místico, para serem precipitados no erro e na perdição, apesar das suas graças e dos seus benefícios e por causa deles. E porquê? Porque os homens abusam de tudo, da sua doutrina, dos seus Sacramentos, da sua Igreja. A perda de cada alma faz-lhe um mal extremo; cada uma é o preço do seu sangue, e com que alegria, com que felicidade os veria todos salvos! Essa é a razão da sua tristeza e do seu profundo abatimento; o seu Coração é oprimido alternativamente pelo temor, pelo desgosto e pela tristeza, como o cacho de uvas é esmagado pela prensa do Lagar.

III – Maneira como o Salvador sofre.

A – O Salvador sofre antes de mais nada livre e voluntariamente. Ele é, com efeito, senhor absoluto dos movimentos da sua alma; sente dores íntimas, portanto é porque ele o quer. Ele

próprio abre, por assim dizer, as comportas, para que as águas da tentação entrem na sua alma. Decerto há nisso um profundo mistério e um grande milagre; como pode sofrer na sua vontade com a vista imediata de Deus? E até por causa dessa missão beatífica, os seus sofrimentos, o seu horror e a sua repugnância tornam-se mais vivas. É por isso que essa liberdade do Senhor nos torna a sua Paixão tão venerável e tão digna de amor. Qual de nós quererá aceitar semelhante Paixão e tomá-la sobre si? Ora, Jesus quer durante a sua agonia, beber e esgotar o cális de todos os sofrimentos interiores. É impelido a isso pelos motivos seguintes: em primeiro lugar quer satisfazer por todos os pecados e por todas as imperfeições que nós cometemos nas horas de provação; pela nossa impaciência, pela nossa independência em face da vontade de Deus, pelas nossas faltas de generosidade, pelas nossas infidelidades às nossas resoluções, pelas nossas negligências na oração, pelas nossas queixas injustas e pela nossa ânsia em procurar a consolação nas criaturas. Em seguida o Salvador quer consolar-nos com o seu exemplo nos

casos em que não encontramos nenhum alívio nem e Deus nem nas criaturas humanas. Como é viva a pena do Salvador em não encontrar em parte alguma um consolador! Enfim, ele tem em vista merecer-nos, pela sua Agonia, uma graça e uma força especiais para os tempos em que nós mesmos estivermos abraços com a desolação. Teremos então grande necessidade delas, sobretudo quando chegar a hora da nossa agonia, essa hora em que dores semelhantes às de Jesus caírem sobre nós e em que ninguém poderá socorrer-nos! Quanto seremos consolados nesse terrível momento, por termos meditado e honrado de modo particular o martírio da Agonia de Jesus e por termos atraído sobre nós as bênçãos e as graças de força que ele encerra! Só o Salvador poderá ajudar-nos na nossa própria agonia.

B – O Messias sofre além disso com a amável e tocante humildade. A sua Agonia é aos olhos dos homens um estado de fraqueza deplorável; e contudo os três Apóstolos, testemunhas da sua gloriosa Transfiguração, devem ver também eles próprios a grandeza, o excesso dessa fraqueza. Acresce que Jesus mostra a sua humildade, orando nessa necessidade, orando durante tanto tempo e várias vezes, orando com inteira resignação, apesar do peso que oprime a sua pobre natureza humana, e atingindo na sua oração, toda a perfeição da resignação e da dedicação à vontade de um Pai e até o mais alto grau da magnanimidade. Enfim, Nosso Senhor é bastante humilde para se deixar consolar por um Anjo e para desculpar de modo tão tocante a sonolência dos seus Apóstolos.

C – O Salvador sofre com firmeza, com perseverança, e enfim vitoriosamente. Sem dúvida alguma o combate é rude, a repugnância e o terror da natureza inferior são muito grandes, o suor de sangue bem o prova, mas o Salvador mantém-se firme e defende-se com vantagem. Ele adere com confiança à vontade de Deus, cujo desígnio é realizar a nossa Redenção com a sua Morte. Por isso é consolado e fortificado por um Anjo. Uma tal perfeição de renúncia merece um sinal exterior do Céu, como já tinha merecido noutras circunstâncias. Jesus não tem necessidade absoluta dessa consolação, mas, contudo, é um grande lenitivo para a sua natureza humana ver aproximar-se dele um enviado de seu Pai Celeste; e, na sua amável humildade, quer de boa vontade consentir em aceitar essa consolação. Em que

consiste ela, é difícil dizê-lo; provavelmente o Anjo mostra-lhe, em magníficas representações, os maravilhosos efeitos da sua Paixão e da santificação dos homens. Então, liberto dessa luta interior, Jesus avança ainda mais na obra da Redenção.

Tal é a primeira estação da Paixão de Jesus. Ela é de grandíssima importância por causa por causa dos sofrimentos íntimos que arrancam já a Jesus um suor de sangue. As dores da Agonia têm a sede na sua alma. Nós vemos desse modo que o Salvador é inteiramente homem, tem uma vontade de homem e como a sua faculdade sensitiva passa por todos os estados pelos quais esta faculdade humana pode passar; vemos também a que grau extremo deixa a dor elevar-se, por amor de nós, na parte sensível do seu ser e como sai interiormente dessa provação no interesse da nossa salvação e para nossa própria consolação. Nós temos também as nossas horas de Getsémani e de agonia; então saberemos o que temos a fazer: será preciso nesses momentos dolorosos, que nos refugiemos junto de Jesus na Agonia, que o contemplemos e que aprendamos a passá-los como ele e sobretudo a não descurar, por uma dificuldade ou pena interior, qualquer que ela seja, nenhum dos nossos deveres e nenhuma das resoluções que tivermos tomado para melhor o servirmos.

O PURGATÓRIO

I – Existência do Purgatório

O Purgatório é um lugar de expiação que se encontra na outra vida e onde as almas dos homens sofrem as penas temporais devidas aos seus pecados já perdoados ou aos seus pecados veniais ainda não perdoados.

Não se pode duvidar da existência do Purgatório. O Antigo e o novo Testamento atestam esta verdade (segue frase em latim, de II Mac 12,16). Nós temos nestas palavras do livro segundo dos Macabeus e na narrativa que as precede (v.43,66) a expressão da crença inabalável de todo o povo judeu, do seu exército, do seu sacerdócio e do seu chefe Judas Macabeu. (frase em latim de Mat 12,32; cf. I Cor, 3, 11-15). É também a convicção e o ensino formal da Igreja Católica que há um Purgatório e que podemos socorrer as pobres almas que lá se encontram (Trid.

Sess.25, decr. De Purg). Finalmente, a razão esclarecida pela Fé diz-nos que um certo número de homens morrem, sem terem pelos menos completamente, satisfeito a dívida das penas temporais que os seus pecados merecem. Ora nada impuro entrará no reino do Céu; e, como a alma desses homens estão estado de graça, o Inferno não pode ser o lugar do seu castigo. É preciso, portanto, que sejam punidos noutra parte, isto é, no Purgatório. O Purgatório é, por consequência para essas almas, uma estação intermédia entre a terra e o Céu; e, nas circunstâncias em que se encontram, é para elas um grandíssimo benefício.

II – O que é o Purgatório

No pecado venial há uma inclinação desregrada para a criatura e uma oposição a Deus; é por isso que a pena do Purgatório é dupla, como a do Inferno, negativa e positiva: a pena do dano ou a privação temporária da vista de Deus e a pena de sentido.

A – A pena de dano. A dilação ou adiamento da vista e da posse de Deus no Céu resulta de que o homem, pecando venialmente, pecou contra a caridade ou o amor de Deus, embora não de maneira grave; preferiu a criatura à vontade divina em coisas de pouca importância por si mesmas, sabendo em todo o caso que esse desregramento o desviava em parte do seu último fim. É pois justo, que na outra vida tenha o quinhão, a sorte que ele sempre quis e escolheu. Deixamos sobre a terra, Deus bater e esperar à nossa porta; fizemos pouco caso de estarmos ao pé dele logo depois da nossa morte; é agora a vez de ele nos fazer esperar, e a sua porta ficará fechada ainda durante algum tempo, apesar da abundância e da amargura das nossas lágrimas. Esta primeira pena do Purgatório é extremamente grande. Pode-se distinguir em duas partes.

Em primeiro lugar é um grande sofrimento para as almas do Purgatório não estarem ainda puras de toda a mancha aos olhos da Majestade divina, ao menos por causa do ferrete humilhante da pena temporal que elas sofrem. Essas almas santas conhecem a Deus infinitamente melhor do que sobre a terra. O mundo e as suas distrações, os atractivos da sensualidade e das paixões estão já para trás, estão já muito longe; Deus, com a sua majestade, a sua sabedoria e a sua beleza infinitas, são o único objecto que as ocupa. Mas elas não estão ainda puras aos

seus olhos; durante a vida temporal não tiveram a peito lavarem-se das suas manchas e isso é o que presentemente as atormenta mais que tudo. Experimentam uma dor viva e persistente, cujo único lenitivo é o pensamento de que não sofrem senão para apagar pouco a pouco o ferrete da sua condenação.

Em segundo lugar, as almas do Purgatório sofrem por causa da separação de Deus, último fim da sua existência. E por causa do desejo natural e sobrenatural que têm da bem-aventurança, segundo o seu grau de conhecimento e de amor de Deus. Deus no Purgatório, atrai as almas a si e estas são impelidas para Deus com toda a força do seu ser, e apesar disso, não podem alcançar e possuir a Deus. Há um mal terrível, às vezes mortal, que se chama nostalgia, saudade da terra natal ou da terra onde se vivia. Absalão, esse filho desnaturado, já não queria viver, porque não devia tornar a ver a face de seu pai. Que dor pungente para um príncipe real ser arrebatado no meio do cortejo que o conduz à cerimónia da sua sagração; para uma noiva ser sequestrada com violência, quando já está a caminho da Igreja onde se vão celebrar as suas bodas; para uma criança, ausente durante muito tempo, ser privada à força da vista duma mãe ternamente amada! Ora, que são um pai, uma noiva, uma mãe, em comparação de Deus? Que é um reino temporal, uma porção de território, comparado com a posse e a beleza do Céu? Eis o que atormenta as almas do Purgatório. Só Deus e a posse de Deus é que podem consolá-las.

Esta privação de Deus é, pois, uma pena aguda e constante; contudo, não é desespero, porque têm a certeza de possuir um dia a Deus.

B – A pena de sentido

A pena de sentido das almas do Purgatório deve ser considerada sob quatro aspectos.

- Em primeiro lugar, segundo os Doutores e os Santos, nenhum sofrimento terrestre iguala essa pena de sentido e até nem pode ser comparado com ela; e é ensinamento bem fundado dos teólogos que o fogo é um dos seus elementos.

- Em segundo lugar, não é eterna mas é longa: primeiro, porque é muito dolorosa e, além disso, porque na realidade pode durar muito tempo, segundo a opinião da Igreja.

- Em terceiro lugar, as almas do Purgatório não podem absolutamente libertar-se desse castigo, não podem fazer nada para o mitigar e abreviar. Devem sofrer-lo até que paguem o último ceitil, da terra não ser que Deus inspire à Igreja e aos cristãos da terra o pensamento de rezar e de praticar boas obras em sufrágio delas. Elas dependem, portanto, inteiramente da Providência de Deus e da compaixão dos fiéis.

- Em quarto lugar, as penas do Purgatório não têm mérito algum para as almas que as sofrem; não receberão por essas penas nenhuma recompensa. São penas exclusivamente satisfatórias, uma pura reparação, mas que é exigida com extremo rigor.

Tais são as penas do Purgatório, tão duras e tão extraordinariamente grandes. O pecado venial é, portanto, depois do pecado mortal, o maior dos males; e contudo cometem-se tantos pecados veniais e com tanta facilidade! As penas do Purgatório não são penas correcionais, são penas puramente vingadoras (frase em latim) Enfim, são penas da eternidade e por causa disso duma grandeza inexplicável. Como são terríveis, às vezes, mesmo neste mundo, os golpes da justiça divina! Mas esses golpes não nos senão uma pálida ideia das penas da outra vida; não são no tempo, senão como centelhas isoladas que escapam do abismo da eternidade.

III – Meios de evitar o Purgatório

O fruto desta meditação não pode ser outro senão a resolução de fazer todo o possível para evitar as penas do Purgatório.

A – Primeiro meio

O primeiro meio a empregar com esse fim é fugir do pecado, mesmo do pecado venial. Nós vemos, pelas penas do Purgatório, qual é a majestade de Deus que castiga tão severamente pelas menores ofensas de que é objecto. Vejamos quais são aqueles que sofrem esse castigo: são santos, filhos que Deus ama acima de tudo; é contudo sobre eles que descarrega os golpes terríveis da sua justiça. Portanto, temamos a Deus, ao mesmo tempo que o amamos! Nós vemos ainda desse modo o que é o pecado e quanto ele nos torna infelizes. Os carvões e os tições que nos hão-de atormentar no Purgatório, serão exclusivamente o resultado

ou a punição dos pecados que tivermos cometido. Adquiramos, pois, a pureza do coração.

Finalmente, notemos mais uma vez a maldade do mundo que é para nós ocasião incessante de pecado e causa de tantas dores, e que nada faz no nosso interesse.

Fujamos do mundo.

B – Segundo meio

O segundo meio sacrifício de escapar ao Purgatório é satisfazer nesta vida pelas penas temporais devidas aos nossos pecados; e nós fazemo-lo com a penitência corporal, com a mortificação dos sentidos, com a prática do espírito de sacrifício e de renúncia, com o cumprimento exacto dos nossos deveres de estado, com a paciência e resignação nos sofrimentos, com a oração e ganhando indulgências. Com certeza não é nada bom para nós adiar até à eternidade o pagamento completo da nossa dívida. Cada dia devemos fazer alguma coisa, porque todos os dias contraímos alguma dívida por causa das nossas faltas quotidianas; a barquinha mete água todos os dias, é preciso portanto, despeja-la todos os dias. Ao menos suportemos com espírito de fé e por amor de Deus, as penitências involuntárias que consistem nos sofrimentos e nas adversidades da vida e especialmente, nas pequenas cruces da vida de comunidade.

C – Terceiro meio

O terceiro meio de evitar o Purgatório é observar as nossas regras com exactidão e com zelo: observância que é sobre a terra um Purgatório. As nossas santas regras têm precisamente a vantagem de tomar cuidado em toda a parte e sempre dos nossos interesses, mesmo dos nossos interesses eternos. Que espectáculo nos ofereceria uma alma do Purgatório, por exemplo, a alma da nossa querida Irmã Maria Josefina, que tivesse alcançado a graça de sofrer todo o seu castigo sobre a terra e nas condições em que nós vivemos! Com que fidelidade e com que ardor não observaria todas as regras, não cumpriria cada um dos seus mais pequenos deveres!

O PECADO VENIAL

A questão do pecado venial é por demais importante no tempo e na eternidade, para que não lhe prestemos particular atenção.

I – Natureza do pecado venial

A – Por pecado venial entende-se geralmente, uma transgressão da lei de Deus e uma ofensa feita a Deus que não trazem consigo a privação da graça e da amizade divina e a condenação eterna.

Um pecado pode ser venial por duas razões, ou por causa da leveza e da insignificância do objecto em si mesmo ou por causa da falta de conhecimento perfeito ou de vontade inteiramente livre, mesmo quando o objecto ou a matéria é grave. Que há pecados que são apenas veniais é doutrina da Santa Igreja. (Trid.) A própria Sagrada Escritura diz que há pecados cometidos pelos justos sem que estes deixem de ser justos. Esses pecados são as pequenas manchas e as rugas que Deus encontra na Igreja e nas almas em particular, mas que não as desfiguram completamente; é a lenha, é a falha sobre o fundamento, Cristo Senhor Nosso e que serão queimadas no Purgatório (I Cor, Eccl.) Com efeito a sabedoria e a justiça de Deus exigem que a sua graça e a sua amizade, assim como a consecução da salvação não dependam de coisas que muitas vezes mal podem ser chamados actos humanos e que são antes o efeito da fraqueza do que do que da reflexão. O pecado venial não é a interrupção, a cessação completa do esforço para o fim último; é apenas lentidão ou diminuição desse esforço.

B – Tal é o pecado venial em geral. Aqui compreendemos sob o nome de pecados veniais, especial e expressamente, a pior espécie de pecados veniais, a saber: aqueles que são cometidos com pleno conhecimento e vontade inteiramente livre e apesar do protesto da consciência; trata-se pois de pecados veniais perfeitamente voluntários. São esses pecados sobretudo que são o objecto desta meditação e não tanto aqueles que nos escapam por inadvertência e surpresa; estes últimos não impedem que se tenda para a perfeição, mas sim os primeiros. O nosso primeiro esforço na vida espiritual, deve ser amar-nos contra essas faltas deliberadas e fazer que nos abstenhamos delas habitualmente.

C – É agora a ocasião de olharmos para trás, para toda a nossa vida passada, e de examinarmos a nossa consciência, como fizemos na meditação sobre os pecados pessoais, para vermos como estamos em relação ao ódio do pecado venial

voluntário, percorrendo por isso os mandamentos e notando aqueles contra os quais sobretudo temos pecado, e para que pecados veniais temos mais inclinação.

II – O mal do pecado venial

Podemos ver claramente o mal do pecado venial por dois lados ao mesmo tempo e assim encontrarmos numerosos motivos para os evitarmos.

A – Do lado de Deus, o pecado venial é:

- Em primeiro lugar, um protesto contra a sua soberania e o seu domínio, aos quais devemos estar sujeitos pelo cumprimento da sua vontade, pela observância dos seus preceitos e das suas proibições. O mal do pecado venial não é essencialmente e em princípio, menos mau que o mal do pecado mortal, e Deus toma a sério também a obrigação que nos impõe de evitar o pecado venial. Sim, a sua ordem ou a sua proibição são expressas e obrigatórias então, como no caso do pecado grave; apenas ele não emprega nesse caso todo o peso da sua autoridade e todo o rigor da sua justiça. Apesar disso, nós passamos adiante, nós pecamos venialmente. O pecado venial voluntário, é portanto a transgressão e o desprezo duma vontade de Deus conhecida e formal, uma verdadeira desobediência para com Deus, uma desobediência que não é punida com a condenação eterna. É por isso que o pecado venial voluntário encerra em si mesmo um mal tão grande, que por nada deste mundo, nós deveríamos cometê-lo.

- Em segundo lugar, o pecado venial é uma oposição à santidade e à sabedoria de Deus. Mesmo o mais pequeno dos pecados veniais é um monstro de tal ordem e tão contrário a Deus, que Deus destruiria mil vezes o universo antes que aprová-lo. É evidente que um sábio legislador não deve proibir somente as transgressões graves, mas também as leves, porque estas conduzem àquelas.. Assim Deus não se contenta de proibir as faltas graves contra o quinto, sexto e sétimo mandamentos; proíbe ainda as faltas leves, porque são um verdadeiro mal, um mal inteiramente intolerável para ele, e porque os pecados pequenos conduzem aos grandes. Nós mesmos não poderíamos suportar nenhuma sociedade em que fosse apenas proibido matarem-nos, roubarem-nos ou enganarem-nos duma maneira notável.

- Em terceiro lugar, o pecado venial é oposto à bondade e ao amor de Deus. Há com efeito no pecado venial, uma ofensa de Deus, porque há uma inclinação

desregrada para um bem criado e por consequência um desprezo da vontade divina, sem todavia ser grave. Ora tudo isto é contrário ao amor e à alta estima que devemos ao Bem Supremo. Sem dúvida alguma, a nossa caridade é defeituosa quando dizemos com a boca que amamos a Deus e quando fazemos muitas vezes aquilo de que ele não gosta, o que proíbe e o que detesta. Deus não se limita ao que é unicamente necessário, ao que é estritamente essencial em seu amor e em sua bondade para conosco; ama-nos em toda a parte e sempre em tudo sem medida. Porque queremos, pois, contentar-nos com o essencial na obediência e no amor que lhe devemos? É claro que não há nisso bom espírito, espírito filial; e ainda menos esse espírito convém a uma Religiosa que se fixou como fim a alcançar, na perfeição, isto é, no amor de Deus.

B – Relativamente a nós mesmos, o pecado venial é um mal, a bem dizer, deplorável, por causa das suas funestas consequências.

- Em primeiro lugar, esse pecado causa-nos uma séria desvantagem nas relações com Deus. O pecado venial ofende a Deus e é por isso que ele faz diminuir as demonstrações e as provas de amor e de ternura de Deus a nosso respeito; subtrai-nos muitas graças eficazes que teríamos sem isso recebido da bondade divina, aproximando-nos dos sacramentos ou cumprido outras boas obras; priva-nos além disso da protecção especial de Deus nas provações, nos perigos e nas tentações. É esta protecção alguma coisa de extraordinariamente importante na vida prática. O pecado venial diminui da nossa parte a confiança filial para com Deus e o nosso amor para com ele, de sorte que, pouco a pouco, a frieza e a indiferença tomam o seu lugar e um muro de separação se eleva entre Deus e nós. Porque temos má consciência, já não estimamos o comércio, o trato com Deus e já o não procuramos como dantes.

- Em segundo lugar, o pecado venial conduz-nos insensivelmente ainda doutra maneira, a um estado d'alma mau e perigoso. Os pecados veniais voluntários frequentes fazem que a consciência perca a sua delicadeza e tornam-nos levianos e negligentes; daí resulta o despertar das paixões e o assalto das tentações. Então basta uma ocasião exterior perigosa para nos fazer cair em pecado mortal; é assim que o pecado venial prepara no nosso coração o lugar para o pecado mortal. Um e

outro são como dois ladrões que trabalham de mãos dadas; onde o ladrão grande não pode penetrar, o pequeno passa e alarga da parte de dentro a abertura para que o grave por sua vez possa também entrar.

- Em terceiro lugar o pecado venial expõe-nos a castigos penosos, primeiro no tempo, muitas vezes a desgostos amargos, a dificuldades, a prejuízos da saúde, a perturbações na nossa paz e na nossa tranquilidade, ocasionadas pela desobediência e pelas outras desordens do pecado venial; depois na eternidade, onde nos esperam suplícios cruéis do Purgatório. Avaliemos em face de tudo isto, o mal que nos causa o pecado venial. Por isso os Santos preferiam morrer a cometê-los, ou então, se o tinham cometido, faziam rigorosa penitência dele, muitas vezes durante toda a vida.

III – Meios de evitar o pecado venial

A – O primeiro meio é a resolução, o propósito firme e invariável de nunca cometer pecado venial voluntário; e devemos renovar-nos nesta boa disposição em cada confissão e em cada exame.

B – O segundo meio é a fuga das ocasiões perigosas. Talvez (e estes casos de pecar não são raros), talvez que encontremos uma causa permanente de pecados veniais em certa pessoa, em certo lugar, em certa ocasião, etc. Então evitemo-los como pedras de escândalo.

C – O terceiro meio é a calma, a presença de espírito, a previsão, o recolhimento e atenção sobre nós mesmos.

D – O quarto meio é o exame particular, meio que deve ser empregado antes de qualquer outro, se temos o hábito de cometer pecados veniais deliberados.

A TIBIEZA

I – Natureza e essência da tibieza

A – Em geral, a tibieza é o contrário do fervor. Ora o fervor consiste num grau elevado de caridade, ao passo que a tibieza é uma diminuição e um arrefecimento da caridade. A tibieza é com efeito, um pecado contra esta virtude; o religioso ou o cristão tívio não sente desgosto voluntário no serviço de Deus, porque esse serviço

lhe custa, porque lhe causa incómodo, porque lhe é molesto? Não peca portanto assim contra a caridade?

B - Em particular, a diminuição desse fervor manifesta-se no procedimento daquele que é tÍbio, e primeiramente nos pecados que comete; já não tem a aversão nem o horror que tinha pelo próprio pecado que ele já não tem em grande conta, já pelas fontes do pecado (espÍrito do mundo, sensualidade, orgulho), já enfim pelas consequências do pecado (tentações, maus hÁbitos e ocasiões de pecado). Além disso, a tibieza é uma diminuição no zelo e na estima do bem; tem-se falta de coragem, de decisão e de força para aproveitar tudo, tempo, faculdades, ocasiões e graças, para adquirir graças e virtudes. A tibieza assinala-se especialmente pela menor elevaçã dos pensamentos, das virtudes e das máximas; já não se pode aspirar, visar a nada que seja alto e grande; não se pensa senã no bem que se possui, sem se ter nenhuma inquietaçã ou preocupaçã pelo que falta; não se fazem já comparações senã com os menos perfeitos. Para descer mais a minúcias, a tibieza revela-se ainda no desgosto voluntário da própria vocaçã; há nele sempre um sinal de negligências dos deveres de estado, donde resultam os remorsos de consciências. Do mesmo modo, a tibieza aparece na diminuição do zelo pela oraçã; já não se segue um método determinado, já não se tomam resoluções precisas, já não se nota nenhuma das luzes que se recebem. Não marcar já as faltas na folha do exame particular, ter grande receio da porta da cela da superiora ou do ralo do confessionário, já não prestar contas da sua consciências nos dias fixados, são igualmente sinais de tibieza. O demônio da tibieza descansa com complacências no caderninho do exame particular; cumpre-nos que o afastemos duas vezes por dia, inscrevendo nele exactamente de cada vez as nossas faltas ou os nossos actos de virtude. Finalmente, a tibieza encontra-se no abandono dos exercÍcios de penitências.

Acrescentemos que a tibieza se dá a conhecer por certas maneiras de falar: são apenas ninharias, são coisas sem importâncias; ouvimos às vezes dizer das faltas de que a religiosa tÍbia, por exemplo, se torna culpada. Mas há por ventura alguma coisa sem importâncias na vida humana e no serviço de Deus? Prestamos atençã às coisas pequenas, quando se trata da nossa saúde corporal e da nossa vida. Entã

não havemos de estimar mais, muito mais, de ter em muito maior conta, essas pequenas coisas de que se compõe a maior parte da nossa vida religiosa? Somos assim como isso tão ricos de bens espirituais? Na verdade não paramos, recusando-nos a empregar alguns esforços, senão mostrar a nossa fraqueza, a nossa preguiça e a nossa pobreza espiritual.

- “Eu não sou noviça”. Se isso quer dizer que vencestes as dificuldades das noviças, que servis a Deus com mais inteligência e fervor, então está muito bem. Mas se quereis dizer que quereis viver mais à vossa vontade no serviço de Deus, então mereceis que vos dirijam as mais justas exprobrações.

- “Eu cometo somente um pecado venial”. Estas palavras indicam que estais perigosamente enferma.

- “A regra não obriga sob pena de pecado”. Em teoria, sim; na prática quase sempre não.

- “As outras fazem também como eu”. Eis o melhor meio de se tornar depressa o modelo e o ideal da negligência e da imperfeição. Por ventura regulamo-nos pela necessidade dos outros, quando se trata do nosso apetite ou do nosso sono?

Tal é pois a tibieza; eis o seu retrato, as suas maneiras, o seu carácter e os seus hábitos. Foi preciso fazer a descrição dela, para que a conhecêsseis e sobretudo para que a pusésseis em fuga quando ela se apresentasse à vossa vista.

II - Motivos ou razões para de evitar a tibieza

A – O primeiro motivo é a desordem e a indignidade deste estado. A tibieza constitui um pecado contra a caridade; opõe-se ao que há de melhor e de mais elevado na vida espiritual. É uma diminuição, uma degradação do homem todo, É um estado de miséria moral, sem virtudes notáveis e sem méritos particulares; todas as inclinações más renascem, voltam à vida nesta atmosfera morna. É um foco de paixões desregradas, de negligências, de faltas, de pecados e às vezes de pecados sérios, mas que não se quer reconhecer (frase em latim de Apoc 3,17). O cristão túbio não pode saber se é digno do amor ou do ódio de Deus.

B - O segundo motivo de evitar a tibieza é a desgraça desse estado. Esse estado é sem consolação e sem alegria; nem o mundo nem as paixões, nem, por maioria de razão, Deus proporciona um perfeito contentamento àquele que vive na tibieza.

Assim ele está como que entre o martelo e bigorna; a aflição chega-lhe de todos os lados e ele não encontra consolação em parte alguma. Ora, pode-se viver sem consolação? É por isso que ele cada dia faz menos caso dos preceitos, das regras e da sua vocação, até que sacuda completamente esse jugo. É impossível que uma religiosa tibia experimente uma alegria verdadeira, porque se acha num estado que está em contradição com todas as exigências da sua vocação.

C – O terceiro motivo de fugir da tibieza é o perigo a que ele nos expõe. Resulta, com efeito, da natureza e do carácter da tibieza, que na sua actividade debilitante e destruidora se infilha e se agarre aos melhores e mais poderosos meios da vida espiritual: à oração, ao exame particular, às comunicações frequentes, quando necessárias, com a Superiora. Então começa um estado perigoso, mas que não se estabelece senão pouco a pouco e quase sem ser notado: é uma decadência gradual. A tibieza é como a febre gástrica: não se sabe ao certo onde é a sede desse mal e donde vem o enfraquecimento das forças, sentindo-se o doente tanto mais bem disposto quanto mais a doença se agrava. A religiosa tibia assemelha-se ainda ao viajante perdido nos cumes nevados dos Alpes: caindo de cansaço e de fadiga, quer sentar-se e repousar em toda a parte; se se atende o seu pedido, começa a dormir para não acordar senão na eternidade. A tibieza destrói o edifício da nossa vida espiritual da maneira como os vermes consomem as traves duma casa: roem-nas sem fazer ruido e serem notados, até que o edifício cai e se desmorona de repente. A religiosa tibia afasta Deus de si; a Sagrada Escritura serve-se de expressões terríveis para mostrar como ela encara quem vive na tibieza (frase em latim de Apoc 3,15): eis o que Deus sente em presença da alma tibia... e esse desgosto, essas repugnâncias de Deus veem em primeiro lugar das acções daquele que se entrega à tibieza e em seguida da própria pessoa quando ele transpõe o fosso quási imperceptível e o faz cair no pecado mortal. Então repele-o para longe de si (frase em latim de Apoc 2,4)

III – Remédios da tibieza

A - O primeiro remédio é a oração e a meditação. Devemos considerar muitas vezes, nestes santos Exercícios, qual é a Majestade que nós servimos e os motivos instantes que temos para a servir com qualidade. Encontramos um auxílio especial

contra a tibieza na meditação dos quatro fins últimos ou na repetição da meditação chamada da primeira semana. Refere-se que na Sibéria os ursos estão habituados a dançar; a parte inferior da sua jaula é aquecida a uma temperatura tão elevada que esses animais preguiçosos são forçados a levantar as patas uma após a outra para não se queimarem, e assim e assim se acostumam pouco a pouco a dançar. Façamos as meditações sobre o inferno e sobre os nossos fins últimos e tornaremos fervorosos e avançaremos alegremente nos caminhos da perfeição.

B – O segundo remédio é a fiscalização da superiora ou a prestação assídua e exacta das contas de consciência. Sem o emprego deste meio, os outros meios, mesmo os melhores, não servem de nada., porque se descuidam pouco a pouco ou não se utilizam como se devem utilizar. As contas de consciência são o regulador de tudo o mais;

C – O terceiro meio a empregar contra a tibieza é a mortificação voluntária em muitas coisas lícitas e permitidas; este meio reanima a vida espiritual e dá-nos novas forças para praticar a virtude. Os barbos permaneceriam sempre preguiçosamente no lodo e conservariam sobre a mesa das nossas refeições o gosto do lodo se não se colocassem juntamente com eles nos seus tanques de criação rolhas que lhes dão caça continuamente e os põem sem cessar em movimento; mortifiquemo-nos pois muitas vezes, e seremos excelentes... O fervor, como a fidelidade, mostra-se sobretudo nas pequenas coisas.

D – O último remédio da tibieza consiste numa sincera devoção ao Sagrado Coração de Jesus. A graça particular desta devoção é a preservação da tibieza; esta graça deriva da própria essência desta devoção; com efeito, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus é a devoção ao amor do Coração divino de Jesus, é o seu fruto é a reciprocidade do amor. Há nela o contraveneno da tibieza

(termina com uma frase em latim do Apoc 3,18.

PENITÊNCIA

I - Natureza e essência da penitência

A penitência é a virtude pela qual damos satisfação a Deus pela injustiça do pecado, reparamos o pecado e o destruimos em nós. Para que a penitência atinja

este fim, é preciso que seja interior e exterior e que realize três condições: deve primeiramente apagar a culpa, depois tirar a pena que resulta da falta cometida e enfim fazer lutar contra as paixões que conduzem ao pecado. Falta, pena e paixões, eis o que constitui em nós o reino do pecado; é também este império que a penitência tem por fim único derrubar e aniquilar.

II – Motivos de penitência

A – Há em primeiro lugar, da parte de Deus, motivos que militam em favor do exercício da penitência em geral. Com efeito, a penitência é, relativamente a Deus, uma questão de justiça e de equidade; o pecado é uma dívida pela qual devemos responder diante de Deus (Mat 6,12); o pecado é uma injustiça e uma ofensa. A dívida deve ser paga; a ofensa reparada; o bem adquirido restituído; é a exigência da justiça. Devemos ser honrados também para com Deus. Sucede às vezes contraírem-se dívidas; mas o homem leal distingue-se daquele que o não é que pela fidelidade em pagá-las logo que o pode fazer. Ora nós podemos pagar as nossas dívidas: o meio é a penitência. E sem dúvida, devemos desobrigar-nos para com Deus antes do que para com qualquer; não é ele o primeiro dos nossos credores privilegiados? A penitência é um acto de alta justiça que devemos apressar-nos a cumprir em primeiro lugar. Além disso, temos da nossa parte igualmente motivos de fazer penitência; em primeiro lugar e antes de tudo, é absolutamente necessária. Não há com efeito, senão dois caminhos para ir para o Céu: o da inocência e o da penitência (frase em latim de Luc 13,5). Os Santos Padres chamam à penitência a tábua da salvação no naufrágio; se não se quer ser submergido, é preciso agarrar essa tábua e imitar o naufrago. Por mais penosa que seja a sua situação, este agarra-se com todas as forças à tábua que apanhou, ainda mesmo que isso lhe custe ser de em quando submergido pelas ondas e beber alguns golos de água salgada. A penitência, além disso, repara tudo, restabelece tudo, restitui tudo, os méritos e a amizade de Deus. A penitência e a justificação, com efeito, não cobrem e não escondem apenas o pecado; são uma nova criação, um renascimento e um novo baptismo do homem que se torna um ser novo e retoma uma vida nova. Temos exemplos, efeitos maravilhosos da penitência na vida dos Santos (Santa Maria Madalena, S. Pedro e S. Paulo); que

vantagens não se tira da penitência! Ela proporciona-nos uma santidade elevada e assegura-nos um lugar magnífico no reino do Céu.

B – Quanto aos exercícios particulares de penitência, temos igualmente motivos para os fazer. Há em primeiro lugar, duas maneiras de praticar a penitência interior. A primeira maneira consiste no arrependimento, no bom propósito e na confissão das faltas; praticamos estes actos no exame de consciência e na confissão. O arrependimento e o propósito de emenda são o que há de principal e de mais necessário na penitência interior, porque o pecado reside na vontade e é também da vontade que deve ser expulso. A confissão é a forma exterior desta penitência; o próprio Deus a determinou.

A segunda maneira de praticar a penitência interior consiste na mortificação e na vitória sobre as paixões desregradas. Nós devemos mortificar as paixões, porque nos conduzem sempre ao pecado. São como que as garras com que o pecado e o mau espírito nos agarram e nos deitam por terra. Todos os nossos bons propósitos são mera ilusão, se não se apoiam na vontade e na resolução firmes de nos mortificarmos e de resistirmos às nossas más paixões.

Eis além disso, os motivos que temos para fazer os exercícios de penitência exterior, para mortificar os nossos sentidos. Em primeiro lugar, é de toda a justiça punir os sentidos externos, porque são, a maior parte das vezes, cúmplices do pecado ora os culpados merecem ser castigados. Além disso, os sentidos externos muitíssimas vezes a ocasião próxima de pecado. O demónio aproxima-se da alma pela porta dos sentidos, e é de lá que lança os seus dardos. Mortificar os sentidos é, portanto, tirar, por assim dizer ao inimigo, as obras exteriores, os fortes isolados da nossa alma e cortar os víveres à paixão. Por isso, todos os Santos, como aliás todos os pecadores convertidos, estão convencidos desta verdade: que o homem ganha em pureza e em força, para praticar o bem, em proporção com a sua mortificação ou com as privações que impõe ao seu corpo.

A regra indica-nos como devemos praticar a penitência ; dá-nos a medida dela justa, completa e agradável a Deus. Observar a ordem dos nossos dias, o silêncio, a exactidão, a pontualidade, a modéstia e todas as outras prescrições, é fazer uma penitência contínua e a melhor e mais útil de todas. É igualmente recolher a mirra

da penitência suportar como cumpre os trabalhos, as fadigas e as contrariedades da nossa vocação.

III – Meios de perseverar nos exercícios de penitência

Um meio muito bom para nos tornar familiar a prática da penitência, consiste em nos recordarmos frequentemente dos nossos pecados; esta lembrança nos torna muito agradáveis a Deus e nos obtém graças especiais de consolação e de protecção; além disso, mantem-nos na humildade, dispõe-nos para tudo e produz em nós o ódio precioso de nós mesmos, sem o qual a perseverança na prática da penitência não é verdadeiramente possível. É por isso que devemos repetir muitas vezes, sob a forma que nos for mais proveitosa, uma ou outra das meditações da primeira semana.

VITÓRIA SOBRE SI MESMO

A vitória sobre si mesmo é uma consequência dos exercícios da primeira semana e uma parte importante da penitência; por isso merece ser considerada numa meditação particular.

I – Exercício de vitória sobre si mesmo

A vitória sobre si mesmo não é outra coisa senão a violência ou a força moral que empregamos contra nós para vivermos uma vida conforme com a razão e com a fé; para cumprirmos o nosso dever e para sermos o que devemos ser. Chama-se também mortificação, abnegação, porque no nosso estado de natureza decaída, não podemos de modo nenhum alcançar essa vitória sobre nós sem violência e constrangimento.

O objecto da mortificação não +e propriamente a nossa natureza, nem as nossas aptidões, nem mesmo as nossas paixões, mas só o que nós temos de desordenado, isto é, de defeituoso, de perigoso e de inútil.

O fim da mortificação não é tão pouco enfraquecer, destruir e prejudicar a natureza, mas pelo contrário torna-la dócil, apta e constante no serviço de Deus e no cumprimento do nosso dever. A mortificação não é uma virtude especial, determinada. O seu objecto é a repressão das paixões, e por esse motivo tem relações íntimas com todas as virtudes, particularmente com as forças cardiais da

fortaleza e da temperança, porque estas virtudes têm por objecto próprio a repressão das paixões.

II – Motivos da vitória sobre si mesmos

A – Nós devemos vencer-nos para que, primeiramente, nos tornemos criaturas nobres, dignas de estima e felizes. Por causa do pecado original, estamos cheios de inclinações e de paixões desregradas; ora essas paixões tornam-nos disformes e aviltam-nos; formam o lado pequeno, frágil e humilhante da nossa natureza e além disso um objecto de ódio e de horror para Deus; degradam em nós a nobre e perfeita imagem da Divindade e tornam-na irreconhecível. As paixões são uma mancha e a causa de todas as nossas perturbações e de todas as nossas discórdias íntimas.

B – Nós devemos vencer-nos, em segundo lugar, para nos mantermos afastados do pecado. As paixões desregradas veem do pecado e conduzem ao pecado; cativam a nossa inteligência e o nosso juízo; enfraquecem e tiranizam a nossa vontade; conduzem-nos ao pecado de que nos tornamos por fim vítimas desgraçadas no tempo e na eternidade.

C – Nós devemos vencer-nos, em terceiro lugar, para adquirirmos as virtudes. A virtude agrada por si mesma; o que nos afasta dela encontra-se precisamente na dificuldade e na violência que exigem a sua aquisição, a sua conservação, a sua prática e o seu aperfeiçoamento. Ora a mortificação derruba esses obstáculos; ela não é, com efeito, para o cristão senão a força moral necessária para que seja o que deve ser. Temos, portanto, na mortificação a chave de todas as virtudes.

D – Nós devemos vencer-nos, em quarto lugar, para cumprirmos os deveres do nosso estado. Estes exigem igualmente coragem e fortaleza, sobretudo se quisermos viver cristãmente. O carácter sobrenatural do cristão dá e reclama maior e mais perfeita semelhança com Deus, sentimentos mais elevados e uma vida mais sublime, uma mortificação completa dos apetites desregradados e maus da natureza e uma conduta perfeita segundo Deus (Rom 8, 12-14)-

E – Nós devemos vencer-nos para que, em quinto lugar, alcançarmos graças, a consolação espiritual e méritos para o Céu. A consolação celeste é quase impossível sem a renúncia à consolação temporal e sensível. Que nos restará à hora da morte de todos os nossos méritos espirituais, senão o conjunto dos sacrifícios temporais que tivermos oferecido a Deus durante toda a nossa vida? Quantos méritos podemos adquirir para o Céu, fazendo todos os dias a Deus o sacrifício das vãs alegrias da terra?

F – Nós devemos vencer-nos, com o intuito, finalmente, de não perdermos o fruto dos exercícios espirituais. A vitória sobre nós mesmos ou a extirpação das paixões desregradas no homem não é o fim próximo dos exercícios e por consequência o fim próximo e principal, o primeiro dever de toda a vida espiritual? Esquecer isso é perder o tempo e o trabalho e querer enganar-se a si mesmo; é ignorar um axioma admitido por todos os mestres da vida espiritual. Sem a resolução de nos vencermos e sem, a prática da mortificação, não passaremos nunca à execução de tudo o que decidimos na primeira semana dos exercícios e por maioria de razão, não perseveraremos nessas decisões; efectivamente, sem a mortificação não serviremos a Deus, não seremos indiferentes para com as criaturas, não evitaremos o pecado. Devemos, pois, nesta altura tirar e admitir a conclusão final: Quem quiser conseguir o seu fim, deve evitar o pecado; quem quiser evitar o pecado deve vencer-se e mortificar-se.

III – As qualidades da mortificação

Para atingir o seu fim, a mortificação deve ter as qualidades seguintes:

A – Primeiro é preciso que ela vos sirva de fundamento e de base de operação, isto é, devemos fazer dela uso frequente, como dum princípio e não a praticar incidentalmente e ocasionalmente. O mal, por desgraça, está também erigido, por assim dizer, em princípio no nosso ser; é uma lei e uma inclinação constante em nós; por esse motivo, deve verificar-se uma oposição contrária, para que o mal não triunfe.. Um dos nossos axiomas principais na vida espiritual é que devemos vencer-nos a nós mesmos e termos a vontade de o fazer.

B – Em segundo lugar, a mortificação deve ser universal, constante e perseverante. É preciso que ela se estenda a todas as nossas paixões; é preciso que ela seja

interior e exterior e que seja praticada sem interrupção. Uma só paixão basta para nos perder. Cada uma das paixões é como que uma solitária que se renova sempre, se não se lhe presta atenção. Uma paixão não mortificada assemelha-se dalgum modo a um exército ou a uma fortaleza inimiga que se deixou na retaguarda enquanto se continuou a campanha.

C – Em terceiro lugar, a mortificação deve ser ofensiva e não só defensiva. É preciso que nos mortifiquemos espontaneamente, sem esperarmos que sejamos forçados a mortificar-nos. Se não fizermos assim, não atingiremos muitas vezes o fim, e alcançaremos sobre nós vitórias intempestivas e inúteis. Tomando a ofensiva na mortificação, tornamo-la fácil, porque está assim em exercício contínuo.

Tais devem ser as nossas disposições para com a mortificação, por mais penoso que pareça. Ela é absolutamente necessária. Além disso, não é perigoso, se virmos bem o seu fim e o seu verdadeiro objecto., se não quisermos empreender tudo ao mesmo tempo e nos deixarmos guiar. Sim, com certeza, a mortificação é fácil se se faz dela um exercício essencial e principal da vida espiritual, se se ora e se se tem um pouquinho de amor a Deus.

HUMILDADE

Não podemos deixar passar a primeira semana dos exercícios sem assentar aqui o sólido fundamento que se chama humildade. A primeira semana contribui para esse fim e se lhe adapta extraordinariamente bem e além disso o orgulho é uma paixão cuja extirpação é o resultado especial da abnegação de nós mesmos.

I – Essência da humildade

A humildade pertence à virtude cardinal da temperança e é uma parte da modéstia interior. Especialmente, a humildade é essa virtude da vontade que nos põe em estado de não nos elevarmos desmedidamente acima de nós, de não querermos ser ou parecer mais do que somos e fazer mais do que realmente podemos. Ela modera por conseguinte todos os acessos do orgulho que quer sempre figurar, elevar-se e empreender mais do que a recta razão o permite.

II – Condições e prática da humildade

A – A condição da humildade é o conhecimento de nós mesmos, apreciação justa e moderada das nossas próprias qualidades. A primeira semana serve maravilhosamente para atingir esse fim. Ela é um espelho fiel; coloca diante dos nossos olhos ed mostra-nos de modo claro e distinto, (frase em latim). Mostra-nos em primeiro lugar, o que somos na ordem natural. M meditação do “Princípio e do Fundamento”, que digo eu? A primeira palavra dessa meditação faz-nos gozar duma vista de olhos imensa sobre a nossa natureza e sobre todo o nosso ser. Nós não somos senão criaturas, por conseguinte, não somos, de nós mesmos, senão a fragilidade, a impotência, o finito e o nada de todas as maneiras; por natureza, somos a própria fraqueza e não nos apoiamos em nada. Esta vista estende-se e alarga-se mais na meditação sobre os pecados pessoais, quando consideramos o que é cada um de nós, corporal e espiritualmente, em comparação de todos os homens, de todos os Anjos e do próprio Deus; que é então a nossa inteligência, que é a nossa memória, que a nossa vontade, que são todos os nossos méritos e todas as nossas virtudes? Que pobreza, que fraqueza, que triste dura necessidade, que triste dura miséria, não nos descobre enfim a meditação da morte? As consequências da morte cruel são uma total dissolução e um completo desaparecimento. Durante algum tempo de nós, julgam-nos e depois já não se fala de nós. (frase em latim Sl. 38,7)

Além disso, a primeira semana mostra-nos o que somos na ordem sobrenatural. A meditação sobre o tríplice pecado revela-nos a possibilidade pelo menos e o triste facto do pecado grave e isto nos seres superiores, nas criaturas preeminentes, nos nossos primeiros pais e nos Anjos A meditação dos pecados pessoais ensina-nos a mesma coisa em relação a nós. E qual é a primeira lição que nos dá a meditação sobre o Inferno, se nós pecamos gravemente? Ela faz-nos descobrir primeiro que tudo, no pecado grave, a maior loucura a falta absoluta de carácter, uma infâmia, uma baixeza e uma ingratidão incomparáveis. Pode haver nada de mais desonroso do que ter escapado ao Inferno?

B – Tal é pois, o triste espelho que nos apresenta a primeira semana e tal é ao mesmo tempo o fiel conselheiro que nos diz com toda a franqueza o que nós somos. Nós vemos assim quantas razões temos para sermos humildes e como

podemos mostrara efectivamente que somos humildes. Devemos antes de mais nada ter uma baixa opinião e estar contentes se outros partilham essa opinião; não devemos querer brilhar e fazer-nos notar, mas devemos fazer-nos pequenos e desprezíveis em toda a realidade, mostrando quando a ocasião se oferecer, tudo o que somos. A eficácia da humildade resulta já do simples conhecimento de nós mesmos que nos dá a primeira semana; e é nossa obrigação não terminar esta sem termos colocado em nós o sólido fundamento da humildade para toda a nossa vida.

III – Motivos

Temos vários motivos para regular e dirigir a nossa vida segundo este conhecimento de nós mesmos, fornecido pela humildade.

A – Primeiramente avancemos assim realmente na verdade; porque a humildade é a verdade; aliás não somos senão mentiras, objectos de escárnio e de horror para Deus.

B – Além disso, há nesta humildade uma grande vantagem para toda a vida espiritual. Quantas faltas e defeitos evitamos por essa forma! A negligência na oração, a dificuldade em nos submetermos à vontade de Deus, a independência, as queixas contra os superiores, a falta de abertura de consciência com elas, a pretensão de fazer valer os nossos direitos, a intolerância para com o próximo, o desprezo dos outros, a inveja, a maledicência, as críticas; é, pelo que nos diz respeito, o descontentamento que experimentamos da nossa situação e do nosso emprego, a susceptibilidade, o apego às honras, o receio do mau êxito, o desânimo e o desespero na vida espiritual. Como a vida de sacrifício á fácil quando nos odiamos e não nos esquecemos de ter merecido o Inferno! Só com esta condição é que Deus nos concede as suas graças e os seus dons particulares e é que nós evitamos a desgraça de abusar de tudo.

C – Finalmente, a humildade é uma virtude bela, tocante, sublime, e a melhor disposição para se imitar a vida do Salvador. Em todos os casos, nós seguimos de boa vontade e generosamente, se formos humildes.

2ª semana – A VIDA OCULTA DO SALVADOR

I – Vida de obediência

Começa agora a vida oculta, esse tempo tranquilo e agradável, essa santa obscuridade, essa existência cheia de majestade e de profundos mistérios! Essa vida, incluindo a estada no Egito, dura trinta anos completos; é um tempo muito longo. E que faz o Salvador durante esse tempo? Os Evangelhos apócrifos referem toda a sorte de maravilhas da vida oculta. Mas a Sagrada Escritura não diz senão quatro palavras a tal respeito: Ele desceu a Nazaré e estava-lhes sujeito (Luc 2,51).; era o filho dum carpinteiro (Mat 13,55).; e crescia em idade e sabedoria (Luc 2,52).

Tais são as quatro partes principais da vida oculta do Salvador: vida de obediência, vida de obscuridade, vida de trabalho, vida de progresso, eis o resumo da vida de Jesus em Nazaré: Vida de obediência

I – Sentimentos do Salvador a respeito da obediência

A – A obediência é a virtude que torna a nossa vontade pronta e dócil em executar as ordens dos legítimos superiores. A pessoa do superior tem direito ao nosso respeito, ao nosso amor e à nossa obediência. Trata-se pois, para nós, obedecendo, de fazer a vontade mediatamente a vontade de Deus e imediatamente a vontade do homem que manda em lugar de Deus.

B – Quais são os sentimentos e a disposição da vontade do Salvador relativamente à obediência? Falando a Sagrada Escritura, de modo especial da sua obediência, e não fazendo, por assim dizer, sobressair senão esta vontade no período da sua vida oculta, devemos crer que a obediência não foi então apenas uma regra exterior da conduta de Jesus, uma virtude passageira e de circunstância, mas sim o fim dos seus desejos, das suas intenções e dos seus planos, o dever próprio de uma vida. Por conseguinte, Nosso Senhor não quer, em primeiro lugar, a priori, fazer isto ou aquilo, para em seguida pôr as suas acções de acordo com a obediência; mas quer, antes de mais nada, obedecer e só obedecer; tudo o mais deve ser determinado e dominado por isso. Não tem antecipadamente outros desígnios senão obedecer. E contudo, quem é Ele? A Sabedoria infinita, a Omnipotência e a Santidade de Deus. E a quem é que obedece? Qual é a vontade que toma como regra da sua vida e das suas acções? A vontade de seus Pais que são na verdade, bons e santos, mas que em todo o caso, não o igualam em

sabedoria e dignidade. Compreende e sabe tudo mais perfeitamente do que eles, mesmo se se trata das coisas que lhe ordenam.

C – Tais são portanto, os sentimentos do Salvador em relação à obediência; devem ser também os nossos. É preciso que a obediência não seja para nós uma virtude accidental e de ocasião, mas uma obrigação da nossa existência, um dever de estado e o objecto de todos os nossos desejos. A matéria da obediência ou mesmo o resultado exterior da obediência pouco importam, mas importa muito que se faça o que é mandado ou que se obedeça. Vós não tomastes o compromisso de vos tornardes sábias, grandes conferencistas, célebres escritoras, mas de observar a obediência.

II – Qualidades da obediência de Jesus

A maneira como o Salvador obedece corresponde bem aos sentimentos que ele tem da obediência.

A – Jesus obedece em todas as coisas, agradáveis ou desagradáveis, grandes ou pequenas, quer se trate de ordens dadas, quer simplesmente de desejos expressos por seus Pais. A sua obediência não se exerce, para falar com exactidão, senão sobre objectos exteriores e indiferentes; mas tudo é importante para ele e merece a sua obediência.

B – Na execução, Jesus em primeiro lugar obedece com obediência de juízo perfeita, considerando como justo e equitativo tudo o que lhe é mandado, ainda que não seja em si mesmo o melhor e o mais prudente; além disso, obedece com obediência perfeita de vontade, com uma vontade que está em completo acordo com a vontade de seus Pais, com profundo respeito para com Deus de quem Maria e José são representantes e também com grande amor de Deus. Sem essa relação com Deus, a obediência não tem mérito algum, nenhuma duração e nenhuma dignidade; é pelo contrário, o aviltamento e a degradação de nós mesmos. Não se deve ver no Superior senão a imagem de N.S. Jesus Cristo. Que a imagem seja feita com arte ou de modo grosseiro, de matéria preciosa ou vil, isso não importa de modo nenhum; a obediência considera e honra a Cristo no Superior a quem obedece.

Exteriormente o Salvador obedeceu com pontualidade, com extraordinária facilidade, de modo, de modo amável e com alegria. Seus Pais têm a convicção de que não se lhe pode proporcionar maior prazer do que a de lhe mandarem fazer qualquer coisa; se não fosse isso, não ousariam dar-lhe ordens. Enfim, a obediência de Jesus é perseverante; ele permanece sujeito à autoridade imediata de seus Pais durante muito mais tempo que os outros filhos, até aos trinta anos.

III – Motivos da obediência do Salvador

São três os principais.

A – O primeiro motivo da obediência de Jesus é a grande honra que dela resulta para Deus. Deus quer que as criaturas sejam conduzidas ao seu fim por criaturas. Esta vontade de Deus ou esta lei da obediência estende-se até onde quer que existam seres criados; e da observância desta lei resultam tanto mais a glória e a honra de Deus quanto a criatura se submete não só a Deus pessoalmente, mas ainda a qualquer outro que ocupe o lugar de Deus.

B – O segundo motivo da obediência do Salvador encontra-se na beleza e excelência desta virtude. O homem, obedecendo, oferece a Deus o sacrifício mais perfeito, o da sua própria vontade e da sua própria liberdade. Ora, com a vontade do homem, Deus tem o homem todo inteiro, e assim se torna de modo efectivo senhor dele. Além disso, a excelência da obediência manifesta-se pelas numerosas virtudes que ela faz praticar, a saber: a vitória sobre nós mesmos, o espírito de fé, a humildade e a confiança em Deus. Deus vê tudo o que se faz sobre a terra durante a vida oculta de Jesus e, certamente, fazem-se muitas coisas e grandes coisas; todavia, nada proporcionava tanto prazer e tanta honra a Deus como as acções da vida tranquila e obediente do Salvador. Deus então pode dizer sem cessar: “Este é o meu Filho muito amado no qual pus todas as minhas complacências.

C – Nós mesmos éramos o terceiro motivo pelo qual Jesus se fez obediente; com efeito, a obediência é de grande importância para nós. Não devemos todos nós obedecer? E ninguém pode subtrair-se à obediência. Da fidelidade a esta virtude dependem não só a prosperidade do fervor e o bem dos indivíduos, mas ainda a boa ordem e a estabilidade da sociedade humana. Muitas vezes também a

obediência é difícil e impõe penosos sacrifícios. O Salvador pratica a obediência durante tanto tempo e tão perfeitamente, em primeiro lugar para tornar meritória a nossa obediência, em seguida para nos dar em si mesmo um modelo perfeito dessa virtude e enfim para nos inspirar coragem nas dificuldades. Jesus deve ser, pois, na sua vida oculta o nosso modelo e o motivo das nossas acções. É preciso que tenhamos a respeito da obediência as mesmas ideias e os mesmos sentimentos que ele.; é preciso que obedeçamos da mesma maneira e pelas mesmas razões que ele, sobretudo nas dificuldades. O Salvador prevê essas dificuldades e ensina-nos com o seu exemplo, a vence-las. Somos nós mais prudentes e mais santos do que ele? Como se deixa manejar pela obediência! Não é na verdade um talento enterrado na obediência? Em todo o caso, N. Senhor Jesus Cristo é a solução das dificuldades: foi obediente até à morte, e por causa disso, devemos estar firmemente resolvidos a perder a vida antes que desobedecer. As dificuldades da obediência proveem, de resto, de três lados; primeiramente não fazemos da obediência um dever da nossa vida, mas consideramo-la como uma obrigação acessória e passageira; em segundo lugar, não se vê Deus na obediência; em terceiro lugar, não se aprecia, não se estima bastante esta virtude. Enquanto obedecemos, podemos estar satisfeitos e, o que é mais, plenamente tranquilos na nossa consciência. Um santo Sacerdote, o P. Ferrari, respondia àqueles que o lastimavam porque a sua idade e a sua fraqueza o impediam de trabalhar e de agir: “eu ainda poderei fazer muito se souber obedecer”.

Vida de obscuridade

I – Como o Divino Salvador se propõe, pela sua vida oculta combater a ambição.

A – O segundo traço ou o segundo elemento da vida de Nazaré, é a obscuridade. Por esse motivo esta vida se chama também, “vida oculta”.

B – E que intenção tem o Salvador vivendo essa vida? Evidentemente, quer com ela combater a nossa ambição. Com efeito, a ambição é uma parte do orgulho; consiste na inclinação, na tendência desordenada que nós temos a sermos honrados e considerados pelos outros, ou então no desejo desmedido da estima, do louvor e da glória.

II – Porque é que o Salvador combate a ambição?

A – O primeiro motivo que ele tem para combater este vício é a existência desta paixão em nós; porque ela está em nós e em cada um de nós. Estamos todos infectados do pecado original, corrompidos e roídos por este mal. O grande mentiroso, a antiga serpente, escreveu no livro da genealogia de todos nós estas palavras: “sereis como deuses”, e estas palavras estão profundamente gravadas no nosso espírito e no nosso coração. Tenhamos, pois, a convicção íntima da grande necessidade para nós de combater a ambição.

B – O segundo motivo que o divino Salvador tem de a combater, é inanidade desta paixão. Esta inanidade aparece claramente, em primeiro lugar, se considerarmos o seu efeito, o qual não é outra coisa senão a estima, o louvor de a glória dos homens. A estima, o bom conceito é certamente alguma coisa de nós, mas não somos nós; ela é, por assim dizer, a sombra e o espelho de nós mesmos no espírito dos outros. Quem ligará importância a essa sombra e correrá atrás dela? A consideração dos homens não é senão um bem exterior e não nos torna de modo nenhum melhores; é um bem puramente imaginário e assemelha-se à nossa sombra; com efeito, a estima que os homens têm por nós é quase sempre errônea, muitíssimas vezes acima ou aquém da verdade, e frequentemente faz de nós verdadeiras caricaturas. Porque fazer então caso dela? Em segundo lugar, a inanidade da ambição sobressai bem quando reconsideramos as pessoas de quem esperamos a glória. São homens, tantas vezes enganados ou exagerados nos seus pensamentos e nos seus juízos, tantas vezes joguetes das suas ilusões ou das suas paixões, homens enfim, seres miseráveis e mendigos, como nós, que não julgaríamos sequer dignos dum dos nossos olhares, se não nos elogiassem, mas que precisamente por esses motivos, se tornaram grandes personagens aos nossos olhos. Imitamos então Demóstenes. Um dia que ele passava perto dumas lavadeiras, uma delas disse a uma das suas companheiras: olha! aquele é Demóstenes. Estas palavras agradaram tanto a este último, que exclamou: mas esta mulher recompensa-me de todos os trabalhos e sofrimentos que suportei para me tornar um grande orador! Em terceiro lugar a inanidade desta paixão revela-se com a evidência, se se examinam as próprias coisas pelas quais os homens procuram a glória e a consideração. Sem dúvida, a primeira e a melhor destas coisas é o

talento, o gênio; mas, se o temos, de quem o recebemos? Por ventura, o jumento da América deve orgulhar-se e erguer mais alto as orelhas, porque leva no dorso pó de ouro da cordilheira dos Andes? Assemelhamo-nos a este animal, quando nos estimamos pelos talentos que Deus nos dispensou gratuitamente. Aquele que tiver talento não deve envaidecer-se com isso; outros os possuiriam também se Deus lhes tivesse dado. Eu bem quisera ser um grande orador, um grande poeta e um grande escritor, mas ai!... Certamente eu seria tudo isso se Deus quisesse. Outros procuram atrair a atenção e tornar-se célebres pela elegância da sua estatura, pela beleza da sua voz, pela fresca tez, pela nobreza da sua origem, ou então pela riqueza dos seus vestidos e dos seus adornos; mas todas estas vantagens não lhes pertencem como próprias, são d'outrem, são emprestadas. Outros finalmente procuram a glória no pecado, na mentira ou nas coisas imagináveis. Em quarto lugar, a vaidade da ambição manifesta-se na maneira como queremos fazer-nos notar no mundo. Não podemos suportar os esquecimentos e as faltas de atenção e julgamos não nos ser possível viver sem consideração e sem louvores. Por isso, vede esses homens, essas mulheres, que procuram aparecer, mostrar-se, fazer-se notar em toda a parte; puseram, por assim dizer, a saque toda a criação arrebatando-lhe todo o seu ouro, as suas pedras preciosas, as suas penas, as suas flores, os seus perfumes..., e adornarem-se a si próprios com os despojos dos quatro reinos da natureza; edificam, como os reis do Egito, palácios, mausolés e pirâmides, para neles viverem ed neles serem sepultados. Mas quanto tempo dura a ilusão e até onde é que ela chega muitas vezes?... De tudo isto se vê claramente que a paixão da glória e das honras não é senão uma grande futilidade e uma pura vaidade.

C – A malícia da ambição é o terceiro motivo pelo qual Nosso Senhor combate esta paixão.. A malícia da ambição vem em primeiro lugar da sua origem que não é outra senão o abandono de Deus, a revolta contra ele, como verificamos quer nos Anjos, quer nos nossos primeiros Pais; provém em segundo lugar da sua inclinação constante em se pôr no lugar de Deus; finalmente, aparece nos seus efeitos, os quais são funestos tanto à sociedade como aos indivíduos. A ambição torna os

indivíduos inquietos, infelizes e ridículos; para que nos convençamos disso, basta que notemos por uma vez todos os pensamentos de que se enche o nosso pobre cérebro. Além disso, esta paixão estraga a nossa virtude, os nossos méritos e o nosso carácter, o qual perde completamente ou em parte a sua firmeza, a sua lealdade e a sua franqueza aos olhos de Deus. Isto é sobretudo verdadeiro quando se trata de almas consagradas que nos seus trabalhos não procuram a glória de Deus, mas a sua própria glória.. Na sociedade, na vida de comunidade, a ambição é a inimiga da paz e da boa harmonia; torna-se uma fonte de inveja, de ciúmes e de perturbações de toda a espécie, o princípio das ilusões enganadoras e das pretensões exageradas e enfim o adversário de toda a autoridade. As reformas protestantes, as revoluções, todas as heresias e todas as catástrofes humanas resultam da ambição. Este vício é pois, o nosso mais mortal inimigo; o Divino Salvador não podia fazer nada de melhor, de mais salutar e de mais útil do que ensinar-nos o meio de nos corrigirmos dele.

III - Como Nosso Senhor procede contra a ambição

O Divino Salvador, em Nazaré, combate a ambição de todas as maneiras, vivendo em retiro e ocultando-se o mais possível..

A – Antes de mais nada combate a ambição pela escolha do lugar onde quer habitar. Nazaré é uma pequena cidade, situada na parte solitária dum vale, no centro das montanhas da Alta-Galileia. Esta localidade nunca é mencionada no Antigo Testamento e não parece, no Novo, gozar de boa reputação (Jo 1,46); mas tem a seu favor os bons ares e goza de belas vistas e de magnificas perspectivas. Em Nazaré, Jesus está, pois, à parte e ao abrigo, bem “separado”, “Nazareno”, dos outros homens (Mat 2,23)

B - O Divino Salvador opera contra a ambição escolhendo pais pobres, decaídos duma alta classe, sem cargos públicos e obrigados a viver do trabalho de suas mãos.

C – O gênero de vida que ele abraça serve ainda a Jesus de meio para combater a ambição. Os Judeus estimam sem dúvida muito a profissão de artista, mas juntam a essa profissão os estudos elevados e científicos, a explicação e a transcrição das Sagradas Escrituras. Quanto ao Divino Salvador, passa quase toda a sua vida em ocupações inteiramente ordinárias, às quais cada qual se pode entregar, mas que nunca proporcionaram glória a ninguém. Não parece ter frequentado as escolas, pelo menos as escolas superiores (Jo 7,15).

D – Finalmente, Jesus oculta, por humildade, as suas qualidades pessoais. A sua graça e a sua beleza desenvolvem-se como a violeta dos campos e a rosa dos Alpes, no sítio mais retirado do vale; só os Anjos o admiram. Ninguém tem a ideia e o pressentimento do seu poder e da sua sabedoria. Nas circunstâncias em que se mostra, poderia perfeitamente deixar escapar alguns raios dessa sabedoria e iluminar com eles ao menos o círculo restrito dos seus concidadãos e o recinto modesto da cidade que habita; poderia, por exemplo, diante dos seus compatriotas, emitir o seu juízo acerca dos acontecimentos do dia, explicar-lhes as Escrituras, dar-lhes conselhos sobre os negócios de suas famílias ou do seu país, revelar-lhes os segredos dos corações no interesse da salvação das almas, mas não o fez. Esconde também a sua santidade e não a mostra senão tanto quanto convém a um menino piedoso e a um jovem exemplar. Nosso Senhor retira-se e esconde-se de tal maneira que Natanael, que habita apenas a algumas léguas de Nazaré, na cidade de Caná, não sabe nada a respeito dele e aqueles que o conhecem sabem apenas que é o filho do carpinteiro. É assim que Jesus desce com efeito de Nazaré (Luc 2,51) ao fundo do abismo da obscuridade e da humildade.

É possível? É real? Jesus que se esconde assim, é a Sabedoria eterna, o Poder infinito, a Santidade por essência! Que poderia ele fazer bem durante esse tempo e nessas circunstâncias?... Há alguma coisa muito importante a realizar: dar-nos o exemplo, abraçando com amor a humildade e declarando guerra de morte à ambição. Ele, o “operário”, Faber, trabalha para fazer um esquiife e aí meter o nosso orgulho e a nossa ambição Já trabalhou nele por ocasião do seu nascimento e no exílio do Egípto; trabalha agora nele durante a sua vida oculta; e nele trabalhará

ainda mais tarde, durante a sua vida pública; depois da sua morte, na Eucaristia, onde continuará sua vida oculta; e enfim na sua Igreja, que estará sempre na humilhação e no abatimento, sempre envolvido em nuvens e trevas, sem que deixe ver toda a luz e todo o esplendor dessa divina Esposa, não mais que a plenitude da sua própria glória. A nossa vaidade não terá, pois, fim? Como poderemos doravante ser assaz ambiciosos para procurarmos o louvor e a consideração e para nos abandonarmos à tristeza, se uma e outro nos fogem? Como podemos querer ser notados, quando o Filho de Deus se esconde, ser honrados, quando o Messias é desconhecido sobre a terra; receber uma recompensa perfeita, quando Jesus não chegou neste mundo à plenitude da sua glória? Mas o nosso coração reclama. Ele quer ser consolado pelo reconhecimento, sustentado pelas honras. e recolhamo-nos na presença do Senhor. Pensamos que a fama entre os homens é verdadeiramente alguma coisa de grande? Se assim fosse, Nosso Senhor teria escolhido e querido a celebridade no mundo. Mas conviria de facto ao Filho de Deus tornar-se famoso sobre a terra pela sua nobreza, pelo seu talento, pela sua beleza, ou por qualquer outra qualidade? Os filhos dos homens podem comparar-se ouropéis da vaidade, mas Deus nunca. Os raios da verdadeira glória, mesmo sobre a terra, não nos serão jamais tirados, se formos dignos deles. O próprio Divino Salvador nos recompensará e dará aos nossos corações todas as satisfações que ele deseja. Hoje a nossa vida está escondida com Cristo; mas seremos mais tarde glorificados com ele, quando se mostrar em toda a sua glória Col 3, 3 e 4)

